

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL – UCS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO E HOSPITALIDADE**

DENISE DE SOUZA

**A DISCURSIVIZAÇÃO DO TRABALHO NO JARDIM BOTÂNICO DE PORTO
ALEGRE: TURISMO, SUJEITO E SENTIDOS**

**CAXIAS DO SUL
2015**

DENISE DE SOUZA

**A DISCURSIVIZAÇÃO DO TRABALHO NO JARDIM BOTÂNICO DE PORTO
ALEGRE: TURISMO, SUJEITO E SENTIDOS**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção de título de Mestra, Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade. Linha de Pesquisa: Turismo, cultura e educação.

Orientadora: Prof^a. Dra. Luciene Jung de Campos.

Co-Orientadora: Prof^a Dra. Susana de Araújo Gastal.

CAXIAS DO SUL

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

S729d Souza, Denise de, 1988
A discursivização do trabalho no Jardim Botânico de Porto Alegre :
turismo, sujeito e sentidos / Denise de Souza. – 2015.
129 f. : il. ; 30 cm

Apresenta bibliografia.
Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa
de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2015.
Orientador: Prof. Dr. Denise de Souza.

1. Turismo – Porto Alegre (RS) . 2. Jardim Botânico (Porto Alegre,
RS). 3. Análise do discurso. 4. Trabalho – Aspectos psicológicos. 5.
Psicologia social. I. Título

CDU 2. ed.: 338.48-44(816.5PORTO ALEGRE)

Índice para o catálogo sistemático:

1. Turismo – Porto Alegre (RS)	338.48-44(816.5PORTO ALEGRE)
2. Jardim Botânico (Porto Alegre, RS)	58:069.029(816.5PORTO ALEGRE)
3. Análise do discurso	81'42
4. Trabalho – Aspectos psicológicos	331.47:159.9
5. Psicologia social	316.6

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Ana Guimarães Pereira – CRB 10/1460

**“A discursivização do trabalho no Jardim Botânico de Porto Alegre:
turismo, sujeito e sentidos”**

Denise de Souza

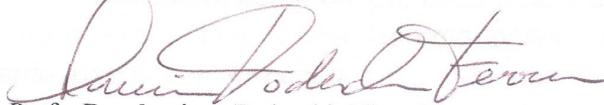
Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo, Área de Concentração: Desenvolvimento Regional do Turismo.

Caxias do Sul, 11 de setembro de 2015.

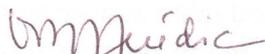
Banca Examinadora:



Prof. Dra. Luciene Jung de Campos (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul



Prof. Dra. Luciane Todeschini Ferreira
Universidade de Caxias do Sul



Prof. Dra. Vania Beatriz Merlotti Herédia
Universidade de Caxias do Sul



Prof. Dra. Solange Mittmann
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agradecimentos

É impossível construir sem a presença do outro, por isso agradeço pelo auxílio nas minhas construções e desconstruções ao longo dos dois anos de Mestrado...

Agradeço aos meus pais, Eva e Valmor, por terem sempre me dado meios para atingir meus objetivos e às demais pessoas que conviveram comigo diariamente nos últimos anos, não citarei seus nomes aqui, pois agradecerei pessoalmente uma por uma e pagarei todas as promessas feitas para “depois do Mestrado”!

Agradeço aos queridos Jardineiros e Jardineiras que cederam seu tempo, suas falas, com isso compartilhando de seu trabalho e seu carinho pelo Jardim. Também à Fundação Zoobotânica por permitir a realização da pesquisa no espaço do Jardim Botânico e aos trabalhadores do setor de atendimento ao visitante.

A CAPES, pelo apoio financeiro, através de seus programas de bolsas, por conta disso consegui realizar o curso em uma cidade distante de minha residência.

Agradeço imensamente à minha “DESorientadora” Profa. Dra. Luciene Jung de Campos, por seu acolhimento e gentileza desde o primeiro encontro, pela paciência em mostrar formas para que eu conseguisse me abrir às novas construções e por apresentar o mundo do Trabalho no Turismo e da Análise do Discurso, temas pelos quais serei eternamente envolvida e aprendiz.

Agradeço à minha Co-orientadora, Profa. Dra. Susana de Araújo Gastal, por trazer “alma” para as pesquisas no Turismo e compartilhar seus conhecimentos de forma tão humilde e sem imposições, pela sua disposição em auxiliar qualquer aluno que lhe procure, como professora, como amiga, cada dica e aconselhamento foram importantes. E a doce Profa. Dra. Vânia Herédia pelas contribuições com seu imenso conhecimento, desde a qualificação.

Agradeço aos amáveis Professores: Prof. Dr. Sílvio Vianna, Profa. Dra. Luciane Ferreira, Prof. Dr. Eurico de Oliveira, por além de conhecimentos compartilhados, terem sido presentes além dos horários de aula, oferecendo sempre amizade e incentivo, além das caronas em terríveis dias de frio e chuva.

A irmã de Mestrado, Leidh Jeane, você tornou tudo mais divertido nos períodos em Caxias! Aos amigos Vanessa, Aline, Betânia, Renan, Camile, Carol, Charlene, Cleomar e Sérgio: obrigada por dividirem comigo tantas coisas! A Regina, grande responsável por fazer o Programa funcionar. Aos queridos Bolsistas da iniciação científica: Stefany, Macuri e Mônica, e também ao Felipe, do Grupo de Pesquisa sobre Jardins, pelos auxílios na pesquisa!

Agradeço também aos demais Professores do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade UCS, pelas contribuições acadêmicas dentro de suas

possibilidades e aos Professores da Graduação em Turismo-Unilasalle pelas introduções à pesquisa que me despertaram para o mundo acadêmico.

“Todo jardim começa com uma história de amor, antes que qualquer árvore seja plantada ou um lago construído é preciso que eles tenham nascido dentro da alma. Quem não planta jardim por dentro, não planta jardins por fora e nem passeia por eles.”
Rubem Alves

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Espécie citada como uma das preferidas por Jardineiro entrevistado	15
Figura 2 - Jardineiros trabalhando na criação de canteiros, no início dos trabalhos no Jardim Botânico.....	23
Figura 3 - Mapa do Jardim Botânico e sugestão de roteiro	26
Figura 4 - Jardineiro em dia de trabalho.....	30
Figura 5 - Cenário no setor de plantas medicinais, elaborado por jardineiro	45
Figura 6- Esquema de análise das anotações de Diário de Campo.....	53
Figura 7- Cena da Reportagem mostrando espaços sem manutenção no Jardim Botânico de Porto Alegre.	55
Figura 8- Espaços do JBPOA após recebimento dos novos jardineiros e trabalhadores da manutenção.....	56
Figura 9- Novos canteiros no JBPOA, trabalho dos jardineiros em imagens	56
Figura 10- Esquema de transformação de falas para texto e de textos para discursos	58
Figura 11- Esquema de análise do texto do edital de funções do Jardineiro	59
Figura 12 - Beldroega.....	61
Figura 13 - Erva Cidreira	62
Figura 14 - Mentha Piperita	62
Figura 15 - Paineira.....	63
Figura 16 - Jamim-Manga	63
Figura 17 - Atividades diárias no trabalho dos Jardineiros.....	65
Figura 18 - Dia de trabalho no Jardim Botânico de Porto Alegre	76
Figura 19 - Domingo de visitação durante evento no JBPOA	97

RESUMO

Esta pesquisa analisa as relações entre Turismo, Sujeito e Trabalho, sob a perspectiva dos jardineiros, no espaço do Jardim Botânico de Porto Alegre. A investigação deu-se a partir da posição do trabalhador no campo de atividade turística, e dos jardins como locais de possibilidade para o lazer. O conceito de trabalho tomado para esse estudo é o da Psicodinâmica do Trabalho, de abordagem dejouriana. O suporte metodológico é oferecido pelos conceitos da Análise de Discurso Francesa pecheutiana. A construção analítica se viabiliza através da extração de sequências discursivas das entrevistas e das anotações em Diário de Campo. Os resultados da pesquisa identificaram e situaram a defasagem entre o trabalho prescrito e o trabalho real dos jardineiros. O conceito de Formação Discursiva permitiu observar alianças e confrontos nos rearranjos da Organização do Trabalho, articulados por esses trabalhadores. A relação entre o visitante, turista cidadão, e o trabalhador jardineiro mostrou-se significativa, pois está ancorada no reconhecimento da originalidade e utilidade do trabalho do jardineiro, condição para o prazer no trabalho e para a saúde mental do trabalhador.

Palavras-chave: Turismo; Trabalho; Jardim Botânico; Análise de Discurso;

ABSTRACT

This research analyzes relations between Tourism, Subject and Work from the perspective of the gardeners of the Porto Alegre Botanical Garden. The research investigates the worker's position relating to tourism, and the botanical gardens as places of opportunity for leisure. The concept of work in this study is the same concept of the theory of Psychodynamics Of Work, dejourian approach. The concepts of the French Discourse Analysis of Pêcheux are the methodological support of research. The construction of the analysis was done by extraction of discursive sequences from interviews and notes in field diary. The survey results identified and located the discrepancy between prescribed work and real work of the gardeners. The concept of the Discursive Formation showed alliances and confrontations in rearrangements of Work Organization articulated by these workers. The relationship between the visitor, tourist citizen, and the gardener worker shows up significantly because it is based on the recognition of the originality and usefulness of the gardener's work, condition for pleasure at work and mental health of the worker.

Key Words: Tourism; Work; Botanical Garden; Discourse Analysis;

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 TURISTA CIDADÃO E JARDIM BOTÂNICO DE PORTO ALEGRE: ESTRANHAMENTO PARA CIDADANIA	15
2.1 O turismo em Jardins Botânicos	17
2.2 Jardim Botânico de Porto Alegre	22
3 O TRABALHO NO TURISMO: ENFOQUES E ABORDAGENS	30
3.1 A contribuição da Psicodinâmica do Trabalho	37
3.2 Organização do Trabalho.....	39
4 CONSTRUÇÕES TEÓRICO- ANALÍTICO METODOLÓGICAS.....	45
4.1 Análise do Discurso Francesa.....	46
4.2 Participantes das entrevistas	52
5 A TAREFA PRESCRITA E O REAL DA TAREFA: OS CONTRAPONTO DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	65
6 O CONCEITO DE FORMAÇÃO DISCURSIVA PARA ANALISAR O TRABALHO NO JARDIM BOTÂNICO	76
7 O TRABALHADOR DO JARDIM BOTÂNICO E SUA ABERTURA AO OUTRO: PREPARAÇÃO PARA VISITAÇÃO.....	97
8 CONCLUSÃO	110
ANEXO A – FUNÇÕES DE CONTRATAÇÃO DOS JARDINEIROS DO JARDIM BOTÂNICO DE PORTO ALEGRE.....	124
ANEXO B – OS CENÁRIOS DO JARDIM BOTÂNICO DE PORTO ALEGRE	125
APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS JARDINEIROS	127
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	128

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como ponto de partida, a análise das relações turismo, sujeito e trabalho, sob a visão dos jardineiros da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (FZB), no espaço do Jardim Botânico de Porto Alegre (JBPOA). As análises das relações serão possíveis a partir da construção dos sentidos para os sujeitos enquanto trabalhadores e as formas de inscrição desses sujeitos, em seu local de trabalho, o qual recebe diariamente visitantes com diversificados motivos de visitação. A importância de interpretar o que é dito baseia-se na justificativa de que vários sentidos não são identificados em primeira impressão, dificultando a compreensão dos diferentes significados de um mesmo fato, bem como dos fatores que o influenciam.

Diante do presente tema da constru o de sentidos e a rela o entre turismo, sujeito e trabalho, buscou-se suportes teórico-metodológicos que contemplassem formas de realizar as análises e que permitissem a investiga o dos objetivos da pesquisa. O estudo é um recorte de conceitos da Análise de Discurso Francesa, desenvolvida por Michel Pêcheux, e da Psicodinâmica do Trabalho de Christophe Dejours. E, justamente, por envolver rela es sociais de desigualdade onde o poder determina o lugar do sujeito,   que se deve esmiuçar, a partir do discurso do trabalhador, o não dito em suas palavras, contrapondo com as teorias que pensam e descrevem as rela es sociais por meio do trabalho humano e da constru o de sentido para o sujeito.

Christophe Dejours, doutor em Medicina, especialista em Medicina do Trabalho e em Psiquiatria, Psicanalista, é um pesquisador contemporâneo que transformou a Psicodinâmica do Trabalho em ciência, tendo como ponto inicial a Psicopatologia, analisando as rela es de trabalho e os resultados das cargas ps icas nos trabalhadores (FRANCO, 2004). A teoria surge a partir do aumento da diferencia o entre concep o e execu o do trabalho e os prejuízos   saúde física e mental dos trabalhadores, baseia-se na crítica ao movimento taylorista e “demonstra que é a organiza o do trabalho a responsável pelas consequências

penosas ou favoráveis para o funcionamento psíquico do trabalhador” (MENDES, 1995, p.34). A Psicodinâmica do trabalho foi construída considerando a ótica da Psicanálise, na obra de Freud.

O viés metodológico é o da Análise do Discurso (AD), dispositivo teórico analítico que se baseia na obra de Michel Pêcheux, de origem francesa, foi criada com o objetivo de “desautomatizar a relação com a linguagem, donde sua relação crítica com a linguística” (FERREIRA, 2003, p.14). Orlandi (2001, p.3), afirma que “para compreender é preciso teorizar. É preciso não só se reconhecer, mas fazer o esforço de conhecer. É aceitar que a linguagem não é propriedade privada. É social, é histórica. Não é transparente”. Buscou-se, portanto, nas entrevistas com os jardineiros, conhecer o que estava sendo dito e analisar o não dito no espaço de possibilidade turística, que é seu local de trabalho, o Jardim Botânico de Porto Alegre.

O problema de pesquisa foi elaborado pensando no trabalho como atividade presente no cotidiano das pessoas, inserido como uma necessidade que vai além da sobrevivência e que ocupa grande parte do tempo dos trabalhadores brasileiros. Não é possível ir até o local de trabalho, fazer o que lhe é determinado e ignorar as interferências das tarefas no sujeito que passa por isso em seu dia-a-dia. De modo a atender ao propósito da pesquisa, partiu-se dos seguintes questionamentos que contemplavam os aspectos supracitados: a) Quais as atribuições e responsabilidades (tarefa prescrita e tarefa possível- tarefa real) dos trabalhadores do Jardim Botânico de Porto Alegre? b) Quais os sentidos do espaço Jardim Botânico para o trabalhador do local? Tais questionamentos serviram para encontrar meios de definir o problema de pesquisa integrado aos objetivos do estudo: Quais os sentidos do trabalho para os trabalhadores do Jardim Botânico de Porto Alegre e suas relações com a utilização do espaço pelos visitantes?

O objetivo geral do estudo é o de analisar a construção de sentidos sobre o trabalho do Jardineiro no JBPOA, na sua vinculação com o turismo. Os objetivos específicos foram: conhecer a tarefa prescrita de Jardineiro no JBPOA e o trabalho real; identificar as matrizes de sentido que organizam o saber-fazer do Jardineiro; demonstrar a relação do trabalho com o visitante no JBPOA;

Dejours (2004, p.28), referindo-se à Psicodinâmica do Trabalho afirma que “o trabalho sempre coloca à prova a subjetividade, da qual esta última sai

acrescentada, enaltecida, ou ao contrário, diminuída, mortificada”. O mundo interno do sujeito é transformado: “trabalhar constitui, para a subjetividade, uma provação que a transforma” (DEJOURS, 2004, p.30). O trabalho é de extrema relevância na vida dos sujeitos, está além das percepções do senso comum, já que envolve relações sociais. Essas relações sociais do trabalho, “se constituem por disputas de poder que posicionam os sujeitos de forma desigual” (LARA JUNIOR, 2013, p.2). Ainda segundo o autor, as desigualdades estão relacionadas diretamente às questões econômicas de classe social, mas nem sempre as desigualdades nas relações sociais ficam em evidência, sendo ofuscadas pela ideologia dominante. Se as desigualdades são relacionadas diretamente com as questões econômicas, portanto o trabalho será objeto da ideologia dominante para operar nas diferenças de classes.

Contemplando as contribuições conceituais e análises, o presente estudo está dividido em capítulos que separam as diferentes informações da pesquisa: Turismo, Jardins Botânicos, Jardim Botânico de Porto Alegre, Trabalho, Psicodinâmica do Trabalho e Análise do Discurso. A separação foi realizada de forma a expor todo referencial teórico, para que se possa compreender os papéis dos conceitos nas análises realizadas, para então na continuidade, apresentar as análises que agregam conceitos de todas as temáticas acima citadas.

Em relação ao conceito de Turista Cidadão, foi pertinente justificar os motivos de sua adoção na pesquisa, descrevendo sua relação com a cidadania permitindo um “fazer turismo” a partir do estranhamento dos locais que o cidadão visita. Na continuidade do capítulo, está um breve histórico dos principais jardins botânicos brasileiros e a legislação atual que regulamenta seus funcionamentos, as informações sobre o uso turístico e o reconhecimento dos locais como espaços de lazer, as contribuições de estudos que trazem a informações sobre a visitação em jardins de outras regiões do mundo e que evidenciam o interesse das pessoas por conhecer jardins e finalizando: as pesquisas em andamento sobre o JBPOA na Universidade de Caxias do Sul.

No item seguinte estão às informações sobre o Jardim Botânico de Porto Alegre, o histórico de mudanças na administração e a estrutura atual, as divisões das seções de trabalho organizadas pela FZB, os programas de educação ambiental e demais ações realizadas pelos setores de atendimento e pesquisa.

No capítulo que refere-se ao Trabalho no Turismo estão os enfoques ao trabalho nas pesquisas do Mestrado em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, as abordagens à temática em artigos científicos de periódicos vinculados aos demais programas de Pós-Graduação em Turismo no Brasil e a importância do trabalhador para a atividade turística. Na sequência as contribuições da Psicodinâmica do Trabalho em pesquisas sobre o lazer e entretenimento, os conceitos que foram selecionados perante o recorte traçado pelos objetivos do estudo, tais como: o prazer e o sofrimento no trabalho, organização do trabalho, tarefa prescrita e tarefa real, carga psíquica e reflexos destes aspectos na vida dos trabalhadores.

No capítulo das construções teórico analítico metodológicas. Estão expostas as contribuições do dispositivo teórico analítico na evidencia de sentidos, as explicações sobre os procedimentos adotados na realização das entrevistas com os participantes e em relação ao uso das informações de Diário de Campo. Além disso, estão no capítulo também o embasamento teórico da Análise do Discurso de origem Francesa, os conceitos de sujeito e ideologia, a ação do inconsciente, o materialismo histórico, as contribuições da linguagem para compreender o discurso, a Psicanálise na Análise do Discurso e a construção da formação discursiva. A partir daí, estão os três capítulos de análises contemplando a tarefa prescrita, as entrevistas com os jardineiros e informações do Diário de Campo.

Nas análises estão expostas as relações com os conceitos, o confronto da tarefa prescrita do Agente de Apoio Operacional Jardineiro, que é definida pela legislação, com a tarefa real dos jardineiros que é o dia-a-dia de trabalho e suas relações diárias, as possibilidades de transformação da organização do trabalho e aspectos de prazer e de sofrimento do trabalhador. Seguindo com as formações discursivas, e sua presença no JBPOA através das alianças e contradições entre diferentes saberes. São vistas nessas relações, a importância da memória, do interdiscurso, ideologia defensiva, do assujeitamento e das relações de força no trabalho, resultado das divisões do trabalho.

Finalizando as análises, o capítulo que aborda a relação visitante e trabalhador e a contradição entre o reconhecimento do espaço como local de lazer *versus* local de preservação por parte dos jardineiros. O trabalho manual do jardineiro como um espaço de paisagem elaborada e contemplada por sua beleza,

vista como um “Museu” com sua imensa coleção de espécies, tramando a relação Turismo/Trabalho/Sujeito, e principalmente os olhares do trabalhador para o visitante do JBPOA. Assim, os conceitos são adotados e entrelaçados de acordo com a relação da fala com o sentido da análise, permeando assim as sequências discursivas diversas vezes no decorrer dos capítulos, sendo retomados quando necessário, nos três capítulos de análises, constituídas a partir do olhar do pesquisador, característica principal das pesquisas na Análise do Discurso.

2 TURISTA CIDADÃO E JARDIM BOTÂNICO DE PORTO ALEGRE: ESTRANHAMENTO PARA CIDADANIA

Figura 1 - Espécie citada como uma das preferidas por Jardineiro entrevistado



Fonte: Da autora (2014).

Para haver Turismo é necessária a interação entre as pessoas com os espaços e com as outras pessoas nos espaços. Nessa interação estão às possíveis relações entre sujeitos, e a partir daí, a construção de sentidos que não nos são perceptíveis sem a realização de análises. A relação dos temas sujeito, trabalho e turismo, nesta pesquisa, considera o Jardim Botânico como local de possibilidade turística e os Jardineiros como trabalhadores de local de possibilidade turística.

São diferentes os conceitos disponíveis no meio acadêmico que caracterizam o campo do Turismo. Entretanto, optou-se por adotar neste estudo exclusivamente o conceito de turismo cidadão, considerando o visitante do JBPOA como tal. A escolha foi feita pelo reconhecimento do jardim como uma possibilidade turística para os residentes da cidade de Porto Alegre e proximidades. De acordo com pesquisas recentes realizadas pela Fundação Zoobotânica (2014), são os principais frequentadores do local. No ano de 2013, 71% dos visitantes foram porto-alegrenses e o principal objetivo da visita foi descrito como o lazer, seguido pela busca de contato com a natureza.

Turista cidadão é aquele que resgata a cultura da sua cidade, fazendo uso do estranhamento da mesma. Este estranhamento inicia no momento em que o indivíduo descobre, no espaço cotidiano, outras culturas, outras formas étnicas e outras oportunidades de lazer e entretenimento. Quando se encontra na situação de turista cidadão, este sujeito aprende a utilizar os espaços ambientais, culturais, históricos comerciais e de entretenimento com uma percepção diferenciada do seu cotidiano (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 65).

O JBPOA é um espaço condizente com a possibilidade do estranhamento pelo sujeito, onde se pode vivenciar a cidade de Porto Alegre, estando em um lugar tranquilo, ouvindo os sons dos pássaros e contemplando a natureza, diferindo da maior parte dos espaços de cidades urbanizadas. Ainda Gastal e Moesch (2007, p.70), colocam que “[...] o cidadão morador necessita estranhar sua visão da cidade, a fim de promover um re-olhar resultante do conhecimento absorvido”. Significa que o Jardim Botânico pode ser este espaço de estranhamento dentro da cidade, com a possibilidade de transformação de seu conhecimento a partir de um re-olhar.

O turista cidadão é o que vai ao encontro do local de estudo desta pesquisa, espaço existente para a preservação e o lazer, sem finalidades de obtenção de lucros. É a maneira de a cidadania estar atrelada ao Turismo, e ao mesmo tempo, buscar novas posturas coletivas de experiências turísticas que valorizem a hospitalidade entre os próprios moradores do local, que são vizinhos atentos ao patrimônio natural e cultural de sua cidade. O estranhamento seria o olhar de inquietação, perante o cotidiano rotineiro, permitindo uma leitura, ou uma re-leitura através do novo olhar do visitante do JBPOA, para através do distanciamento, conseguir ver e descobrir o local (GASTAL; MOESCH, 2007).

Para compreender o conceito de turista cidadão é preciso pensar a cidade como espaço de fragmentação e diversidade, o morador da cidade como cidadão turista que sofre a influência ideológica da globalização. A experiência do estranhamento em sua cidade coloca-o em tensão com o processo da reprodução ideológica, ressignificando o lugar para o habitante, constituindo uma marca de novos textos que devem ser divididos e compartilhados pelos moradores, enquanto cidadãos, ou seja, por fixos e fluxos, como um tecido urbano com tramas diversas (GASTAL, 2006), o JBPOA é um texto a ser discursivizado. Pensando por essa linha, os fixos são as praças, os edifícios, os monumentos e também o Jardim Botânico de Porto Alegre. Os fluxos são as ideias, comportamentos e o trabalho que marcam seu território, ou seja, os visitantes e os trabalhadores colocados no movimento da cidade através da fuga das atividades rotineiras que percorrem estes espaços (GASTAL; MOESCH, 2007). Esta forma de turismo distancia-se do turismo de massa, voltado para o espetáculo (CAMPOS, 2012).

Para o cidadão turista, os fixos que compõem a cidade deixam de ser desconhecidos. O território torna-se familiar e, nele e com ele, constrói-se relação de pertencimento e identificação, pois se passa a compartilhar seus códigos e, de posse dos mesmos, a situar sua própria subjetividade em relação aos fixos presentes no urbano (GASTAL E MOESCH, 2007, p. 60).

O conceito de turista cidadão é o avanço do cidadão turista, um sujeito que entende os fixos e se coloca como sujeito em trânsito expressando sua subjetividade, e atuando em prática, como já se mostrou ser possível através de experiências vivenciadas com o cidadão turista em Curitiba, Fortaleza, Balneário Camboriu e Porto Alegre (GASTAL, 2006).

Em Porto Alegre, a experiência foi realizada através de um Plano de Ação, no ano de 1999, como parte de propostas para o desenvolvimento turístico local, que incluíssem os moradores da cidade, objetivando a possibilidade do conhecer e do estranhar aos moradores, para vivenciar o espaço urbano e as práticas culturais de Porto Alegre (GASTAL E MOESCH, 2007). Um dos projetos do plano, Programa Turista Cidadão, elaborou ações educativas aos moradores para incentivar os novos olhares que possibilitassem a cidadania, através de rotas como o ônibus Linha Turismo que mostram a cidade e seus pontos históricos e turísticos, e que, na atualidade, expandiu-se em mais de uma rota pela cidade.

Se o visitante, enquanto cidadão consegue vivenciar e fazer um re-olhar do JBPOA, ele poderá abrir-se a possibilidade de lazer dentro de sua própria cidade, para reconhecer o espaço como local de contemplação da natureza, preservação e principalmente, de enxergar o outro, trabalhador no jardim, que também é um morador da cidade, e que precisa estranhar seu local de trabalho para visualizá-lo com a possibilidade turística que oferece.

2.1 O turismo em Jardins Botânicos

“Durante o período colonial, os Jardins Botânicos tiveram um importante papel como centros de introdução e distribuição de plantas exóticas, principalmente, aquelas com potencial econômico” (FZB, 2014, p. 14). Quando foram criados, os jardins serviam para fornecer espécies que seriam utilizadas na área da saúde e eram mantidos pelas fundações médicas. Posteriormente, os jardins europeus passaram a ser locais onde se encontravam as plantas exóticas que eram trazidas de outros locais, pelos visitantes, através das grandes navegações (FZB, 2014).

Com o passar dos anos e com o aumento das coleções devido à exploração botânica nos diversos ecossistemas terrestres, os jardins passaram a ser locais de estudo da diversidade botânica e de desenvolvimento da biotecnologia vegetal (manipulação genética das espécies vegetais). O guia do visitante do Jardim Botânico de Porto Alegre, cita que “mais do que locais agradáveis para visitação, os jardins são instituições que desenvolvem atividades e programas de educação ambiental junto aos visitantes” (FZB, 2008, p.6), incentivando a conservação da biodiversidade vegetal e realizando junto aos pesquisadores produções científicas significantes.

Foi Dom João VI a primeira pessoa a tomar iniciativa para a criação de Jardins Botânicos no Brasil. Por ser admirador das plantas criou o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, um dos mais antigos do país. Com o objetivo de estimular a criação do Jardim Botânico em Porto Alegre, Dom João chegou a enviar alguns exemplares de espécies para o Rio Grande do Sul, essas espécies acabaram ficando na cidade de Rio Grande, onde foram plantadas, hoje ainda existe na cidade um eucalipto histórico, por conta deste fato (FZB, 2008).

A legislação atual que se refere a Jardins Botânicos no Brasil conferiu a regulamentação dos mesmos ao Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA), através da Resolução n  266 (BRASIL, 2000), alterada pela resolução n  287, de 2001. Revogada pela resolução n  339, de 2003:

Entende-se como jardim botânico a área protegida, constituída no seu todo ou em parte, por coleções de plantas vivas cientificamente reconhecidas, organizadas, documentadas e identificadas, com a finalidade de estudo, pesquisa e documenta o do patrim nio florístico do País, acessível ao público, no todo ou em parte, servindo   educa o,   cultura, ao lazer e   conserva o do meio ambiente (BRASIL, 2000).

Este mesmo decreto apresenta dentre os objetivos destes locais, a promoção de pesquisas, incentivo a conservação do ambiente natural, a educação ambiental e lazer compatível com o local e utiliza o sustentável; também a proteção de espécies silvestres, ou raras de âmbito local e regional (BRASIL, 2000).

Jardins Botânicos estão evidenciados como “atrativo turístico” na classifica o de Beni (2008, p. 341), onde o autor refere-se aos jardins como “espaços destinados à conserva o e multiplica o de espécimes vegetais, visando sua preserva o e a

visitação pública”. Beni (2008, p. 335) também afirma que os jardins “são equipamentos turísticos, que contam com áreas destinadas ao lazer com tratamento paisagístico”. O Plano Diretor do Jardim Botânico de Porto Alegre descreve o interesse de pessoas de outros países quando a motivação da visita é para pesquisa, na busca por conhecer a flora local, já que o Brasil é reconhecido pela diversidade biológica do mundo. Enquanto “o visitante local, busca por uma área de lazer, de convívio com a natureza e para realização de trilhas e caminhadas” (FZB, 2014, p.31).

Ballantyne e Hughes (2008) afirmam que os jardins botânicos possuem capacidade de atrair uma grande quantidade de turistas nacionais e estrangeiros, bem como visitantes das áreas locais. A conservação e educação estão entre os objetivos desses locais, capazes de gerar atitudes pró-conservação e incentivar o público nesses esforços. No estudo realizado pelos autores, foi aplicada pesquisa com 150 visitantes do Jardim Botânico Mt. Coot-tha, em Queensland, Austrália, com questionamentos referentes à consciência dos visitantes em relação à conservação e sobre a motivação e interesses para realizar a visita. Como resultados apresentados por Ballantyne e Hughes (2008) a maior parte dos visitantes residia na cidade (73%), 10% de cidades próximas, 8% de outros estados e 9% do exterior, caracterizando a diversidade de procedência dos turistas que frequentam o local. Dentre as motivações que resultaram dessa pesquisa, apresentam-se: de desfrutar da paisagem ou de si mesmo (como um espaço de reflexão); passar um tempo com amigos ou família em um local de qualidade através da interação social; gostar de estar ao ar livre em contato com a natureza.

Conell (2004) realizou estudo na Grã-Bretanha, onde os jardins são locais tradicionais e diferenciados, além de valorizados pela população local. No estudo, cita os mais de 16 milhões de visitantes por ano, aos jardins abertos ao público, que apesar de serem locais populares, têm sido negligenciados pelas pesquisas nas ciências sociais e principalmente pelos pesquisadores da área do Turismo e Lazer. Com isso, o autor evidencia uma possível tensão entre o lazer e a ciência, destacando que apesar dos jardins fazerem parte da herança cultural da Grã-Bretanha, não são considerados parte do setor cultural da mesma forma que museus e galerias.

No Brasil, os jardins botânicos estão diversificando suas atividades para possibilitar aprendizado, através de ações culturais e sociais. O Jardim Botânico do Rio de Janeiro- IPJBRJ é um dos principais no Brasil em número de recebimento de turistas, aproximadamente 600 mil visitantes por ano (INSTITUTO DE PESQUISA JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO, 2008). Silva (2008) destaca que no local, além do Museu do Meio Ambiente, há também um Museu interativo e sensorial, para demonstrar a relação das pessoas com a natureza. Além disso, existem projetos de cursos de jardinagem e inclusão social, para jovens de comunidades populares, que podem adquirir aprendizado e possibilidades de trabalho, e também existem ações na área cultural, através do Espaço Tom Jobim de Cultura e Meio Ambiente.

Outro importante Jardim Botânico brasileiro em recebimento de visitantes é o da cidade de Curitiba. No estudo de Silva e Biondi (2012), são apresentadas informações obtidas por entrevista realizada pela Secretaria de Turismo do Estado. De acordo com os dados, no ano de 2007, o local ficou em primeiro lugar no ranking de atrativos turísticos mais citados, repetindo a mesma colocação em pesquisa posterior de 2009. O estudo, através da aplicação de 985 questionários com os usuários do Jardim, constatou que 37% eram residentes da cidade de Curitiba e 39% eram visitantes residentes em outros estados, o restante representava outras cidades do estado do Paraná e outros países. Quando questionados da motivação de visita ao Jardim Botânico, 44% dos usuários relataram que visitava o local a lazer, enquanto 42% consideraram que estavam fazendo turismo e somente 14% tinham outras motivações, como estudo, etc. A maior parte dos usuários que consideraram estar em momentos de lazer, foram os residentes na cidade de Curitiba ou região metropolitana, segundo resultados da pesquisa.

Os números mais recentes contabilizados, de visitação em relação ao Jardim Botânico de Porto Alegre mostram que no ano de 2013, o Jardim recebeu mais de 70 mil visitantes (FZB, 2014). Um número significativo e que demanda trabalho para atendimento e manutenção das estruturas do espaço. O local, além de ser um importante espaço de conservação da biodiversidade, está identificado pela Secretária de Turismo (2014), como um dos pontos turísticos da cidade. A

relevância social em estudar um espaço destinado a tal atividade é justamente o de estimular o interesse dos visitantes a utilizar estes espaços como áreas de lazer.

A possibilidade turística de um Jardim Botânico se dá principalmente pelos espaços de contemplação da natureza. Espaço de paisagem construída, os Jardins Botânicos são criados através de projetos arquitetônicos e paisagísticos. Não se pretende na presente pesquisa, aprofundar a discussão sobre os conceitos de paisagem e espaço, entretanto, Gastal (2013) elucida o motivo da atração humana pela contemplação da paisagem, como aspecto histórico, que se interliga ao histórico das artes. Ou seja, a paisagem na forma como hoje conhecemos, foi denominada no contexto do Romantismo, na busca pela natureza como objeto de apreciação, com destaque para as artes, na representação de imagens do campo e de elementos naturais. Até então a natureza era vista como o espaço de trabalho do agricultor e foi através das artes que o distanciamento entre sujeito e natureza, tornou possível olhá-la e apreciá-la, culturalizando a relação humana com a natureza (GASTAL, 2013). Interligando-se assim com o histórico do Turismo:

Surgiram então o amor pelo campo, que se tornara lúdico, a transformação das práticas populares de uso das águas no termalismo mundado das estações termais que se estendeu até os balneários oceânicos, o novo desejo de ir aos limites e as invenções sucessivas das Geleiras, do Mont Blanc e do alpinismo e, enfim, a longa temporada de inverno no sul da França. O Romantismo prolongou estas invenções com sua descoberta do exotismo no tempo e no espaço (BOYER, 2003, p.19).

Após a Revolução Industrial a cidade deixa de ser sinônimo de civilização e progresso e passa a representar uma espécie de caos, por conta que, entre os séculos XVIII e XIX, teria ocorrido uma inversão de valores, onde o campo deixa de ser visto como fonte de atraso que devia ser deixado para trás ou local somente de trabalho árduo, e torna-se um campo desejado, valorizado esteticamente, espaço terapêutico, não sendo mais considerado, unicamente, espaço de exploração da terra (BOYER, 2003). O que ainda hoje, na contemporaneidade, se manifesta nas falas dos jardineiros entrevistados quando descrevem sua busca pelo trabalho “ao ar livre”.

Todavia, é de extrema importância considerar em pesquisas todos os envolvidos na atividade, incluindo o trabalhador da instituição, que traz consigo a marca de fazer parte de um espaço destinado, quase que exclusivamente, a pesquisa, preservação e contemplação da natureza.

O Programa de Pós- Graduação em Turismo e Hospitalidade, da Universidade de Caxias do Sul, compreendendo a importância de analisar as possibilidades turísticas do Jardim Botânico, vem atuando em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, no Projeto de Pesquisa “Educação Patrimonial e a prática turística qualificada: o Jardim Botânico de Porto Alegre – RS”. Os estudos buscam unir esforços acadêmicos entre as duas instituições de ensino, com o intuito de elaborar um projeto de intervenção que venha a qualificá-lo para desenvolver melhor relacionamento entre os frequentadores, turistas e dos próprios trabalhadores da Fundação Zoobotânica.

2.2 Jardim Botânico de Porto Alegre

A Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (FZB) é o órgão responsável pela administração e manutenção do Jardim Botânico de Porto Alegre, e também do Jardim Zoológico e do Museu de Ciências Naturais, atuando nas áreas de pesquisa, educação ambiental, conservação e lazer. Além disso, “é detentora de coleções científicas de plantas e animais, atuais e fósseis, que subsidiam pesquisas realizadas por especialistas do Brasil e do exterior” (FZB, 2014).

A Instituição foi criada em 1972, através de determinação da Lei 6.497 (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL, 2012), com o objetivo de “manter e administrar áreas destinadas à proteção e preservação da flora e da fauna e outros recursos naturais”. A referida Lei dispõe que a entidade, “pode desenvolver através de convênio com entidades públicas e privadas, atividades científicas, culturais, recreativas e turísticas”, o que coloca a importância da utilização do espaço como possibilidade turística.

Localizado em Porto Alegre- RS, cidade com aproximadamente 1.468.000 habitantes (IBGE, 2014), que é reconhecida pela longevidade de sua população e pela preocupação dos habitantes com a qualidade de vida. Em relação ao turismo, conforme a Secretária Municipal de Turismo de Porto Alegre (2014), a cidade possui atualmente 5 centros de informações turísticas, agências de turismo receptivo e demais estruturas de serviços aos turistas (hotéis, aeroportos, linhas de transporte público interligadas aos pontos turísticos, locadoras de veículos, restaurantes, bares, locais de eventos, etc). São inúmeras as possibilidades de lazer e turismo, entre os

pontos de destaque estão os passeios de barco e as caminhadas pela orla do Guaíba, passando pela Usina do Gasômetro, estádios e parques. Locais históricos como o Mercado Público e o Museu de Artes de Rio Grande do Sul, Casa de Cultura Mário Quintana, teatro São Pedro, Catedral Metropolitana e Museus com variedade de exposições como a Fundação Iberê Camargo e o Museu de Ciência e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO, 2014).

O Jardim Botânico, um dos locais de possibilidade turística na cidade, está localizado no bairro de mesmo nome, composto por conjuntos residenciais edificadas, que abrigam populações de classe média e média alta. Próximo ao bairro encontram-se algumas vilas que abrigam populações de baixa renda, como a Vila Bom Jesus e Nossa Senhora de Fátima. (FZB, 2014). Atualmente, o JBPOA está entre uns dos cinco principais jardins em destaque no Brasil, devido à importância de sua coleção de espécies (FZB, 2014). Mas ainda é um jardim recente, quando comparado aos jardins históricos do mundo e seu surgimento, assim como demais jardins brasileiros sofreu influências da colonização (FZB, 2014).

Figura 2 - Jardineiros trabalhando na criação de canteiros, no início dos trabalhos no Jardim Botânico



Fonte: Ramos, Ricardo (FZB, 2014).

O Jardim surgiu de um projeto do vereador Francisco Pinto de Souza que em 1883, pretendia aproveitar a área criando um local de passeio público e um jardim

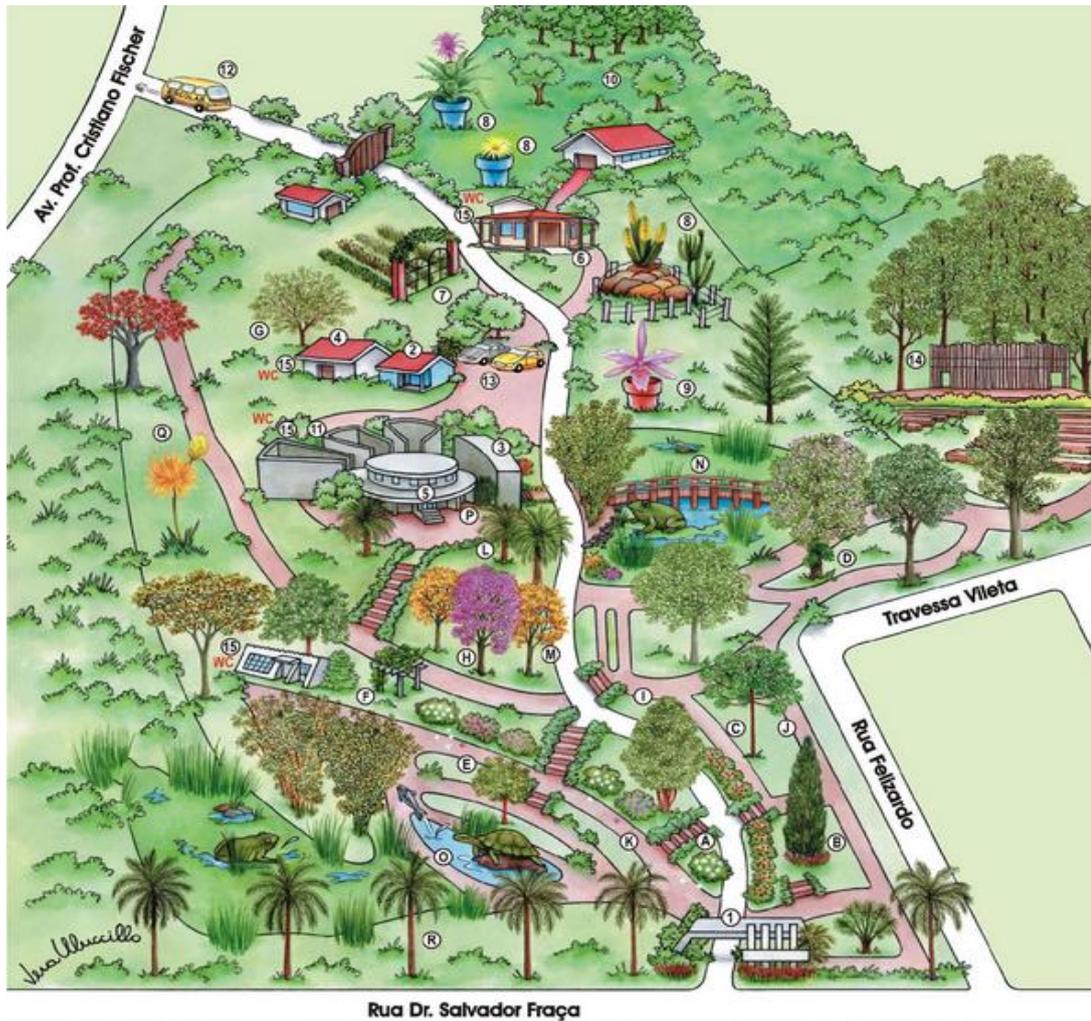
botânico. Entretanto, este projeto foi arquivado na época, por não ser considerado de viável execução. Os documentos posteriores, que vieram a citar o Jardim Botânico, são datados de 1953, com autorização judicial para alienação de área e instalação de um parque de recreio ou jardim botânico. Após, foi criada uma comissão de professores e autoridades da época, que garantiram o cumprimento da referida lei e o local teve o acesso do público liberado a partir de setembro de 1958, quando o jardim já possuía diversificadas espécies (FZB, 2014).

Na década de 1960, o Jardim Botânico sofreu com a descontinuidade do projeto de instalação devido ausência de investimentos e de incremento do acervo. Neste período o local foi distribuído para instituições, como a TV Educativa (TVE), da Secretaria de Educação e Cultura. Uma parte passou a ser utilizada pela Colônia Agrícola do Hospital Psiquiátrico São Pedro, voltando a crescer somente nos anos seguintes. Na década de 1970, o jardim integrou-se com o Jardim Zoológico de Sapucaia do Sul e com o Museu de Ciências Naturais, formando a Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. Na década de 1990, o Programa Pró Guaíba (programa governamental), possibilitou a ampliação nas coleções e estruturas do jardim, como a criação do Centro de Visitantes e reformas na administração (FZB, 2008).

Os anos 2003 e 2004 também foram importantes para o Jardim Botânico de Porto Alegre, pois em junho de 2003, o local foi declarado como integrante do Patrimônio Cultural do Estado e em 2004, houve o lançamento oficial do Plano Diretor, ferramenta que definiu os objetivos do local e conseqüentemente vem auxiliando no planejamento das ações e é utilizado como fonte de informações sobre o local (FZB, 2008). Em relação à composição do espaço, as coleções de espécies são organizadas da seguinte forma de acordo com a FZB (2014): as Taxonômicas que são coleções formadas por plantas pertencentes à mesma família ou ordem botânica, como por exemplo, *gimnospermas*, *mirtáceas* e *arecáceas*; Fitogeográficas, as coleções de plantas agrupadas por formações vegetais que ocorrem no Rio Grande do Sul, como por exemplo, Mata Atlântica, Parque do Espinilho e Floresta com araucária; As de Características Especiais, que são as coleções formadas por plantas que tenham características em comum, como plantas medicinais, perfumadas ou suculentas (FZB, 2014).

Além disso, a estrutura do local conta com o Museu de Ciências Naturais, serpentário, arboreto, lancheria, sanitários, estacionamento, centro de atendimento aos visitantes, viveiro e venda de mudas, orquidário, cactário e anfiteatro (FZB, 2014). A figura 3 é um mapa de localização, disponibilizado aos visitantes pela internet e também exposto em placas informativas, em diversos pontos do JBPOA.

Figura 3 - Mapa do Jardim Botânico e sugestão de roteiro



SERVIÇOS E ESTRUTURAS

1. Pórtico de Acesso
2. Centro de Atendimento aos Visitantes
3. Administração Fundação Zoobotânica do RS
4. Administração Jardim Botânico
5. Salas de Exposições do Museu de Ciências Naturais
6. Viveiro/Venda de Mudas
7. Plantas Medicinais - Visitas com agendamento
8. Cactáceas do RS, estufas bromélias e cactos - Visitas com agendamento
9. Orquidário
10. Área de Uso Restrito
11. Lancheria
12. Acesso Ônibus
13. Estacionamento
14. Anfiteatro
15. WC

SUGESTÃO DE ROTEIRO

- A. Plantas Perfumadas
- B. Gimnospermas (pinheiros e ciprestes)
- C. Floresta de Araucária
- D. Floresta do Alto Uruguai
- E. Fabales (corticeiras e ingás)
- F. Lianas (trepadeiras e escandentes)
- G. Savana Estépica
- H. Bignoniaceas (Ipês)
- I. Erva-mate (árvore símbolo do RS)
- J. Brinco-de-princesa (flor símbolo do RS)
- K. Pau-Brasil (árvore símbolo do Brasil)
- L. Butiá (planta símbolo do Jardim Botânico de Porto Alegre)
- M. Ipê-amarelo (flor símbolo do Brasil)
- N. Lago da Ponte/Banhado
- O. Lago das Tartarugas
- P. Esqueleto Girafa
- Q. Coleção de Plantas Raras e Ameaçadas
- R. Palmeiras

As atribuições dos cargos no Jardim Botânico de Porto Alegre, de acordo com a Lei 14.187 (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL, 2012), estão descritas no ANEXO A. Percebe-se na listagem de tarefas de cada função, um número significativo e diverso de atividades, algumas inclusive expostas de forma a deixar claro que outras mais podem vir a lhes serem atribuídas posteriormente. Os trabalhadores retratados no decorrer da pesquisa, são exclusivamente os atuantes no espaço do JBPOA, não contemplando os demais que atuam nos espaços também administrados pela Fundação Zoobotânica. Os mesmos foram contratados a partir de concurso público estadual no Rio Grande do Sul, em cargos e funções definidas pela Lei Nº 14. 187 (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL, 2012) para funções determinadas por edital, sendo aprovados e com isso tornando-se trabalhadores da FZB.

A Lei Nº14.187 (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL, 2012), apresenta o quadro de funções gerais, para trabalhadores do Jardim Zoológico, Jardim Botânico, Museu de Ciências Naturais e Sede da Fundação. A divisão realizada pela legislação separou os trabalhadores em: Corpo Técnico (cargos que exigem Ensino Superior Completo); Corpo de Apoio Técnico-Administrativo (cargos que exigem Ensino Médio Técnico ou Ensino Médio Completo; e Corpo de Apoio Operacional (cargos que exigem Ensino Fundamental Completo). As funções em Comissão são divididas em Chefe de Divisão, Presidente da Comissão de Licitações e Pregões, Chefe de Seção e Chefe de Setor.

Além da divisão por função, o JBPOA possui seções de divisão de trabalho: seção de Educação Ambiental, que atua no desenvolvimento de atividades educativas, de lazer e atividades culturais, buscando a conscientização para a conservação da biodiversidade e dos ecossistemas; Seção de Coleções, que realiza expedições e coleta botânica buscando implementar o acervo científico de plantas; Seção de Obras e Manutenção que atua nos projetos construtivos e manutenção das estruturas de pesquisa e infraestrutura para o uso público; Seção de Jardinagem: responsável pela elaboração e manutenção dos ambientes de uso intensivo pelos visitantes, compondo recantos e locais de beleza cênica. Contempla todas as atividades hortícolas e de jardinaria buscando a harmonização das estruturas construídas aos ambientes do JBPOA (FZB, 2014); Setor de Banco de Sementes: onde estão os materiais advindos de coletas para receberem registro de

ingresso e onde são desenvolvidas pesquisas relacionadas às sementes e Setor de Viveiro de Mudas onde ocorre a produção de mudas, com ênfase na flora nativa, compondo assim a estrutura de organização dos setores de trabalho (FZB, 2014).

Em relação às atividades realizadas pelos trabalhadores do Jardim Botânico, estão ações e programas como o atendimento na realização de trilhas, principalmente com estudantes da rede pública e privada e também grupos especiais como portadores de deficiência e idosos. A atividade é realizada com uma introdução sobre os fundamentos e objetivos da instituição, noções sobre biodiversidade, conservação e as normas de conduta do visitante no JBPOA. Dentre os projetos da fundação, destacam-se “O Jardim Botânico vai à escola”, que envolve formação de professores buscando um uso mais efetivo do parque como extensão da sala de aula e projetos escolares, práticos e interdisciplinares, no pátio da escola. Projeto “Plantando sonhos”, com oficina de plantio realizada com crianças. Projeto “Jardim Botânico em Conhecendo o Patrimônio Natural” que objetiva estimular o público alvo no sentido de auxiliar na preservação do ambiente natural e da sua biodiversidade (FZB, 2008).

A beleza é um dos principais atrativos de espaços de áreas naturais construídas; alguns dos cenários que podem ser contemplados em uma visita estão disponíveis em ANEXO B. Por conta disso, um dos setores de destaque do JBPOA é o setor responsável por elaborar o programa de paisagismo e urbanismo. O programa cria e realiza manutenção de cenários atrativos, harmonizados, que estimulem o interesse do público, com atrativos para apreciação e lazer (FZB, 2014).

A utilização de jardins botânicos como locais de lazer, além de locais de aprendizado, se deve a estrutura dos espaços para receber visitantes com motivações diversas.

Um passeio pelo Jardim Botânico pode ser muitos. A pessoa consigo mesma, abrigada das arestas e tensões do cotidiano; com amigos, com a família, sob o afeto das árvores. Pode ser uma caminhada para acordar o corpo sedentário, ver e ouvir crianças e passarinhos, nutrir-se da força majestosa da mata. Pode ser um tempo para emocionar-se, refletir, fora do ritmo e formalidades do meio urbano e das convenções profissionais e sociais. Para aprender, descobrir, observar, mostrar, embevecer-se, deixar-se envolver por um museu vivo, ser seu elo contemporâneo (SILVA, 2008, p.4).

Bediaga (2007) traz a relação dos visitantes com os jardins botânicos, que caracteriza como uma relação afetiva onde a presença das artes e do aspecto histórico contribui para isso, mas que, no entanto, a pesquisa científica acaba sendo de mais difícil percepção para os visitantes. O visitante acaba muitas vezes por não perceber que está ali conhecendo um pouco mais da flora brasileira. Quando o local passa a ter significância no recebimento de turistas e visitantes, todos os envolvidos no processo (o que inclui os trabalhadores do jardim) estão interligados na possibilidade de estudos e de pesquisas em espaços utilizados com essa finalidade. Silva, Carvalho e Tomás (2013) trazem o fator dos jardins e conseqüentemente dos jardins botânicos como patrimônio, expondo mais uma relevância do espaço para o turismo:

De uma maneira geral, os jardins e parques históricos têm sido encarados como elementos essenciais do patrimônio e da paisagem cultural assim como tem sido reconhecida a sua potencialidade como recursos turísticos, desde o nível local ao nacional, desde o mero sítio à estruturação em rede, e por consequência com uma grande capacidade atrativa, de tal forma que, este tipo particular de paisagem incorpora muitas vezes elementos da identidade e imagem de um território (SILVA; CARVALHO; TOMÁS, 2013, p.635).

Em relação ao jardim da cidade de Porto Alegre, o documento que norteou a criação do mesmo, identifica como objetivos da instituição sua afirmação como Unidade de Conservação Interna, salientando que não se trata somente de um parque de lazer, mas de espaço educativo e de pesquisa (FZB, 2014).

Em relação aos setores do JBPOA, o mesmo está dividido em sede administrativa, no local, funcionam a secretaria e a direção executiva do JBPOA, bem como as chefias; centro de atendimento aos visitantes, que é a sala de atendimento ao público e auditório com capacidade para 70 pessoas; área de apoio e serviço, composta de garagem, almoxarifado, refeitório, cozinha, vestiários e local das ferramentas; banco de sementes composto pelos laboratórios de análise; viveiro onde estão sementeiras, estufas, galpão de preparo de substrato, almoxarifado e stand de vendas; estufas de coleção, incluindo sala de preparação, estufa de bromélias, estufa de cactáceas e suculentas, estufa de orquídeas e mudário (FZB, 2014, p.39 e 40). Uma área ampla que demanda trabalhadores para que possa cumprir com os objetivos propostos, realizar as ações que planeja e receber o visitante.

3 O TRABALHO NO TURISMO: ENFOQUES E ABORDAGENS

Figura 4 - Jardineiro em dia de trabalho



Fonte: FZB (2014).

O trabalho no turismo tem sido tema abordado, mesmo que sob outras perspectivas, no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, da Universidade de Caxias do Sul. Nos últimos cinco anos, as pesquisas com enfoque na Gestão Estratégica, no trabalhador do turismo, no Turismólogo e nos indicadores de desempenho foram temas de discussão e pesquisa presentes nas dissertações.

Bazotti (2014) abordou o turismo de aventura e o trabalhador condutor de rafting, analisando as regras que orientam suas tarefas, e o risco que o condutor precisa assumir para dar conta da atividade. As análises foram realizadas através do Dispositivo Teórico Analítico, da Análise do Discurso Francesa, e também abordando conceitos da Psicodinâmica do Trabalho de Christophe Dejours, demonstrando aspectos do prazer no trabalho, o risco, o medo, a valentia além das contradições frente às regras de segurança e a espetacularização da atividade, além do sofrimento no trabalho.

No estudo de Bittencourt (2013) os trabalhadores são retratados como funcionários em pesquisa descritiva sobre a Gestão Estratégica de Pessoas. São expostos no estudo, aspectos como comprometimento, qualidades para o bom atendimento, entre outros. Dentre os resultados obtidos por Bittencourt (2013) está a conclusão de que bons relacionamentos entre funcionários e gestores na hotelaria, contribuem para o comprometimento dos funcionários. De acordo com a autora “a retenção de colaboradores contribui no desenvolvimento do turismo na região, pois o que o turista espera é qualidade no serviço prestado” (BITTENCOURT, 2013, p.7).

Bock (2011) traz em sua pesquisa, a ótica das redes colaborativas, direcionadas ao turismo rural, as interações de cooperação e colaboração, utilizando-se de teorias de rede e capital social para análise. Nos resultados da pesquisa, foi apontado que o Grupo Gestor investigado pôde ser caracterizado como uma rede colaborativa, “cujos integrantes têm suas relações pautadas pela confiança, reciprocidade e identificação, elementos determinantes para o fortalecimento e continuidade das atividades propostas pelo grupo, que enfrenta um momento de transformação” (BOCK, 2011, p.7).

No estudo de Bittencourt, R., (2011), a Gestão Estratégica é direcionada para a hotelaria através da utilização de ferramentas para analisar indicadores de desempenho evidenciando a necessidade “modernização das ferramentas de gestão estratégica e de avaliação de desempenho financeiro e não financeiro, na gestão hoteleira familiar da Serra Gaúcha a fim de otimizar os resultados e obter vantagens competitivas” (BITTENCOURT, R., 2011, p.5). As dissertações mostram diferentes enfoques do trabalho, evidenciando a importância de considerar os sujeitos envolvidos no turismo para maior desenvolvimento do setor.

Bridi (2010) retrata o trabalho do Turismólogo, sua formação acadêmica e atuação profissional, direcionando esta atuação para as agências de turismo. Contrapondo competências e determinações presentes nas legislações sobre a formação do Turismólogo, o autor conclui em sua pesquisa que “mostra-se possível e pertinente, no contexto da contemporaneidade, uma inversão de foco no processo formativo, substituindo-se “mercado turístico” por “fenômeno turístico”” (BRIDI, 2010, p.8), pois dessa forma estaria sendo considerada a dimensão humana e os reflexos da dimensão humana do trabalho no Turismo “e, no caso específico (das agências de turismo), nas dimensões gerencial e operacional das agências, cujas relações se dariam com o Sujeito turista, cliente dessas organizações” (BRIDI, 2010, p.8).

Com o objetivo de identificar produções onde os temas Trabalho e Turismo fossem abordados, foi realizada pesquisa bibliográfica nos periódicos científicos dos programas de Pós-Graduação em Turismo no Brasil, reconhecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, 2014). Na pesquisa foram consideradas outras denominações para o trabalhador, tais como: colaborador, funcionário, capital humano, força de trabalho. Como principal resultado

foi constatado que os estudos são focados nas instituições, também denominadas nos artigos como empresas e organizações, ou então nos clientes consumidores de serviços turísticos e referenciados como turistas em alguns dos artigos encontrados. O trabalhador é consultado em muitos dos estudos, através de entrevistas e questionários, sempre com referência a empresa onde atua, ou sobre seu relacionamento com visitantes, objetivando a melhora dos serviços e o aumento da lucratividade.

Dentre os resultados da pesquisa bibliográfica está o artigo de Carvalho e Rejowski (2012), com foco nos aspectos da formação acadêmica. As principais contribuições do artigo são as informações sobre o mercado de trabalho que envolve o Turismo, quando afirmam que têm se desenvolvido de forma crescente, “potencializando o setor de serviços em geral e, em especial, dos serviços turísticos” (CARVALHO e REJOWSKI, 2012, p.83). Além disso as autoras tratam da importância de “atentar para a qualidade do serviço prestado, o que inclui a qualificação de recursos humanos, deixando de lado o amadorismo e a pouca profissionalização que podem comprometer a realização dos mais diferentes eventos dirigidos a variados segmentos de público” (CARVALHO e REJOWSKI, 2012, p.83). O estudo acaba relatando algumas características dos trabalhadores do setor de eventos, que também se integra ao turismo, como a formação profissional e atuação, através da crítica à qualificação dos trabalhadores.

O estudo de Ansarah (1995) apresenta o turismo como “indústria” e refere-se aos trabalhadores como “capital humano”, que precisa de “motivação para satisfazer o cliente, exigindo um processo de inovação constante” (p.45). O cenário da época, duas décadas atrás, era de mudanças e aumento na oferta de cursos Turismo. O artigo explicita quais eram as competências e habilidades dos profissionais que atuavam no setor, mostrando o que os cursos deveriam contemplar, como por exemplo, de que o trabalhador deveria “estar consciente da ênfase que se deve dar a um serviço de qualidade e de que o cliente é a pessoa mais importante” (ANSARAH, 1995, p.55). Afirmação que desconsidera a importância do trabalhador no setor de serviços do Turismo, enquanto sujeito que estabelece relações com outros sujeitos e que conseqüentemente sofre para manter esta ideia de que o cliente é a pessoa mais importante em seu trabalho.

O comprometimento organizacional, cultura organizacional e estrutura organizacional são assuntos abordados em artigos onde os autores buscaram relacionar os temas Trabalho e Turismo. No artigo de Vidal e Simonetti (2010), constam informações econômicas sobre o setor turístico e dados de trabalhadores da hotelaria, que classificam como “indústria hoteleira”, onde os trabalhadores são retratados através da expressão “funcionário”. O foco do artigo é nas organizações, mesmo que o estudo tenha sido realizado com os trabalhadores, os autores expõem a ideia de que o comprometimento deve ser utilizado em benefício da gestão, mostrando o comprometimento dos trabalhadores como: “um fator que potencializa as chances de as organizações enfrentarem com sucesso, as transições e turbulências atuais” (VIDAL E SIMONETTI, 2010, p.115).

No estudo de Silva; Costa e Medeiros (2010), o “comportamento” dos funcionários é o item de análise para a busca da qualidade no setor de restaurantes, “entende-se que a qualidade dos serviços é altamente dependente das atitudes dos funcionários e da sua capacidade de desenvolver suas atividades da maneira esperada” (SILVA; COSTA E MEDEIROS, 2010, p.232). O artigo “Estruturação de processos na Área de eventos: um estudo de caso em uma empresa de Santa Maria – RS” de Stefanan; Faller e Costa (2013) pesquisa as organizações no setor de eventos, buscando formas de trazer agilidade para os processos operacionais de maneira a aumentar eficiência e reduzir custos. Foram realizadas entrevistas com os trabalhadores, denominados colaboradores no artigo, criando fluxogramas de atividades para os trabalhadores. Os referenciais da pesquisa do artigo direcionam-se para Gestão de Processos e o estudo aborda os mesmos aspectos dos estudos anteriores, ou seja, foco nas organizações.

O importante resultado da pesquisa bibliográfica é o de que alguns aspectos diretamente ligados aos trabalhadores foram levados em consideração nos artigos encontrados. Nascimento, Silva e Grechi (2014), em artigo relacionado com a atuação dos Guias de Turismo, salientam a importância do trabalhador na qualidade dos serviços prestados, afirmando que esse “é um dos fatores fundamentais para o desenvolvimento da atividade e o guia de turismo vem se tornando um elemento chave na composição do produto turístico” (p.25). Os autores também evidenciam a importância do trabalhador no setor do Turismo, quando destacam que “ele é o protagonista de um processo complexo e, por vezes, representa o elemento

determinante para fazer a diferença entre uma viagem bem sucedida ou o contrário” (p.25). O fator que despertou o interesse dos pesquisadores para abordar os Guias de Turismo foi por considerarem limitado o número de estudos e pesquisas científicas disponíveis no meio acadêmico sobre o segmento. Assim como a necessidade de desenvolver mais estudos para “reforçar e fortalecer a importância do seu papel dentro da cadeia do turismo, como elemento fundamental e mediador entre os prestadores de serviços (agências e operadoras de turismo) e o seu cliente final (turista)” (NASCIMENTO, SILVA E GRECHI, 2014, p.26).

Direcionado para o trabalho do turismólogo, o artigo de Yazigi (2011), refere-se ao trabalho através das informações sobre as atividades profissionais a ele pertinentes e suas relações com as diretrizes do Ministério da Educação em sua formação acadêmica, realizando algumas críticas sobre esta formação. O autor acredita que “não pode existir uma articulação capaz de dispor na mesma plataforma, por exemplo, um *barman*, que é um dos elementos do serviço turístico, com um museólogo que também se devota à mesma missão, apesar de ambos se preocuparem em satisfazer uma clientela que ultrapasse turistas” (p.425). As críticas também são direcionadas a atual organização do trabalho, acreditando ser “ser cada vez mais difícil se um diploma não se posicionar num campo operacional bem definido” (YAZIGI, 2011, p.425).

Souto e Oliveira (2007) utilizam informações coletadas com funcionários de agência de viagens, expondo a importância do que denominam “treinamentos para funcionários”, formação técnica, processos de seleção adequados e avaliação de desempenho, além de sistemas de recompensa. Para os autores “a satisfação do funcionário é fundamental no setor de serviços, pois assegura que os funcionários irão tratar os clientes de forma respeitosa” (SOUTO E OLIVEIRA, 2007, p.115). Apesar de ter a participação dos trabalhadores, o objetivo é do encontrar maneiras de obter maior produtividade para a organização, através de políticas de recursos humanos e um destaque para a preocupação com o cliente. São consideradas algumas questões como satisfação com o trabalho, relacionamento com as chefias, qualidade de treinamento, benefícios, concluindo que “pesquisas internas são poderosas ferramentas que podem indicar práticas e políticas que precisam ser aplicadas e/ou mudadas na empresa, visando o bem-estar do funcionário” (SOUTO E OLIVEIRA, 2007, p.121).

Em relação aos demais artigos sobre agências de viagens, os mesmos não se direcionam aos estudos sobre o trabalhador, mas utilizam-se dos trabalhadores para obter informações que são em sua maioria, estudos sobre as organizações. Silva, Lucio e Barreto (2013), enfocam o treinamento de funcionários em benefício da organização, utilizando como exemplo a organização Disney, afirmando que a área “pode ser considerada como um investimento empresarial que tem como objetivo capacitar seus funcionários e desenvolver as competências das pessoas nos negócios, visando melhores resultados para a organização como um todo” (SILVA; LUCIO E BARRETO, 2013, p.279). O artigo de Nascimento, Costa e Bispo (2013) utiliza-se de estudo exploratório para “identificar as principais características no trabalhador agente de viagens, para adequá-las às necessidades das agências e obter o melhor de cada funcionário” (NASCIMENTO; COSTA E BISPO, 2013, p.163).

Pode-se perceber que a maior parte das pesquisas está direcionada a interesses que não são os dos trabalhadores do Turismo e pouco se relata sobre a realidade do trabalho que executam. Não se pretende realizar uma crítica aos tipos de abordagens ao trabalho no Turismo nos periódicos, somente expor e alertar sobre a posição do trabalhador nos estudos, que acaba ficando como coadjuvante na busca da qualidade do serviço, para maior obtenção de lucros, para o sucesso das empresas e para a gestão de negócios. No entanto, foi encontrado na pesquisa, um estudo de Tomazzoni (2007), que considera o trabalhador.

Relatando a formação profissional para o Turismo, Tomazzoni (2007) considera o trabalhador como significativo para o mercado de trabalho. Seu estudo da empregabilidade em Turismo, como atividade econômica, enfoca o papel do indivíduo na sociedade do trabalho, em relação à sociedade de consumo e do lazer como produto. Destaca a apropriação da força de trabalho pelas empresas, pois, na economia capitalista “o trabalhador passou a vender também o seu tempo livre e a destinar o resultado da sua luta diária pela sobrevivência - o salário - para a compra ou o consumo de lazer” (TOMAZZONI, 2007, p.199). O artigo evidencia um importante aspecto que é a venda do tempo livre pelo trabalhador e retrata uma realidade que diferencia os que desfrutam do lazer “como forma de aproveitamento do tempo livre” (p.199), daqueles que “sequer têm acesso ao mercado de trabalho e à renda para poderem consumir o lazer como produto, que desenvolve o Turismo como atividade que "industrializa" o ócio” (TOMAZZONI, 2007, p.199).

O enfoque dado ao trabalhador neste artigo é um diferencial, pois não há referência ao trabalho da mesma maneira nas demais análises sobre as abordagens de Trabalho e Turismo. A complexidade de abordar o trabalho na área do Turismo é descrita pelo autor quando afirma que “pode ser mais complexa do que em outros setores, tanto pelas suscetibilidades aos fatores sociais e demográficos, aos quais esta atividade econômica está submetida, quanto em razão da diversidade de segmentos que a compõem” (TOMAZZONI, 2007, p.201). No trecho a seguir, o autor consegue de forma clara expor a situação do trabalhador no Turismo no Brasil, com abordagens ao capitalismo e ao uso da força de trabalho:

É na contextualização capitalista que se situa a análise da situação do trabalhador no setor de turismo, a exemplo de outros setores da economia. Os atributos do trabalhador como qualificação e competência, poderiam ser definidos como mercadorias das quais o mercado capitalista se apropria para viabilizar seus objetivos de produção e de lucro. O trabalhador vende sua força de trabalho e seu tempo sob um processo de negociação que pode ser competitivo ou institucionalizado, dependendo do grau de envolvimento, interferência e controle das diversas organizações da sociedade, como governos e sindicatos. Uma das formas de regulação dessa negociação de compra e venda é o salário, que remunera o trabalhador e cujo valor pode variar de acordo com a realidade de cada setor de atividade econômica (TOMAZZONI, 2007, p. 200).

Maya (2008) segue na mesma linha de pensamento, quando expõe os aspectos do trabalho e do tempo livre, pois também traz o capitalismo para essa dimensão do tempo do trabalhador: que vende sua força de trabalho, e que fica com o tempo livre, o tempo que lhe sobra, para comprar o seu lazer. Mas o lazer comprado se dá de acordo com as possibilidades de cada um, o que difere a burguesia do trabalhador assalariado. “O tempo livre, dentro do quadro das relações capitalistas, geralmente é encarado como uma compensação ao sofrimento imposto pelo trabalho e/ou como uma simples forma de reprodução da força de trabalho” (MAYA, 2008, p.43). Ou seja, “o tempo, na sociedade capitalista, transformou-se em uma mercadoria que pode ser adquirida num mercado de bens simbólicos e consumida de acordo com as possibilidades de cada um” (MAYA, 2008, p.43).

A relevância do trabalho no turismo demonstrada nos parágrafos anteriores oferece a possibilidade de pensá-lo para além da atividade para aquisição de dinheiro, pensá-lo como atividade de complexos aspectos sociais que envolvem sentidos para os trabalhadores, contribuindo assim para se pensar o Turismo. Borges e Ribeiro (2013), explanando a obra de Dejours sobre a relevância do

trabalho, coloca o trabalho como um regulador social, que seria “fundamental para a subjetividade humana, e quando possibilita ao trabalhador uma estruturação positiva de sua personalidade, pode inclusive aumentar a resistência dos sujeitos aos desequilíbrios psíquicos e corporais” (BORGES E RIBEIRO, 2013, p.21).

3.1 A contribuição da Psicodinâmica do Trabalho

Estudos envolvendo ciências sociais e humanas fornecem informações que podem ser interpretadas e analisadas sob as óticas de teorias importantes e reconhecidas. Diversos autores (Sato e Bernardo, 2005; Santos e Galery, 2011; Lacaz e Sato, 2006), abordam o amadurecimento conceitual da subárea referente à compreensão do trabalho, com crescente aumento de estudos e publicações. São expostas nos referidos estudos, as relações com a organização do trabalho, que visa garantir que objetivos, metas e planos sejam atingidos, e os trabalhadores que vivenciam e dependem do objeto incessante desse conflito, o controle e a transformação da organização (LACAZ E SATO, 2006).

A contribuição da Psicodinâmica para este estudo é a possibilidade de realizar uma “análise dinâmica dos processos psíquicos mobilizados pela confrontação do sujeito com a realidade do trabalho” (DEJOURS; ABDOUCHELI E JAYET, 1994, p.120), os quais envolvem fatores e consequências que não são consideradas pelas organizações trabalhistas.

Por ocorrência de um aumento de interesse por estudos que envolvessem o trabalho em diversos seguimentos, a Psicodinâmica do Trabalho, de Christophe Dejours, tem estado presente nas pesquisas e eventos acadêmicos, sobre a Psicologia Organizacional, Psicodinâmica e Clínica do Trabalho. No Brasil, eventos em Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e Florianópolis já sediaram discussões sobre os temas (MACÊDO, 2010).

A Psicodinâmica do Trabalho, enquanto abordagem teórica, está presente em diversas áreas, principalmente na Administração e Saúde. No entanto, também podem ser encontradas pesquisas relacionadas ao lazer e entretenimento que se referem aos trabalhadores e à Psicodinâmica do Trabalho. Estes estudos possibilitam algumas relações e semelhanças com estudos na área do Turismo. Assis (2008), em pesquisa sobre o entretenimento, descreve as condições de trabalhadores através do prazer e sofrimento de uma banda de músicos, que citam

seu trabalho como forma de realização de seus desejos pessoais. Brasileiro (2008) abordou em seu estudo, os trabalhadores de um circo, utilizando-se da Psicodinâmica do Trabalho para analisar os sentidos atribuídos pelos trabalhadores. São evidenciados em sua dissertação, aspectos como a liberdade no trabalho, autonomia, adaptação aos imprevistos, contrapondo com conceitos de prazer e sofrimento no trabalho.

Macêdo (2010) pesquisa as vivências de prazer e sofrimento, nos trabalhadores de empresas de lazer e entretenimento e o sentido do trabalho para os trabalhadores da arte. Expõe que mesmo que o setor seja apontado por muitos autores como em crescimento, ainda são poucos os estudos enfocando diretamente os trabalhadores.

O estudo de Santos (2008), sobre o trabalho dos bailarinos profissionais de uma companhia de dança contemporânea, mostra a perspectiva das condições de trabalho, estratégias de defesa contra o sofrimento e apresenta as facetas do trabalhador da arte e do lazer. Dias (2007) demonstra as vivências dos trabalhadores de uma instituição de entretenimento, relacionando com a organização do trabalho, estratégias de enfrentamento, prazer e sobrecarga de tarefas. O que todos estes estudos têm em comum é a oferta da possibilidade de analisar o trabalho, de quem atua nos setores, que são setores que refletem no Turismo. Todos abordam a Psicodinâmica do Trabalho em suas análises, da mesma forma que este estudo aborda, através das falas dos trabalhadores do JBPOA, com os mesmos objetivos.

Por tratar-se de uma pesquisa envolvendo conceitos apoiados na Psicanálise, faz-se necessário ressaltar que o viés adotado é resultante de pesquisas realizadas a partir da observação de casos específicos e particulares, que não podem ser generalizados. Buscou-se uma análise, como em todos os estudos com características psicanalíticas. A Psicanálise atua a partir da escuta do discurso consciente, que é o lugar de verdade do sujeito e coloca sua atenção aos aspectos inconscientes como aquele lugar do desconhecimento, da ignorância, só acessível por meio de sintomas, sonhos, atos falhos. Para a Psicanálise o ser humano é dividido, contraditório e desconhecido “de sua própria casa” (BORGES E RIBEIRO, 2013, p.20).

Dejours dispõe da teoria psicanalítica para construir seus conceitos por conta das relações com o funcionamento psíquico, pois a teoria é a que “permite proceder à investigação dos processos psíquicos mesmo quando o sujeito não sofre de doença mental descompensada (diferentemente da psiquiatria clássica)” (DEJOURS; ABDOUCHELI E JAYET, 1994, p. 6) e “respeita no sujeito a irreduzibilidade de sua história singular e sua competência psicológica para reagir de modo original às pressões patogênicas das quais ele é alvo” (p. 6). Não é objetivo do presente estudo, focar ou determinar doenças mentais, ou tratar, curar, mas sim observar o sentido atribuído ao trabalho.

O apoio da teoria para esta pesquisa é a possibilidade da ocorrência de “vivências de prazer e/ou de sofrimento no trabalho, expressas por meio de sintomas específicos relacionados ao contexto sócio-profissional e a própria estrutura de personalidade” (MENDES, 1995, p.34), que a Psicodinâmica do Trabalho vem a conceituar, em forma de uma ciência humana, que direciona seus objetivos para atuação dos trabalhadores.

3.2 Organização do Trabalho

Dejours (2004) externa o conceito de Psicodinâmica do Trabalho, esclarecendo que “é uma disciplina **clínica** que se apoia na descrição e no conhecimento das relações entre trabalho e saúde mental”; mas que também “é uma disciplina **teórica**¹ que se esforça para inscrever os resultados da investigação clínica da relação com o trabalho, numa teoria do sujeito que engloba ao mesmo tempo, a Psicanálise e a teoria social” (DEJOURS, 2004, p.28). Estabelecendo com isso “uma passagem da abordagem da Psicopatologia do Trabalho para a Psicodinâmica do Trabalho, valorizando, então, as dimensões intrapsíquicas e intersubjetivas, presentes no sofrimento e nas estratégias de sua evitação no local de trabalho” (DEJOURS, 2004, p.28).

Bouyer (2010), sobre a obra dejouriana, afirma que a Psicodinâmica se concentra na coletividade do trabalho (em determinada instituição) e não apenas em indivíduos isolados. Não são recomendações terapêuticas e sim propostas de modificações na organização do trabalho para o conjunto dos trabalhadores, não

¹ Grifo do autor.

descartando as vivências singulares e experiências individuais. Neste estudo, em relação aos trabalhadores do jardim botânico, considerou-se os jardineiros em seu coletivo de trabalho, mas sem ignorar o sujeito e suas vivências anteriores ao seu trabalho atual, assim como as experiências que os fizeram optar por este trabalho.

Através da relação do sujeito com o trabalho, ele produz interpretações de sua situação e de suas condições “socializa essas últimas em atos intersubjetivos, reage e organiza-se mentalmente, afetiva e fisicamente, em função de suas interpretações” (DEJOURS; ABDOUCHELI E JAYET, 1994, p. 140). Com isso, ele é capaz de agir sobre o processo de seu trabalho trazendo uma contribuição à construção e evolução das relações sociais, que se dão através da atividade de trabalhar (DEJOURS; ABDOUCHELI E JAYET, 1994, p. 140).

A intersubjetividade é focada em sujeitos no trabalho, que não podem estar passivos frente às pressões das organizações em virtude de um “determinismo sociológico ou tecnológico” já que os seres humanos são sujeitos pensantes (DEJOURS; ABDOUCHELI E JAYET, 1994, p.16). “Em outros termos, o vivenciado e as condutas são fundamentalmente organizadas pelo sentido que os sujeitos atribuem à sua relação no trabalho” (DEJOURS; ABDOUCHELI E JAYET, 1994, p.16). Dessa forma é possível uma partilha da subjetividade entre os sujeitos pressionados pelas instituições, para transformação do sofrimento, em criatividade. Sofrimento este, que surge a partir do conflito com a organização do trabalho.

Se, por um lado, as condições de trabalho têm por alvo principalmente o *corpo*, a organização do trabalho, por outro lado, atua a nível do *funcionamento psíquico*. A divisão das *tarefas* e o modo operatório incitam o sentido e o interesse do trabalho para o sujeito, enquanto a divisão de trabalhadores (citados originalmente como *homens*) solicita, sobretudo as relações entre pessoas e mobiliza os investimentos afetivos, o amor e o ódio, a amizade, a solidariedade, a confiança etc (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1994, p.5).

As condições de trabalho interferem diretamente no corpo físico do trabalhador, no caso estudado há falas dos jardineiros sobre problemas com o uso de máquinas de cortar grama, o uso de algumas ferramentas e também o uso do trator, descritas como atividades que causam cansaço físico entre outros problemas, demonstrando aspectos advindos das condições de trabalho. A organização do trabalho atua no funcionamento psíquico, nos afetos e nas relações entre os

jardineiros e demais trabalhadores, assim como a relação dos jardineiros com os visitantes.

A partir do bloqueio da organização do trabalho é que surge a carga psíquica, “quando o rearranjo não é mais possível, o sofrimento começa: a energia psíquica, que não acha descarga no exercício do trabalho se acumula no aparelho psíquico, ocasionando sentimento de desprazer e tensão” (DEJOURS; ABDOUCHELI E JAYET, 1994, p.29). Não é possível quantificar uma vivência, por ser algo qualitativo, o prazer, a satisfação, a frustração e a agressividade, não podem ser quantificados. Assim como não se pode querer dar conta em termos objetivos, de uma vivencia individual ou coletiva que é, por definição, subjetiva. A subjetividade da relação entre o sujeito e o trabalho tem muitos efeitos concretos e reais, mesmo se eles são descontínuos ou inatingíveis aos números. (DEJOURS; ABDOUCHELI E JAYET, 1994).

Se as vivências não podem ser quantificadas, por serem subjetivas, isso não as remete ao campo de insignificância, bem pelo contrário, precisam ser consideradas e não negligenciadas. “O organismo do trabalhador não é um “motor humano”. O trabalhador não chega a seu local de trabalho como uma máquina nova” (DEJOURS; ABDOUCHELI E JAYET, 1994, p.24), mesmo que junto à sociedade industrial, tenha se desenvolvido cada vez mais o pensamento de máquina como substituição do trabalho humano. O ser humano, o sujeito que chega ao trabalho não é desprovido do que o engendrou até o momento. “Ele possui uma história pessoal que se concretiza por suas aspirações, desejos, motivações, necessidades psicológicas, que integram sua história passada” (DEJOURS; ABDOUCHELI E JAYET, 1994, p.24). Os jardineiros entrevistados trazem em suas falas, seu passado e suas aspirações, quando citam que já estudavam sobre o assunto anteriormente, ou que buscaram este trabalho na esperança de poder lidar com determinadas tarefas ou determinado setor de jardinagem. Trazem comparações com seus trabalhos anteriores. Estas características são únicas e pessoais.

A forma de lidar com o sofrimento advindo da organização do trabalho é o que mais importa ao trabalhador, já que toda organização traz sofrimento, “o que é explorado pela organização do trabalho não é o sofrimento em si, mas principalmente os mecanismos de defesa utilizados contra esse sofrimento” (DEJOURS, 1987, p. 104). As formas pelas quais os trabalhadores transformam o

sofrimento em algo criativo para não haver adoecimento psíquico são os fatores determinantes. A Psicodinâmica do Trabalho “considera os fenômenos ligados ao sofrimento no trabalho como resultantes da exploração dos mecanismos de defesa, criados para a manutenção dos conteúdos inconscientes, pela organização do trabalho” (SANTOS E GALERY, 2011, p.37), ou seja, “quando um trabalhador usou de tudo de que dispunha, de saber e de poder, na organização do trabalho e quando ele não pode mais mudar a tarefa” surge o sofrimento (DEJOURS, 1987, p.55). Quando, se opõe à sua livre atividade torna-se perigoso, sendo possível o bem-estar somente através de um livre funcionamento com o conteúdo da tarefa. “O prazer do trabalhador resulta da descarga de energia psíquica que a tarefa autoriza, o que corresponde a uma diminuição da carga psíquica do trabalho” (DEJOURS; ABDOUCHELI E JAYET, 1994, p.25). Se o trabalho permitir a diminuição da carga psíquica, o rearranjo na organização do trabalho, ele será equilibrante, do contrário, será fatigante. (DEJOURS; ABDOUCHELI E JAYET, 1994).

A organização do trabalho objetiva o cumprimento das tarefas prescritas, por isso foi feito o levantamento para identificar a tarefa prescrita nos documentos oficiais e editais de concursos públicos para contratação. As pesquisas de Dejours demonstram que cumprir o que foi prescrito não é possível sem danos ao trabalhador, se o mesmo não realizar a descarga de energia psíquica, trazendo o equilíbrio para sua atividade. Por ser padronizada, não reflete nas possibilidades do sujeito e sim generaliza a forma de trabalho como se todos atuassem da mesma maneira. Molinier (2004) insere o papel do sujeito que se relaciona com o mundo do trabalho através do conjunto daquilo que ele é e daquilo que procura alcançar. A busca do que quer alcançar, pode ser atingida em situações do trabalho, ressaltando a importância das atividades na realização pessoal, ou seja, na forma de inscrição pessoal no social e na forma de articulação do desejo via a tarefa. Reforçando assim que “quando a organização do trabalho faz obstáculo à elaboração do sofrimento e a sua transformação em prazer, então o trabalho pode ser prejudicial para a saúde mental” (MOLINIER, 2004, p.15), não há neutralidade do trabalho.

Durante a adaptação aos conteúdos da tarefa com as habilidades do trabalhador, “o sujeito pode encontrar-se em situação de sub-emprego de suas capacidades, ou ao contrário, em situação muito complexa correndo assim o risco de um fracasso” (DEJOURS, 1987, p. 52). A partir disso entra a dificuldade prática

na execução da tarefa e “a tarefa pode veicular uma mensagem simbólica para alguém ou contra alguém” (DEJOURS, p.52). Essas condições de trabalho, pensadas e repensadas pelos gestores nas instituições têm por alvo principalmente o “corpo”, enquanto que a organização do trabalho atua a nível do “funcionamento psíquico”.

Na confrontação das falas do sujeito com os conceitos aqui expostos, percebe-se uma distância grande entre a tarefa determinada diariamente aos jardineiros, que os coloca em subemprego de suas capacidades. A partir dessa separação entre tarefa prescrita e trabalho real do jardineiro, criam-se situações de conflito e de sofrimento para ambas as partes, que podem ser descritas muitas vezes como “falta de comunicação”, mas que demonstram uma situação mais complexa, que vai além da necessidade de mais diálogo entre chefia e jardineiros.

O distanciamento, portanto, ocorre entre a organização prescrita do trabalho e o real do trabalho: organização prescrita que foi preparada como um manual de procedimentos, “em que para cada operação a efetuar há uma grade muito detalhada de tarefas elementares a realizar” (DEJOURS; ABDOUCHELI E JAYET, 1994, p. 51), essa organização, impossível de ser realizada, leva os trabalhadores a transgredir a prescrição tornando-se com isso “quebra-galhos”. A prática do “quebra-galhos” irá beneficiar a organização do trabalho, enquanto o trabalhador o obter através disso, gratificações morais e reconhecimento, quando não mais acontecer dessa forma, o prazer no trabalho se desfaz e criam-se conflitos e problemas nas relações de trabalho, o sofrimento (DEJOURS; ABDOUCHELI E JAYET, 1994).

Os jardineiros, em suas falas, quando pedem pelo planejamento das atividades, estão solicitando a organização do trabalho. Entretanto, essa padronização não viria a auxiliá-los na realização do trabalho, pois de certa forma eles já estão sob a organização do trabalho, quando todos os dias pela manhã, recebem as tarefas do que irão fazer, de quanto tempo terão para realizar a atividade, quais ferramentas utilizar, etc.

A organização do trabalho o determina sem considerar o sujeito, “prescreve normas e parâmetros que determinam quem vai fazer, o que vai ser feito, como, quando e com que instrumentos, prazos, qualidade, enfim, constitui a “viga central” da produção” (ABRAHÃO E TORRES, 2004, p.68), de maneira geral e não particular. Mas e os trabalhadores? Os tempos determinados são os mesmos para

todos? O tempo necessário ao cumprimento de atividades é o mesmo, serão todos capazes de realizar as mesmas atividades sem ser preciso considerar as particularidades do sujeito na execução? São estas as reflexões que a teoria da Psicodinâmica do Trabalho auxilia a esclarecer, visando identificar as cargas psíquicas características do sofrimento dos trabalhadores quando não capazes de transformá-la, expondo os aspectos da organização do trabalho.

Confrontando a teoria com a realidade dos jardineiros do JBPOA, percebeu-se que os problemas das tarefas são em torno do que descrevem em suas falas como “uma cobrança sem parâmetro”, a exigência de um rendimento que os jardineiros não conseguem identificar qual é. O que é o “estar rendendo” e “não estar rendendo”? Não parece ser uma cobrança ligada somente ao tempo de execução de tarefas. Os jardineiros demandam através de suas falas, planejamento do trabalho, solicitam tarefas agendadas, planejadas, para que possam visualizar sua semana de trabalho. O pedido por parâmetros de cobrança é para que os jardineiros possam identificar se estão sendo cobrados por “não estarem rendendo” em relação a sua tarefa prescrita, ou em relação às tarefas diárias, do saber próprio do jardineiro, que é um saber que difere das exigências de sua tarefa prescrita. Essa cobrança da qual os jardineiros não sabem se está relacionada à tarefa prescrita ou a tarefa real reflete também as duas matrizes de sentido presentes no JBPOA, o saber acadêmico e o saber do jardineiro. Confrontando a Organização do Trabalho atual com a realidade do trabalho no jardim, compondo, portanto as análises a serem realizadas nos capítulos seguintes.

4 CONSTRUÇÕES TEÓRICO- ANALÍTICO METODOLÓGICAS

Figura 5 - Cenário no setor de plantas medicinais, elaborado por jardineiro



Fonte: Da autora (2014).

Constam neste capítulo, a apresentação da abordagem metodológica para análise dos sentidos do trabalho dos jardineiros. Após falar sobre o Turismo, sobre o trabalho, sobre o JBPOA, foi preciso optar por um caminho teórico que possibilitasse a leitura dos sentidos. As análises e investigações estão ancoradas na Análise do Discurso, de origem francesa, como dispositivo teórico analítico. Nessa perspectiva, as informações adquiridas com os jardineiros, não abordam somente a realização de suas tarefas no trabalho, mas atentam aos aspectos que concorrem em seu trabalho e no contexto social, histórico e político, para analisar a construção dos sentidos.

Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994) expõem que há influências diretas e indiretas, conscientes e inconscientes do pesquisador na própria ciência que produz, tendo em vista que a sua produção sofre interferências de sua história e seu funcionamento psicológico. Os autores, abordando o mesmo contexto de interação fazem uma importante conexão com a intersubjetividade (a relação entre sujeitos), de pesquisador e participante entrevistado afirmando que “o privilégio concedido à intersubjetividade influi sobre a própria prática do pesquisador e sua metodologia” (DEJOURS, ABDOUCHELI E JAYET, 1994, p.15). Compartilhando assim com os mesmos princípios metodológicos deste estudo “compreendemos que só entrando numa relação intersubjetiva com os trabalhadores é que teremos a chance de ter acesso à realidade” (DEJOURS, ABDOUCHELI E JAYET, 1994, p.15).

As materialidades da pesquisa analisadas foram às entrevistas com os Jardineiros do JBPOA, as anotações realizadas no Diário de Campo em visitas ao JBPOA e a descrição das funções do Agente Operacional Jardineiro, retiradas da Legislação Estadual do Rio Grande do Sul no que compreende a FZB, gestora da área. Assim o dispositivo teórico analítico, estava construído para confrontar com as teorias do recorte da pesquisa.

As entrevistas, em formato semi-estruturado, contemplaram perguntas gerais previamente elaboradas (APÊNDICE A), e também questionamentos que surgiram a partir das falas dos jardineiros, buscando eventuais aprofundamentos limitados a questões aos objetivos da pesquisa. Foram registradas em gravações de voz e transcritas da maneira como as palavras foram ditas pelos jardineiros. Foram preenchidos os termos de consentimento (APÊNDICE B), permitindo o uso das gravações para os fins da pesquisa. Com os aceitos, os trabalhadores responderam questões pessoais sobre o seu trabalho, sobre relações entre colegas e encarregados, muito dispostos a participação, parecendo sem receios de serem repreendidos pelo que foi dito.

O levantamento de referencial teórico agregou além do Turismo e Trabalho, a Psicodinâmica do Trabalho e a Análise do Discurso Francesa. Esta pesquisa não pressupõe totalidade nem amostras, mas um recorte de conceitos e falas dos trabalhadores do JBPOA.

4.1 Análise do Discurso Francesa

A Análise do discurso Francesa de Michel Pêcheux, não se refere à língua ou à gramática e sim ao discurso como palavra em movimento, o estudo do discurso observa o sujeito falando e a relação entre língua e ideologia, como a língua produz sentidos para os sujeitos (ORLANDI, 2001). Pêcheux era filósofo, ativo nos debates teóricos em torno do Marxismo e da Psicanálise, acreditava que deveria haver uma teoria que fosse além das explicações de texto, minimizando métodos estatísticos nas ciências humanas. Pêcheux, baseou-se nos pensamentos de Michel Foucault e dentre outros autores, na construção de seu trabalho teórico.

A partir da Psicanálise de Freud, surgiram as suspeitas do que escutar, falar e calar queria dizer, “que este “quer dizer” do falar e do escutar descobre, sob a inocência da fala e da escuta, a profundidade determinada de um fundo duplo, “o quer dizer” do discurso do inconsciente” (PECHÊUX, 1997, p.43). O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua” (ORLANDI, 2001, p.32). Nos estudos discursivos “não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas sobretudo como acontecimento” (ORLANDI, 2001, p.19). “A Análise de Discurso é composta por três áreas do conhecimento: Psicanálise, Materialismo Histórico e Linguística. Para compreender um discurso é preciso saber que o sentido do que está sendo dito pode ser outro e mesmo que se designe um sentido, ainda assim ele pode ser outro. “A incompletude, a divisão, o político, o inconsciente, a ideologia, as diferenças são uma constante para quem aprende análise de discurso. Daí a teorizar a leitura e afirmar que o sentido pode ser outro é só um passo” que resulta em análises (ORLANDI, 2006, p.2).

Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele” (ORLANDI, 2001, p. 20).

A Análise do Discurso “trabalha com um “real da História” que não pode ser apreendido pelo sujeito que faz a História. Para o analista de discurso não interessa o rastreamento de dados históricos em um texto, com datas e personagens, mas a compreensão de como os sentidos são produzidos na história que é documentada, narrada” (CAMPOS, 2011, p.11). “A conjunção linguagem-história é o que os estudos discursivos chamam de forma material, não abstrata para produzir sentido” (CAMPOS, 2011, p.11).

Para pensar a construção de sentidos, objetivo geral do estudo, o embasamento vêm da Análise de Discurso. Ferreira (2001) refere-se ao sentido como “a expressão que não existe em si mesmo, só pode ser constituído em referência às condições de produção de um determinado enunciado, uma vez que muda de acordo com a formação ideológica de quem o (re)produz” (FERREIRA, 2001, p. 21). Não há um sentido único, pois este é atribuído pelo sujeito que enuncia, em razão da sua ideologia e do lugar de sua fala, em razão dos discursos

que o constituíram. “Atravessado pela linguagem e pela história sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso a parte do que diz” (ORLANDI, 2001, p.48). Este sujeito é assim “determinado, pois se não sofrer efeito do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e a história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos” (ORLANDI, 2001, p.49).

O sentido nunca é dado, ele não existe como produto acabado, resultado de uma possível transparência da língua, mas está sempre em curso, é movente e se produz dentro de uma determinação histórico-social, daí a necessidade de se falar em efeitos de sentido (FERREIRA, 2001, p. 21).

No JBPOA, o que os jardineiros falam sobre seu trabalho, possui sentidos que não são percebidos. A necessidade de planejamento do trabalho que aparece em suas falas traz sentidos que demonstram a presença ideológica, o desejo de um trabalho manual, ao ar livre.

O que dizemos não é simplesmente dito em vão de forma aleatória, nossa expressão possui sentidos que às vezes não nos damos conta. Orlandi (2001) expressa como “sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto significam em nós e para nós” (ORLANDI, 2001, p.20). O que dizemos, tem um sentido construído em nós mesmos, que se relaciona com o inconsciente e que pode ser diferente do sentido que o que dissemos tem para nós mesmos, pois não estão explícitos a nós, estavam no sujeito antes de serem expostos.

De acordo com Pêcheux, o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (transferência), realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formações de sinônimos, dos quais certa formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório. Esse lugar - a formação discursiva - de realização da transferência não é, no entanto, a causa, porque o sentido não se engendra a si próprio, ele se produz no non-sens (ORLANDI, 1996, p.30).

O conceito de **sujeito** neste estudo é aquele constituído a partir do laço entre inconsciente e ideologia (Indurski, 2008). Um sujeito que “não está na origem do dizer, pois é “duplamente afetado, pessoalmente e socialmente” (INDURSKI, 2008, p.11). Para a Análise de Discurso, o sujeito é “constituído pelo esquecimento daquilo que o determina, ou seja, não se dá conta de sua constituição por um processo do significante no funcionamento da linguagem na interpelação ideológica e na identificação imaginária a determinados sentidos” (MAGALHÃES E MARIANI, 2010, p.402). “Na constituição de sua psique, este sujeito é dotado de inconsciente. E, em sua constituição social, ele é interpelado pela ideologia” (INDURSKY, 2008, p.11). Este sujeito “é o resultado da relação com a linguagem e a história” (FERREIRA,

2001, p.21), “[...]constituído a partir da relação com o outro, nunca sendo fonte única do sentido, tampouco elemento onde se origina o discurso” (FERREIRA, 2001, p.21). De tudo o que este sujeito diz, somente uma parte é acessível ao mesmo, “pois o que ele não diz (e que até desconhece), significa em suas palavras” (ORLANDI, 2001, p.34). Magalhães (1976) expõem um questionamento de Lacan, sobre “a relação entre o que falo de mim e aquilo que sou, mas se sou o mesmo que aquele de que falo?” (MAGALHÃES, 1976, p.20). O que é dito pode ser elaborado em falas rápidas e aparentemente descompromissadas, mas são carregados de sentidos que a ideologia constituiu. Portanto, quando os jardineiros falam sobre seu trabalho, o que eles realmente estão a dizer? Como ocorre o entrecruzamento da subjetividade com a Ideologia que regula o trabalho? Como se trama o sentido? O que faz com que o trabalhador com curso superior realize o concurso para trabalhar como Jardineiro? É na tentativa de buscar esses indícios no espaço de pesquisa e lazer no JBPOA, que a presente pesquisa se debruça.

Para conceituar a Ideologia como será referida e compreendida no presente estudo, é importante compreender as construções ideológicas da reprodução/transformação, expostas por Pêcheux comentando obra de Althusser (1996) como: “condições contraditórias que são constituídas, num dado momento histórico e numa dada formação social, pelo complexo conjunto de Aparelhos Ideológicos de Estado contido na formação social” (ALTHUSSER, 1996, p.144). O autor refere-se como complexo, pois é um “conjunto com relações de contradição-desigualdade-subordinação entre seus “elementos”, e não um simples rol de elementos...” (PÊCHEUX, 1996, p.144).

A ideologia não se reproduz sob a forma geral de um *Zeitgeist* (isto é, o espírito da época, a “mentalidade” de uma época, os “hábitos de pensamento” etc) imposto a “sociedade” de maneira regular e homogênea, como uma espécie de espaço preexistente à luta de classes: “os Aparelhos Ideológicos de Estado não são a realização da ideologia em geral...” (PÊCHEUX, 1996, p. 144).

A ideologia “faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (ORLANDI, 2001, p.46). Está então presente no que falam os jardineiros em relação ao seu trabalho? Suas demandas e o que esperam do trabalho ao ar livre que buscaram? “A ideologia não é a ocultação, mas função da relação necessária entre linguagem e mundo” (ORLANDI, 2001, p. 47). “A ideologia

estabelece inconscientemente não somente as formas com as quais os sujeitos vivem em sociedade (imaginário), como também estabelecem as posições em que os sujeitos devem assumir nas relações sociais (simbólico)” (LARA JUNIOR, 2013, p.2). As relações sociais se constituem por disputas de poder que posicionam os sujeitos de forma desigual. Contudo é importante apontar para dois aspectos: primeiro, que as desigualdades ainda estão relacionadas diretamente as questões econômicas de classe social, e segundo, que nem sempre as desigualdades existentes nas relações sociais ficam em evidência, pelo contrário, cada vez mais vem sendo ofuscada pela ideologia dominante.

Enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido. E como não há relação termo-a-termo entre linguagem/mundo/pensamento essa relação torna-se possível porque a ideologia intervém com seu modo de funcionamento imaginário. São assim as imagens que permitem que as palavras “colem” com as coisas. Por outro lado, é também a ideologia que faz com que haja sujeitos (ORLANDI, 2001, p. 48).

Existe uma ligação entre a Ideologia e inconsciente, na Análise do Discurso. “A interpelação do indivíduo em sujeito, pela ideologia, traz necessariamente o apagamento da inscrição da língua na história para que ela signifique” (ORLANDI, 1996, p.28). “O efeito é o da evidência do sentido (o sentido-lá), e a impressão do sujeito como origem do que diz. Efeitos que trabalham, ambos, a ilusão de transparência da linguagem” (ORLANDI, 1996, p.28).

Dessa maneira, o inconsciente não é uma forma ilógica ou irracional como se pensa no senso comum, depois de Freud e Lacan o inconsciente é demonstrado nos estudos psicanalíticos como uma racionalidade que opera dentro de outra cena em que a dimensão do desejo e das pulsões também constitui os processos subjetivos que o sujeito estabelece em sua cultura. Portanto a linguagem que constitui a cultura é a mesma que estrutura o inconsciente, dessa forma a cultura se torna um conjunto de significantes com o qual o inconsciente se estrutura como tal (LARA JUNIOR, 2013, P.2).

Pode-se concluir, portanto na relação do sujeito com o inconsciente, que “o sujeito não é o senhor de sua morada e também não é o motor da história. O vazio, o equívoco e a contradição são as condições que permitem a Análise de Discurso operar, enquanto disciplina de interpretação” (CAMPOS, 2010, p.51). Neste elo do inconsciente com a ideologia e a linguagem, Orlandi (2006) ressalta que a maior importância de se pensar a ideologia através da linguagem é por conta da materialidade da ideologia ser o discurso, e a materialidade do discurso ser a língua, modificando as relações das ciências humanas e sociais. Ideologia que não é vista como um conteúdo e sim como um funcionamento discursivo, não sendo preciso

atravessar a linguagem para encontrar a ideologia porque na linguagem a ideologia já é.

Na Análise do Discurso, o imaginário é considerado parte do funcionamento da linguagem, não surge do nada e está sustentado nas relações sociais que estão inseridas na história, e são orientadas pelas relações de poder encontradas em nossa sociedade (ORLANDI, 2001). A composição da Análise do Discurso (AD) oferece mais do que uma ferramenta para analisar a construção de sentido do que é dito, mas uma posição do que é dito em determinado discurso e os sentidos disso perante um contexto histórico dentro de seus conceitos. Para o analista de discurso, “as marcas de subjetividade inscritas no dizer assinalam, simultaneamente, mas sem estarem misturadas ou confundidas, traços do registro inconsciente, da identificação (ou não) a uma determinada formação discursiva e, também, traços do assujeitamento ideológico”. (MAGALHÃES E MARIANI, 2010, p.404). As formações discursivas e ideológicas são, portanto, eixos importantes no contexto da pesquisa na AD.

Nesta pesquisa foram identificadas duas formações discursivas (FDs) no JBPOA, a do trabalho ao ar livre (FD) e a do trabalho sob organização (FD). As FDs também se dividem em saber acadêmico de quem chega para o trabalho de jardineiro e o saber do jardineiro que já atua há bastante tempo no local. FDs são as manifestações de determinada formação ideológica no discurso do sujeito, o que determina aquilo que o sujeito pode e deve dizer. “Uma FD é definida a partir de seu interdiscurso e, entre formações discursivas distintas, podem ser estabelecidas tanto relações de conflito quanto de aliança” (FERREIRA, 2001, p.15). As formações ideológicas (FIs) são o “conjunto complexo de atitudes e de representações, não individuais nem universais, que se relacionam as posições de classes em conflito umas com as outras” (FERREIRA, 2001, p.15), estes dois eixos presentes nos discursos desencadeiam os sentidos do que está sendo dito pelo entrevistado.

Franco (2004) destaca um elo entre a abordagem teórica dejouriana e os discursos referindo-se à “sua fina capacidade de trabalhar com os distintos discursos dentro das organizações, fazendo sua re-leitura à luz da construção dos mecanismos de defesa dos agentes sociais ou como expressão da distinção entre o trabalho prescrito e o trabalho real” (FRANCO, 2004, p.316). O uso da abordagem

teórica dejouriana e do dispositivo teórico analítico tornam as interpretações em análises sobre os sentidos do trabalho.

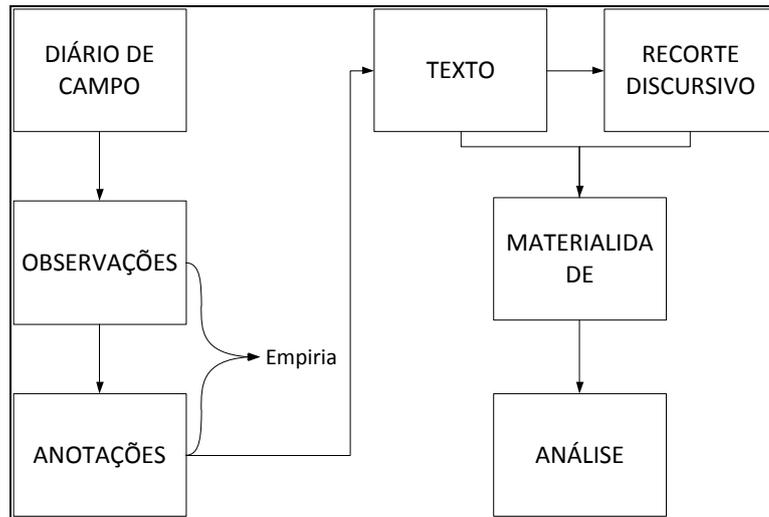
Neste estudo trabalhamos com o que está expresso nas entrevistas para observar o funcionamento do discurso dos trabalhadores da FZB, em atividade no Jardim Botânico, enquanto sujeitos. Analisando o dito e o não dito na legislação que define a tarefa prescrita de jardineiros, e confrontando com as tarefas que de fato são realizadas. Buscando com a Análise do Discurso, elucidar as formações discursivas que estão influenciando nas relações de trabalho dos jardineiros e apontando sentidos do trabalho na relação aos visitantes e visitados.

4.2 Participantes das entrevistas

O local de pesquisa, o Jardim Botânico de Porto Alegre, explicitado anteriormente, conta com o trabalho de 8 jardineiros aprovados em concurso público realizado em 2014, além de um jardineiro que já atuava no local e de encarregados que também já exerceram durante o passar dos anos, as tarefas dos jardineiros. O recorte de participantes das entrevistas limitou-se ao setor de Jardinagem. Entretanto, jardim conta com os trabalhadores atuantes em outros setores, como setor de educação ambiental, pesquisa, atendimento, administrativo e recursos humanos.

Os Jardineiros foram abordados inicialmente, durante a execução de seu trabalho, no mês de outubro de 2014, para uma conversa informal, onde as informações foram anotadas em Diário de Campo. Os diários são um "registro pessoal de eventos diários, observações e pensamentos" (PATTERSON, 2005, p.142). Utilizou-se o Diário de Campo na tentativa de uma indagação mais livre no JBPOA, e durante a abordagem inicial aos jardineiros, a descrição de alguns fatos, já traziam sentidos do trabalho e mostravam alguns silêncios.

Figura 6- Esquema de análise das anotações de Diário de Campo



Fonte: Elaboração Própria (2015).

As anotações iniciais auxiliaram na readequação dos questionamentos para as entrevistas integrais, que seriam realizadas posteriormente. As anotações estão identificadas como RD, por serem recortes do Diário de Campo. O recorte referido sob esta perspectiva “é tomado como uma unidade discursiva significativa, a partir da qual a interpretação estabelece um percurso de remissão a um determinado texto” é (INDURSKY; MITTMANN E FERREIRA, 2011, p.235). Nos recortes (RDs) estão algumas reações à abordagem e comentários dos trabalhadores, sendo, portanto registro de parte importante para utilização na pesquisa e fundamentais na composição do Dispositivo Teórico Analítico.

Dentre as informações importantes no Diário de Campo, percebeu-se reservas nas respostas por parte dos trabalhadores que não atuam diretamente na jardinagem, quando foram questionados sobre seu trabalho, como pode ser visto nas anotações abaixo, realizadas em visita do dia 17 de outubro:

RD 1- Recepcionista da administração. Estava no seu posto de trabalho, quando foi feita abordagem. Fiz apresentação da proposta, explicando os objetivos da entrevista, convidei para participação e a resposta foi: “isso é só com a Comunicação Social” reexpliquei que qualquer pessoa poderia participar desde que fosse trabalhador do local e o retorno foi: “mas aqui as entrevistas são com pessoal da Comunicação Social, eu não tenho contato com o jardim tu tem que ir na sala de atendimento ao visitante (DIÁRIO DE CAMPO - 17 DE OUTUBRO, 2014).

RD 2- Pessoa que estava recolhendo lixos das lixeiras. Fiz apresentação, explicação sobre objetivos e convite a participação. Não quis conversar, disse que “só recolhia o lixo”. Insisti dizendo que não tinha problema, que

era uma conversa com todos os trabalhadores do jardim e reafirmou que “essas coisas tem que falar com outras pessoas que trabalham aqui, ali naquela sala ali”, apontando para a sala de atendimento ao visitante (DIÁRIO DE CAMPO- 17 DE OUTUBRO, 2014).

Assim, foi possível observar que o trabalho é um assunto delicado para discutir com uma pessoa estranha: ao mesmo tempo em que é público, também é íntimo e confidencial, demanda confiança para que se possa acessá-lo. Essa evitação sugere que o trabalhador que recolhe o lixo não se considera digno de ter voz, de falar sobre suas tarefas. Já os Jardineiros se mostraram receptivos às abordagens enquanto estavam realizando suas tarefas. Se pôde observar o manuseio das ferramentas e os Jardineiros em contato com os espaços do jardim, assim como os olhares que os visitantes dirigiam a eles, complementados pelas anotações realizadas:

RD 3-Jardineiro. Me aproximei enquanto estava com carrinho de mão e ferramentas, transportando terra. Fiz apresentação e expliquei o tema da pesquisa. Aceitou conversar se fosse por um curto período, retirou suas luvas e conversou naturalmente (DIÁRIO DE CAMPO, 17 DE OUTUBRO, 2014).

RD4- No setor de venda de mudas estava uma pessoa trabalhando em sala separada, onde havia sofá e duas mesas. Convidou-me para sentar e foi muito receptiva, demonstrava estar feliz por ser entrevistada, mostrou seus equipamentos de segurança, a preparação das mudas, muito à vontade em falar sobre o trabalho e principalmente sobre seu tempo de atuação no JBPOA (DIÁRIO DE CAMPO, 17 DE OUTUBRO, 2014).

RD 5- Jardineiro do setor de ervas aromáticas, medicinais e comestíveis. Segui procedimentos anteriores de apresentação. O trabalhador entrevistado estava dirigindo trator quando foi abordado, desligou o trator e desceu para conversar. O jardineiro mostrou cada uma das espécies, falava com um carinho especial, relatando que era o único lugar onde ainda tinha determinada espécie, no Rio Grande do Sul, explicando os usos de cada uma das plantas, oferecendo para que eu provasse algumas delas (DIÁRIO DE CAMPO, 17 DE OUTUBRO, 2014).

As anotações mostraram que é possível a um visitante perceber a realização do trabalho do Jardineiro, pois enquanto percorre os espaços, quando vai até o setor de mudas de plantas para comprá-las ou quando passa pelos canteiros, é possível ver os trabalhadores executando atividades. O trabalho dos jardineiros é a linha de frente do espaço do JBPOA, um jardim mal cuidado, mal conservado acaba por parecer um jardim sem jardineiros, como relatado em conversa informal em diário de campo:

RD 6- Jardineiro relata que esses dias saiu uma reportagem na TV, dizendo que o Jardim estava decadente, não tinha funcionário, mas que não é assim

que acontece, parecendo chateado com o fato (DIÁRIO DE CAMPO, 17 DE OUTUBRO DE 2014).

A reportagem citada pelo trabalhador foi realizada pelo Grupo Bandeirantes de Comunicação (BAND RS, 2013) e mostrou cenas onde havia naquele momento, falta de manutenção e jardinagem, grama sem corte, estruturas abandonadas, como as das figuras abaixo:

Figura 7- Cena da Reportagem mostrando espaços sem manutenção no Jardim Botânico de Porto Alegre.



Fonte: BAND RS (2013).

As cenas foram gravadas e a reportagem foi ao ar, um ano antes da contratação de novos jardineiros pelo concurso público, que foi finalizado em abril de 2014. Após, a Rede Bandeirantes de Televisão, realizou nova reportagem retornando ao local e mostrando os espaços em agosto de 2014, quando os jardineiros novos já estavam alguns meses em trabalho. Antes disso o JBPOA ficou 14 anos sem receber novos trabalhadores no setor, dos que foram aprovados no concurso anterior, aproximadamente 60% já haviam deixado o trabalho em 2013, de acordo com dados da reportagem. O que causou um acúmulo grande de tarefas na área de manutenção e jardinagem. O pedido por novos jardineiros foi descrito como um processo complicado por um dos encarregados de outro setor.

RD 7- A gente brigou por esses jardineiros, queriam que a gente chamasse terceirizado, mas nós lutamos porque queríamos que fossem pessoas que ficassem aqui, para aprender e não ficar trocando terceirizado (DIÁRIO DE CAMPO, 10 DE MARÇO, 2015).

Evidenciando assim a relevância e o protagonismo dos jardineiros no espaço do JBPOA. Na entrevista de agosto de 2013 (BAND RS, 2014), em determinado trecho, um dos trabalhadores descreve a nova realidade após a chegada dos jardineiros:

SD 1- As pessoas que costumam vir regularmente ao Jardim Botânico vão perceber uma mobilidade, uma movimentação muito maior, do pessoal cortando grama, refazendo canteiros e muitos pesquisadores inclusive andando no meio das coleções, fazendo as avaliações e digamos o reconhecimento das espécies;

O que também fica claro nas imagens da reportagem, mostrando cenários já com jardinagem, a manutenção das estruturas do JBPOA, importantes para a visitação:

Figura 8- Espaços do JBPOA após recebimento dos novos jardineiros e trabalhadores da manuten o



Fonte: BAND RS (2014).

E também nas imagens que mostram o jardineiro na realiza o de uma de suas principais tarefas que é o corte de grama e elabora o de canteiros.

Figura 9- Novos canteiros no JBPOA, trabalho dos jardineiros em imagens



Fonte: BAND RS (2014).

A reportagem acaba por corroborar com a necessidade e importância do trabalho do jardineiro que chega ao Jardim por meio do concurso público de 2014. Assim como a importância dos jardineiros que resistiram durante anos, atuando em um espaço amplo, no qual não tinham possibilidades de realizar sozinhos todo trabalho necessário, devido à demanda por mais trabalhadores. Atuando quase

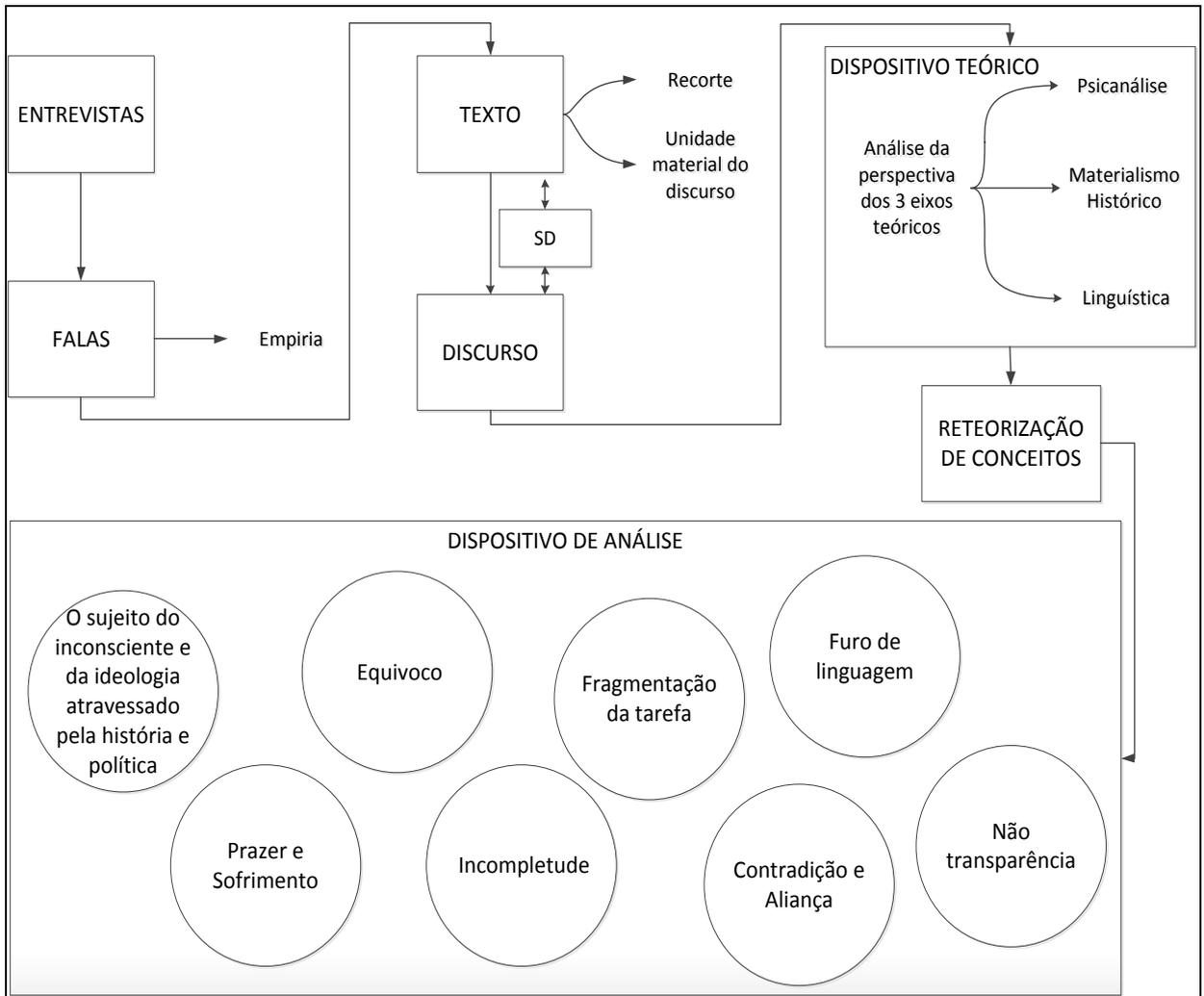
como um “faz-tudo” ou “quebra-galhos” e sofrendo por não conseguir dar conta de tudo que precisava ser realizado. Conforme Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994) essa necessidade da transgressão das prescrições de tarefas, por não terem outra opção, é o que leva à prática do “quebra-galhos”, beneficiando a organização do trabalho. Por conta dessas observações relatadas em Diário de Campo foi evidenciado o protagonismo dos jardineiros no JBPOA, e por isso o recorte dos participantes das entrevistas limitou-se a entrevista-los. Contemplando os antigos e os recentemente contratados. As chefias e encarregados não foram entrevistados.

Na sequência da definição dos participantes, foram feitas as modificações necessárias nos questionamentos da entrevista, finalizando assim o roteiro a ser seguido (APÊNDICE A). Foi solicitado ao setor de atendimento o agendamento das entrevistas com os trabalhadores jardineiros, que desejassem participar. O Jardim Botânico já havia convenio pré-estabelecido com a Universidade de Caxias do Sul, por conta do projeto de pesquisa em parceria das instituições². E no dia agendado, os jardineiros que aceitaram participar, estavam aguardando para serem entrevistados. As entrevistas foram realizadas individualmente, em sala separada dos demais trabalhadores, as conversas foram gravadas e posteriormente transcritas em sua totalidade.

O esquema na figura 10 demonstra o processo de transformação em análise, a partir da obtenção dos fatos.

²Projeto de Pesquisa de coordenação da Prof. Dra. Susana Gastal, de título “Educação Patrimonial e a prática turística qualificada: o Jardim Botânico de Porto Alegre.

Figura 10- Esquema de transformação de falas para texto e de textos para discursos



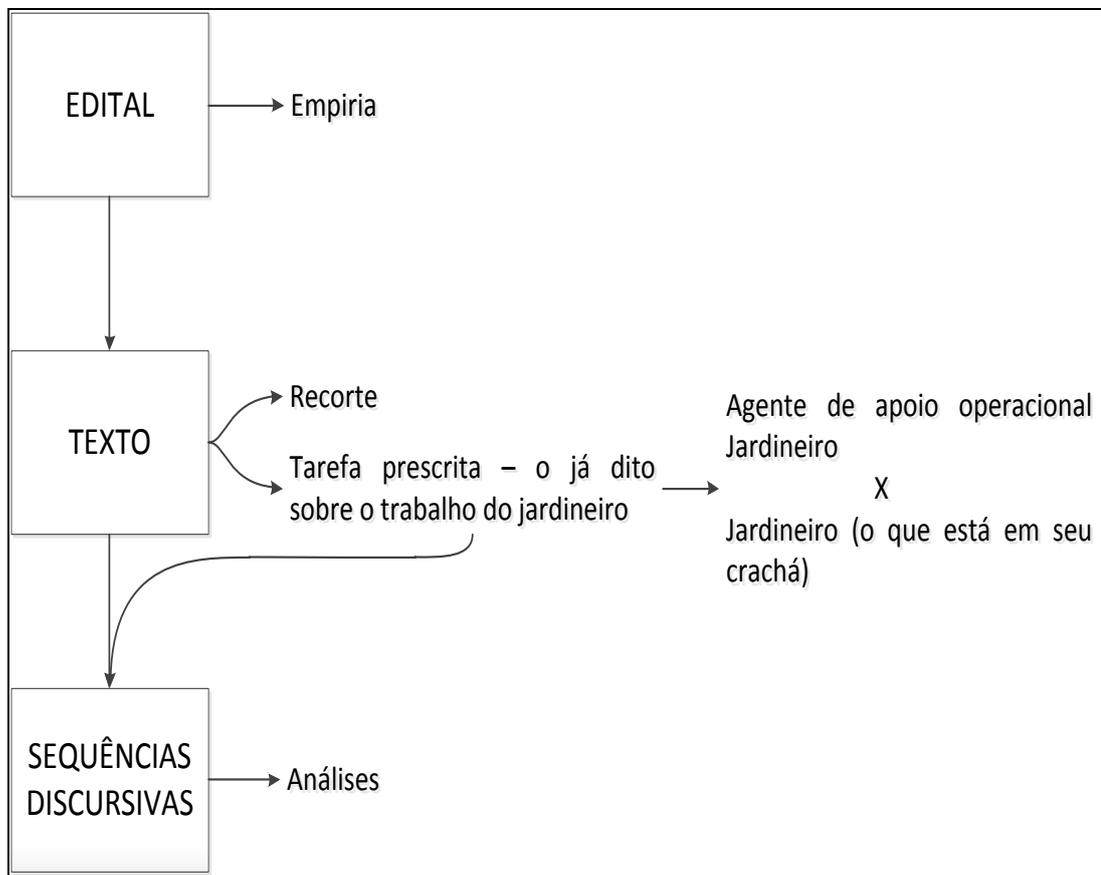
Fonte: Elaboração própria, 2015.

Nessa etapa da pesquisa foi feita a leitura integral das entrevistas. Juntamente com a orientadora, foram discutidos alguns aspectos que interessavam à compreensão da construção dos sentidos, verificando nas falas o que deveria ser analisado. As falas, então, foram tomadas enquanto texto, de acordo com o recorte, a partir da empiria, confrontando com os eixos teóricos definidos, formando uma sequência discursiva (SD), que são os trechos das falas com fatos que correspondem aos objetivos da pesquisa: a relação com a organização do trabalho, as formações discursivas, os sentidos do trabalho em um espaço de preservação x espaço de lazer e a relação do trabalho dos jardineiros com os visitantes. A partir daí, os textos tornam-se discursos, analisados sob a perspectiva da Análise do

Discurso, no seu contexto da Psicanálise (relação com o inconsciente), do Materialismo Histórico e da Linguística.

O material de análise da legislação que determina os cargos e funções dos trabalhadores do JBPOA passou pelo mesmo processo de leitura e discussão sobre as tarefas, foi feito um recorte dos trechos a serem analisados a partir das sequências discursivas (SDs) onde constavam as tarefas prescritas dos Jardineiros.

Figura 11- Esquema de análise do texto do edital de funções do Jardineiro



Fonte: Elaboração Própria (2015).

Orlandi (2001), afirma que “cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face a suas (outras) questões” (ORLANDI, 2001, p.27). As análises dos fatos são diferentes porque são confrontadas com conceitos e um mesmo analista pode mobilizar conceitos diferentes dependendo do seu recorte, proporcionando

liberdade ao pesquisador. A autora também distingue a diferença entre um dispositivo de interpretação e o dispositivo analítico:

Embora o dispositivo teórico encampe o dispositivo analítico, o inclua, quando nos referimos ao dispositivo analítico, estamos pensando no dispositivo teórico já “individualizado” pelo analista em uma análise específica. Daí dizermos que o dispositivo teórico é o mesmo, mas os dispositivos analíticos, não. O que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, à natureza do material que analisa e a finalidade da análise (ORLANDI, 2001, p. 27).

É de responsabilidade do analista a construção do seu dispositivo analítico, se comprometendo a partir de sua prática de leitura e seu trabalho sua interpretação, na busca pela análise dos sentidos. As possibilidades de compreensão de sentidos e análises das falas do Jardineiro entrevistado são complementadas, quando a autora aborda as “condições de produção de Interdiscurso”, uma vez que, os sujeitos; a situação e a memória incluem o “contexto sócio-histórico e ideológico” (ORLANDI, 2001, p.30). Os discursos não são somente mensagens a serem decodificadas e sim efeitos dos sentidos que o analista deve seguir para interpretá-los. Feitas as análises os fatos estarão disponíveis para que o analista interprete-os com seus instrumentos teóricos “dos campos disciplinares nos quais se inscreve e de que partiu” (ORLANDI, 2001, p. 28).

A AD é mais do que interpretação, passa pelos limites da interpretação e não procura um sentido único nessa interpretação, existe sim a presença do método e a construção de um dispositivo teórico, não busca verdades no texto e sim “gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender” (ORLANDI, 2001, p. 26). Uma parte dessa interpretação é de responsabilidade do analista e uma parte é constituída pelo método e a abordagem teórica.

Vale destacar que, como pesquisadores, acionamos nossa habilidade de arquivistas, buscando, resgatando, selecionando textos. Nesta seleção, optamos por um campo discursivo e/ou um tema. Das muitas direções que se expõem à nossa frente, nosso olhar vai definindo um caminho. Colocamos, então, a lupa diante do olho curioso, atento e determinado (nos dois sentidos), e começamos o trabalho de investigadores. Percorremos cada texto, relacionamos com a história, pensamos o lingüístico em relação com o ideológico e com o inconsciente. Cientes de que somos afetados por ambos, mergulhamos na ilusão necessária, na denegação, como se ambos estivessem fora de nós, analistas, e presentes apenas no outro, o analisado. Ou seja, estarmos não conscientes é a condição para estarmos cientes (MITTMAN, 2005, p. 2).

Os entrevistados, no total de 5 jardineiros, foram convidados a escolher sua forma de identificação nas entrevistas, como seriam retratados, não havendo identificação de nome ou sexo. Por isso escolheram o nome de alguma espécie do Jardim Botânico que fosse de sua preferência. A escolha poderia ser feita individualmente, mas os Jardineiros acabaram discutindo entre os colegas, qual planta deveria ser a escolhida, em meio a sorrisos e opiniões de um na escolha do outro, chegaram às seguintes definições, que será a identificação dos jardineiros nas análises:

1) Beldroega – planta de origem incerta que cresce espontaneamente em grande parte do mundo. Suas folhas suculentas e seus ramos podem ser consumidos crus em saladas ou em pratos cozidos, refogados ou assados. Também é usada como erva medicinal. A beldroega pode ser uma planta invasora difícil de ser erradicada, pois cada planta pode produzir um grande número de pequenas sementes e estas permanecem viáveis por mais de uma década. Contudo, muitas vezes é também considerada uma invasora benéfica em plantações, por ser uma boa planta companheira para várias outras (o milho, por exemplo) (Hortas. info, 2015).

Figura 12 - Beldroega



Fonte: Wikimedia Commons(2007³).

2) Erva- Cidreira - Segundo a literatura, a erva cidreira tem ações comprovadas como calmante, apresentando também atividade analgésica. É amplamente utilizada na forma de infuso com as folhas frescas, em casos de pequenas crises de cólicas e nos estados de nervosismo, intranqüilidade e insônia (ação sedativa), podendo ser consumida à vontade por possuir uma toxicidade muito baixa (Oliveira e Araújo, 2007, p.98).

³Imagem retirada de diretório público de imagens Wikimedia Commons;

Figura 13 - Erva Cidreira



Fonte: Portal Tua Saúde (2015).

3) *Mentha Piperita* – conhecida popularmente por hortelã-pimenta. Matos (1998) cita essa espécie como produtora de óleo essencial rico em mentol. O óleo tem propriedades antiespasmódica, antiinflamatória, antiúlcera e antiviral, sendo de grande importância econômica na indústria farmacêutica. Além do uso farmacêutico, o mentol destaca-se como matéria prima importante na indústria de tabaco e de produtos destinados à higiene.

Figura 14 - *Mentha Piperita*

Fonte: Herbal Fire Botanicals (2014).

4) Paineira – Árvore de grande porte, é comum apresentarem uma espécie de alargamento na base do caule, daí o apelido "barriguda". Os frutos são cápsulas verdes, que, quando maduras, expõem sementes envoltas em fibras finas e brancas que auxiliam na flutuação e que são chamadas paina. A partir dos vinte anos de idade, aproximadamente, os espinhos costumam começar a cair na parte baixa do caule e, gradualmente, também caem nas partes mais altas da árvore, com o engrossamento da casca. Diz-se, no Brasil, que isto permite à árvore receber ninhos de pássaros, o que seria impossível de acontecer quando esta tinha espinhos longos

e pontiagudos; assim, flores e frutos já não estão presentes, mas a árvore continua a dar sua contribuição à natureza hospedando os passarinhos (Saint Hilaire, 2015).

Figura 15 - Paineira



Fonte: Ortega (2014).

5) Jasmim- Manga - uma árvore de aspecto exótico, com flores perfumadas. Seu caule e ramos são bastante robustos e apresentam uma seiva leitosa e tóxica se for ingerida. A floração inicia-se no fim do inverno e permanece pela primavera, com a sucessiva formação de flores de diversas cores e nuances entre o branco, o amarelo, o rosa, o salmão e o vinho. Devem ser cultivadas à pleno sol, em solo fértil, leve e bem drenado. Não é tolerante ao frio e às geadas. Pode ser cultivada isolada ou em grupos, em amplos espaços, preferencialmente longe de dormitórios devido ao forte perfume. (Patro, 2014).

Figura 16 - Jamim-Manga



Fonte: Rodrigues (2011).

No entanto, após a análise das entrevistas, percebeu-se que a identificação mesmo que por nomes de espécies de plantas do JBPOA poderia ser prejudicial aos

Jardineiros, por conta da entrega total em suas respostas, onde surgiram aspectos que poderiam vir a causar constrangimentos entre os colegas ou até mesmo entre superiores e entrevistados. Já que as escolhas pelos nomes foram discutidas entre os colegas. As espécies citadas continuarão presentes na pesquisa, pois demonstram a relação dos Jardineiros com seu bonito local de trabalho, além de fazerem parte do que aconteceu no momento das entrevistas, mas não haverá nas SDs analisadas a informação de quem a disse. A identificação nas SDs se dará pela abreviação da palavra Jardineiro e mais o número de acordo com ordem em que foram entrevistados: 1, 2, 3, 4 e 5, (J1, J2, J3, J4 e J5).

Os resultados foram separados eixos e conceitos de discussão de forma a tornar mais clara a compreensão do assunto perante a diversidade de conceitos que expõem. O primeiro capítulo aborda os sentidos em torno da tarefa, a tarefa prescrita e a tarefa real, a organização do trabalho, o prazer e sofrimento no trabalho. No segundo capítulo estão as matrizes de sentido, os conceitos de deformações discursivas, interdiscurso, formações ideológicas, memória, esquecimento e contradições e os sentidos nas sequências discursivas. E o terceiro capítulo de resultados aborda os sentidos em torno da visita ao JBPOA e a relação entre visitantes e visitados (os trabalhadores) o local como espaço de lazer e espaço de preservação. As figuras que se encontram abaixo do título de cada um dos capítulos objetivam ilustrar sobre quem se fala, o que se discute e analisa no decorrer da pesquisa, trazendo rosto aos sujeitos da pesquisa, seres humanos e trabalhadores, que estão além da definição de objetos de pesquisa. O mesmo ocorre nas seções anteriores, trazendo uma imagem a tudo que é dito sobre o Jardim Botânico de Porto Alegre no contexto das divisões desta pesquisa.

5 A TAREFA PRESCRITA E O REAL DA TAREFA: OS CONTRAPONTO DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Figura 17 - Atividades diárias no trabalho dos Jardineiros



Fonte: FZB (2009).

No presente capítulo será analisada a tarefa prescrita do Jardineiro do JBPOA, confrontando o que é tarefa prescrita para o Agente de Apoio Operacional Jardineiro e o que é tarefa real do Jardineiro na execução de seu trabalho. Dentre os sentidos do trabalho, ficaram evidentes alguns contrapontos que serão discutidos e analisados, com o apoio da Psicodinâmica do Trabalho e os conceitos de Tarefa Prescrita, Organização do Trabalho, Prazer e Sofrimento.

Para a Psicodinâmica do Trabalho, o trabalho prescrito é aquele que antecede a execução da tarefa. É o registro que visa satisfazer uma necessidade de orientação e fiscalização do trabalho, mas que também o torna burocrático, enquanto o trabalho real é o próprio momento de execução das atividades (DEJOURS, 2004b). Para o autor, o trabalho pode ser realmente considerado como tudo aquilo que não está nas prescrições, pois não é o prescrito que realiza o trabalho e sim a ação real do trabalhador (DEJOURS, 2004b). Trabalhar seria, portanto o espaço entre o prescrito e o real, onde o sujeito precisa acrescentar ou transformar o que foi prescrito, para poder realizar o que lhe foi atribuído (DEJOURS, 2004b). A tarefa prescrita vem a ser uma divisão do trabalho, pode-se inclusive afirmar que é uma divisão irreal do trabalho, não considera a execução e somente dita funções em sequência como se cada palavra ali na legislação fosse uma tarefa única, a realização do trabalho do jardineiro está muito distante da tarefa

prescrita. “Na medida em que aumenta a divisão do trabalho simplifica-se o trabalho. A habilidade especial do operário torna-se sem valor. Ele é transformado numa força produtiva simples, monótona, que não tem de pôr em jogo energias físicas nem intelectuais. O seu trabalho torna-se trabalho acessível a todos” (MARX, 1982, p.23). Seria a função de Jardineiro, uma função acessível a todos? Dentre as particularidades e habilidades da tarefa, o jardineiro talvez não as tenha mais elucidado para si mesmo. O que seria possível de ser feito?

As tarefas prescritas dos Jardineiros são determinadas pela Lei Estadual Nº 14.187, que institui o plano de empregos, funções e salários e cria empregos permanentes e funções em comissão da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL, 2012). Na referida Lei, o trabalhador é referido como Agente de Apoio Operacional Jardineiro e suas tarefas são as seguintes: participar das expedições de coleta e exploração botânica; coletar e preparar sementes e material para propagação vegetativa; executar todas as atividades hortícolas necessárias à produção e ao cultivo de plantas; produzir composto orgânico, bem como preparar substratos para cultivo de plantas envasadas; executar podas sanitárias, inclusive dendrocirurgias, podas de formação e condução, além de remoção e/ou transplante de vegetais; executar atividades de manejo de relvados, forrações e gramados; observar os aspectos fitossanitários das mudas e plantas bem como executar as medidas sanitárias e profiláticas indicadas; auxiliar o monitoramento fenológico e dendrométrico das coleções; manusear máquinas e equipamentos necessários ao desenvolvimento das atividades hortícolas e auxiliar na manutenção que se fizer necessária; apoiar e participar das atividades educativas e de divulgação relacionadas à sua atividade; zelar pela boa ordem dos locais de trabalho, observando as normas de segurança e outras vigentes na Fundação Zoobotânica; executar outras atividades correlatas ou que lhe venham a ser atribuídas pela Direção, compatíveis com a sua atividade profissional.

Evidencia-se neste documento, uma abrangência de tarefas contemplando além das determinadas, outras que possam ser consideradas “correlatadas” e outras que possam vir a lhe serem ditas para realizar. Dentre as determinações, estão tarefas prescritas que entram em aspectos da subjetividade do trabalhador, não

considerando o sujeito e sim a totalidade dos trabalhadores, tais como os trechos nas sequencias discursivas abaixo:

SD 2- manusear máquinas e equipamentos necessários ao desenvolvimento das atividades hortícolas e auxiliar na manutenção que se fizer necessária;

SD 3- apoiar e participar das atividades educativas e de divulgação relacionadas à sua atividade;

SD 4- zelar pela boa ordem dos locais de trabalho, observando as normas de segurança e outras vigentes na Fundação Zoobotânica;

A tarefa prescrita vem de uma generalização impossível de ser realizada, para um aproveitamento total do tempo de trabalho “comprado”. Marx (1982) conceitua o reflexo do capitalismo na divisão do trabalho: pois quando o capitalista consegue explorar de forma vantajosa as forças da natureza, das máquinas e da divisão do trabalho, para reduzir seus custos e aumentar seus lucros, expandirá também sua necessidade de produzir mais. Entrando assim em um ciclo que trará novas divisões de trabalho, maior aplicação de maquinaria e um trabalhar em maior escala, considerando somente a força de trabalho “comprada” e não o sujeito trabalhador e suas capacidades. O que afeta o trabalhador, pois “na adaptação do conteúdo da tarefa às competências reais do trabalhador, o sujeito pode encontrar-se em situação de subemprego de suas capacidades ou, ao contrário, em situação muito complexa, correndo assim o risco de fracasso” (DEJOURS, 1987, p.50).

Na psicodinâmica do trabalho, o trabalho prescrito pela organização e o trabalho real estão sempre em descompasso. O trabalho prescrito não pode ser executado sem adaptações por parte dos trabalhadores. No caso dos jardineiros, para transformar aquilo que está na Lei em trabalho em real, precisam se mobilizar e fazer uso de sua inteligência astuciosa para se adaptar, ou negociar com seus colegas possíveis transgressões que permitam a realização do trabalho real. Além de todas as atividades já relatadas, a tarefa prescrita ainda determina que o trabalhador deverá executar outras que possam vir a lhe serem atribuídas pela Direção. Destacando a situação de que está ali para fazer o que for mandado fazer.

SD 4- Executar outras atividades correlatas ou que lhe venham a ser atribuídas pela Direção, compatíveis com a sua atividade profissional;

Na SD 4, com a descrição das tarefas, está à palavra “Direção” onde a primeira letra é maiúscula, como um marco da hierarquia: da divisão de homens. A designação de

“outras atividades correlatas ou que lhe venham a ser atribuídas”, direciona um poder de decisão e punição ao trabalhador, “a coletividade operária sabe quais são os postos mais duros e quais os mais tranquilos. Ser colocado em um posto de trabalho particularmente duro tem uma significação em relação aos colegas, não só do ponto de vista da produção, mas também do ponto de vista da ordem e da disciplina da empresa”. É nesse espaço em que “tal posto equivale a “ser protegido do chefe” ou, ao contrário, “ser sua vítima” (DEJOURS, 1987, p.51). Dejours (2004) questiona também como o sujeito reconhece a distância entre a realidade e as prescrições e procedimentos, afirmando que “o real se revela ao sujeito pela sua resistência aos procedimentos, ao saber-fazer, a técnica, ao conhecimento, isto é, pelo fracasso da mestria” (DEJOURS, 2004, p.28).

Na entrevista com os jardineiros, um dos questionamentos abordava a tarefa prescrita, onde a pergunta foi se conheciam as tarefas a que se candidataram, ou no caso se conheciam a legislação. As falas abaixo demonstram a dúvida, o desconhecimento sobre o assunto:

SD 5 - Eu acho que eram doze atribuições (J1);

Após sua resposta, as tarefas prescritas eram mostradas aos jardineiros, durante os minutos de leitura, reações de surpresa e de dúvida tomavam conta do entrevistado:

SD 6- participar das expedições isso não acontece, tem um colega que já foi, mas eu não sei, isso é uma coisa que eu nunca entendi muito bem aqui dentro assim, qual é o parâmetro pra estar rendendo o quanto esperam de ti, isso é uma coisa que não fica muito clara aqui, é bem difícil tu entender o que se espera de ti (J1);

SD 7- executar podas sanitárias por exemplo, é uma poda que eu considero que seria uma poda necessária, com algum risco, inclusive dendrocirurgicas – aí já não sei do que se trata (J2);

SD 8- tem colegas que já foram pra expedições e coletas, não fui convidado, se eu fosse convidado eu tentaria não ir (risos) (J2);

SD 9- ta meio formal demais assim pra mim saber exatamente o que que eles tão se referindo...executar todas as atividades hortícolas necessárias a produção e ao cultivo de plantas..todas as atividades...não sei, já fiquei na dúvida do que é hortícolas, se fosse um pouquinho mais no português popular talvez eu te desse mais certeza se a gente faz ou não, não sei o que ta escrito aí..talvez..nós temos um colega que é engenheiro florestal, ele lendo essas tarefas talvez ele saiba...(J2);

SD 10- prazer, tarefas. Isso é o que foi publicado no edital? Por isso que a gente não sabia exatamente o que ia fazer (J2);

A tarefa prescrita separa o planejamento do trabalho da execução das atividades, não considera o sujeito e como não somos todos iguais na forma de realizar uma mesma tarefa, acaba por causar o que Dejours (1987), citou como subemprego das capacidades e a possibilidade do fracasso. Parece que o trabalhador precisa saber para qual tarefa está sendo contratado, mas porque a tarefa para as quais será designado está sempre um tanto distante da realidade do trabalho realizado? Na SD, o Jardineiro não consegue compreender o que são aquelas atividades descritas, pois seu trabalho real não contempla o que está ali redigido na Lei.

Ferreira e Barros (2003) explicitando os motivos pelos quais a prescrição do trabalho foi criada, corroboram com a Psicodinâmica do trabalho afirmando que sua função estratégica é na divisão social, técnica e hierárquica do trabalho e originou-se através de profissionais da Organização e Métodos, para prescrever as atividades dos trabalhadores. Ou seja, a prescrição do trabalho vem para operacionalizar o trabalho em termos de objetivos estabelecidos e condições para o sujeito. Após pesquisas de campo, Dejours constatou que, além da contradição entre a organização do trabalho prescrita e a organização do trabalho real, toda a organização do trabalho é contraditória. “Cada incidente ou acidente leva à elaboração de uma nova prescrição ou uma nova regulamentação. E esta última soma-se ao grande número de regras anteriores” (DEJOURS, 2004c, p. 63). O autor afirma que com o passar do tempo, as leis, normas, regras e regulamentações formam um elemento tão complexo que se torna extremamente difícil haver conciliação chegando ao limite de impossibilitar a execução do trabalho, se as regras e normas venham a ser cumpridas (DEJOURS, 2004c). “A elaboração do trabalho real implica, assim, o afastamento das prescrições para dar início à atividade de “interpretação”” (DEJOURS, 2004c, p.63). A prescrição que é feita pensando no cumprimento de metas; modos de utilização da estrutura da organização; cumprimento de prazos; e obediência aos procedimentos e às regras, não pensada ou planejada para a realidade do dia-a-dia do trabalho (FERREIRA E BARROS, 2003). A fuga desse modo de trabalho está presente na fala de um dos entrevistados:

SD 11- lá era assim, era um trabalho que era semelhante a uma linha de produção, a gente tinha uma tarefa que era constante, dia todo mesma tarefa, inclusive incluía ficar lendo CEPs o dia todo e era uma coisa muito maçante, bem estressante mesmo, então tinha a carga física, a carga psicológica, era bem complicado (J2);

Recorrendo à memória para descrever seu trabalho anterior, J2 descreve modelos de trabalho que foram instaurados na sociedade e ainda hoje predominam em setores industriais de trabalho. Os modelos de gestão originados no período Taylor-Fordista são ainda hoje muito utilizados nas organizações, modelos que constroem cenários do trabalho prescrito distanciados do trabalho real dos trabalhadores. “O taylorismo, ou a administração científica do trabalho, surgiu como uma nova cultura do trabalho, tornando relevante, sobretudo para o desenvolvimento das indústrias química, elétrica e metalúrgica, correspondendo às necessidades de uma etapa do capitalismo internacional, período de atuação monopolista do capital” (LAPIS E MERLO, 2007, p. 62). Práticas que surgiram por concepção científica gerando uma cultura do trabalho prescrito, dentre elas a redução do trabalho em enquadramento de tempo, a desconsideração com as características e a diversidade dos trabalhadores. Trata-se do tempo como objeto de julgamento, sem levar em conta que o tempo não será sempre o mesmo depois da automatização. Precisando de novos ajustes, ou seja, práticas criadas sob a racionalização, em nada contribuindo com o trabalhador e sim com a organização do trabalho, influenciando diretamente no sofrimento (FERREIRA E BARROS, 2003). Dejours (2004) coloca que a gestão elaborada de forma taylorista/fordista provoca a desapropriação do saber do trabalhador e inibe qualquer iniciativa de adaptação ao trabalho, pois a adaptação necessita de uma atividade intelectual e cognitiva não almejada pelo taylorismo.

Para Dejours (2010) os trabalhadores dos dias atuais não sofrem mais do que os trabalhadores do passado, o trabalho do modo como hoje está posto na sociedade capitalista, sempre foi fonte de sofrimento. A diferença, segundo Dejours, é que hoje os trabalhadores não possuem mais suportes sociais. As estratégias coletivas de defesa que ajudavam o trabalhador a suportar situações de trabalho hoje estão cada vez mais enfraquecidas. Como os sindicatos e associações de trabalhadores, e a cultura da competitividade e do individualismo, que faz as pessoas correrem atrás de seu interesse não contemplando o interesse do outro. Assim, o sofrimento de hoje torna-se duplo, o da dor da situação de sofrimento no trabalho e a dor da solidão e da exclusão (DEJOURS, 2010). Também com

referência a situação atual do trabalho, Enriquez (2010) descreve o que caracteriza como mandado à felicidade, foco de muitos “treinamentos ou capacitações” que as instituições e empresas oferecem aos seus trabalhadores, com o intuito de agir como “motivacionais” na execução do trabalho:

No mundo do trabalho atual experienciamos os reflexos deste mandado à felicidade: todos temos que estar sempre bem (ou pelo menos parecer), ter boas relações pessoais (o tão propagado networking) e estarmos sempre prontos para a batalha da competitividade. Neste espaço a tristeza não tem lugar porque ela é contra a produtividade e serve como uma espécie de denuncia daquelas coisas que, por algum motivo, não vão tão bem assim como gostaríamos de acreditar que fossem. Os trabalhadores que se apresentem tristes são logo encaminhados, então, para o setor de saúde da empresa, se não pelo chefe, pelos próprios pares que não querem ser ‘contaminados’ com a dor alheia. Nesse contexto, então, o trabalhador ideal seria aquele indivíduo capaz de adaptar-se a todas as situações, de fazer calar em si “seus estados d’alma”, de considerar os problemas em sua frieza, mostrado como exemplo de guerreiro ou esportista, capaz de ultrapassar seus limites, de ter formas de “comunicação afirmativa”, de ser obcecado pela “excelência” e que deve, portanto, conformar-se à nova ideologia do ganhador, do lutador, livre de promessas, dos sonhos e dos questionamentos. (ENRIQUEZ, 2010. p.146)

Questionou-se os Jardineiros sobre como foram trabalhar no Jardim Botânico de Porto Alegre, pois de acordo com Mendes e Linhares (1996) podem surgir daí sentidos ligados a busca do prazer no trabalho, as vivências de prazer relacionam-se ao sentido que o sujeito atribui ao seu trabalho, mas também condições disponibilizadas pela organização do trabalho e principalmente a liberdade de utilização de estratégias de defesa pelo trabalhador (MENDES E LINHARES, 1996).

SD 12- Me sinto bem, até melhor que a minha casa. Aqui tá organizado, lá não tá (risos) lá não dá tempo de organizar (J3);

SD 13- Lá nos Correios assim, era um trabalho que também exigia esforço, mas não era uma coisa que eu gostava de fazer, tinha vontade de procurar alguma coisa que eu realmente gostasse e que também tivesse bons benefícios e continuei procurando concursos, achei esse do jardim e fui atrás (J2);

SD 14- é um trabalho meio terapêutico, eu considero, assim dá pra desligar, exige um esforço, mas dá pra desligar assim tranquilo (J2);

SD 15- Passava por aqui todos os dias, todas as manhãs e ficava olhando pra cá e imaginando: nossa, como eu gostaria de trabalhar (J4);

SD 16- eu gosto muito assim, me dá muito prazer mesmo o trabalho braçal, daí apareceu o concurso, eu nunca tive esse plano de passar em concurso, mas foi mais pela vaga, entrei aqui mais pelo conhecimento (J1);

As vivências de prazer no trabalho são conceituadas por Ferreira e Mendes (2001), dentro do contexto da Psicodinâmica do Trabalho como uma vivência

individual ou coletiva, inconsciente, de experiências de extrema satisfação, envolvendo corpo-mente a partir da gratificação encontrada no confronto com as situações de trabalho (FERREIRA E MENDES, 2001). “O prazer constitui-se em um dos sentidos do trabalho, por possibilitar o equilíbrio e a estruturação psíquica ao criar identidade e permitir a expressão da subjetividade construída com base no confronto entre o psíquico e o social” (FERREIRA E BARROS, 2003, p.10). Na entrevista de J1, uma das falas remetida como “esse problema” prejudicial ao trabalho, demonstra a falta de uma das condições favoráveis para que ocorram vivências de prazer no trabalho:

SD 17- É muito gratificante, muito prazeroso a melhor parte assim depois que tu consegue, também tem esse problema...agora até não está acontecendo tanto, por terem visto o quão isso é prejudicial pro trabalho, pro andamento, mas acontecia muito da gente começar e não terminar, começar e não terminar... e chegou num ponto que tinham quinhentas coisas começadas e a gente tava exausto e nada tinha terminado, nada tinha sido feito (J1);

SD 18- A falta de planejamento também acarreta em coisas do tipo a agora tu faz esse canteiro aqui, na nanão para o que tu ta fazendo, vai fazer aquela outra coisa lá e os trabalhos ficam inacabados (J5);

Mendes e Morrone (2002) expõem que as condições favoráveis para a ocorrência de vivências de prazer estão diretamente relacionadas com a realização de tarefas com começo, meio e fim; descentralização das decisões; autonomia técnica, desenvolvimento profissional; controle do processo produtivo; e visualização dos resultados da produção, ou seja, do rearranjo da organização do trabalho existente (MENDES E MORRONE, 2002).

Um fator importante no atual contexto do trabalho, que gera uma importante carga de sofrimento, são as questões éticas. Os trabalhadores precisam, cotidianamente, tomar decisões que infringem seu senso ético, com isso o mal passa a ser visto como algo necessário, quase que parte da execução do trabalho, característico da contemporaneidade (DEJOURS, 2012).

Ao indicar resistência à precarização do trabalho, o sofrimento pode funcionar como um mobilizador a favor da saúde. A busca pelo prazer e pela transformação do sofrimento são caminhos para a busca da estabilidade psíquica no trabalho, para o equilíbrio e dentre os recursos do sujeito e do coletivo, que podem ser mobilizados nesta busca, três são importantes: o a mobilização da inteligência prática, o espaço público para a fala e o espaço para a cooperação. Estes recursos constituem a

transformação do sofrimento, passando pelo reconhecimento e pelo rearranjo na organização do trabalho, conseguindo transformar o sofrimento em prazer (CARRASQUEIRA E BARBARINI, 2010). Quando o trabalhador se beneficia do reconhecimento, há possibilidade de tirar vantagens na construção de sua saúde mental. Entretanto, quando este reconhecimento não é possível, lhe é negado ou retirado, o trabalhador corre o risco de uma desestabilização da identidade e do prazer provocado em sua relação consigo mesmo, no amor que o sujeito tem por si (narcisismo). A relação com o trabalho pode gerar o melhor e também o pior: a crise de identidade e a descompensação psicopatológica. (DEJOURS, 2004c).

O sofrimento é percebido nas falas em mais de um trabalhador, quando relatam uma cobrança pela produção sem um parâmetro definido do que é rendimento. Essa cobrança é baseada no tempo de execução das tarefas e não diretamente com a tarefa prescrita dos jardineiros.

SD 19- tipo eles falam, ah não ta rendendo, mas também não tem um modelo pra tipo, rende assim ou assim que tem que ser, é meio confuso (J4);

SD 20- existe uma exigência de produção, mas nós não sabemos quais são os parâmetros, daqui a pouco a chefia vem e diz: tu não está produzindo, tu não está produzindo tanto quanto teu colega (J5);

SD 21-eu confesso que fico um pouco triste talvez, mais pela falta de justificativa do que qualquer outra coisa (J5);

SD 22- tipo às vezes eles falam que a gente não ta rendendo, isso agora faz muito tempo que não acontece, acho que a gente está conseguindo chegar na expectativa ou eles também baixaram as expectativa deles em relação a nós, mas o parâmetro não tem assim (J1);

SD 23- existe uma desconsideração muito grande do indivíduo, porque cada indivíduo tem um ritmo próprio e o mesmo indivíduo pode ter ritmo diferente ao longo do dia ou em dias diferentes (J5);

A comparação com a produção dos colegas cria conflitos nas relações de trabalho que são: “todos os laços humanos criados pela organização do trabalho, relações de hierarquia, com as chefias, com a supervisão, com os outros trabalhadores – e que são às vezes desagradáveis, até insuportáveis” (DEJOURS, 1987, p. 75). Quando a chefia faz uma cobrança sem parâmetro reclamando do rendimento, comparando a outro colega na execução de determinada tarefa por tempo, ele instiga a concorrência. Essa exigência de rendimento é a presença do modelo Taylorista na

realização do trabalho, como na SD 24, onde aparece a cobrança por seguir o modelo de operário padrão:

SD 24- parece que existe sempre algo limitando o trabalho neh, essas coisas mais que eu te falei de fofoca, ou surge uma implicância, ou daqui a pouco... ah eu trabalho mais do que os outros, alguém reclama que trabalha demais então aquilo é usado pra chicotear os que tão sendo reclamados (J1);

SD 24- existem as brigas por poder dentro da instituição, intrigas, fofocas, nunca vi tanto em outro lugar como aqui... nunca (J5);

SD 25- porque eu to quase não acreditando que seja possível melhorar, que a situação vá mudar, que a gente vá ser tratado com respeito que as individualidades sejam respeitadas (J5);

SD 26- eles não gostam que a gente tenha prazer trabalhando, eles não gostam que a gente forme grupo, forme amizade, troque ideias entre nós, se eu disser que quero fazer aquela atividade ali é aquela ali que não vão me deixar fazer (J5);

SD 27- o assedio moral com os jardineiros é muito pesado, não só com jardineiros com o pessoal do administrativo também, muito pesado (J5);

SD 28- o meu sentimento e de alguns colegas que eu converso é de que me deixem trabalhar, me deixem trabalhar em paz (J5);

O sofrimento visível nas falas dos entrevistados impacta diretamente na realização do trabalho. Por conta da carga psíquica que o trabalhador vivência diariamente, ele de certa forma torna-se despossuído de seu corpo físico e nervoso, domesticado e forçado a agir conforme a vontade de outro” (DEJOURS; ABDOUCHELI E JAYET, 1994). “O trabalho não permite, neste caso, ao sujeito realizar suas aspirações e seus desejos, interpondo-se como obstáculo ao livre exercício de si mesmo na atividade. Isso torna o trabalho agressivo ao aparelho psíquico” (BOUYER, 2010, p.255) que pode ser traduzido como o reflexo atual do trabalho dos jardineiros. É a impossibilidade de transformar a Organização do Trabalho.

Outra consequência para alguns entrevistados é o isolamento como alternativa para se manter no trabalho, demonstrando o impacto nas relações de trabalho. Para Freud (1976, p.10) “contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos, a defesa mais imediata é o isolamento voluntário, o manter-se à distância das outras pessoas”. Uma fuga da possibilidade de sofrimento a partir das relações de trabalho. No entanto, é impossível executar, trabalhar sozinho, sem as relações de trabalho, “Depois que o homem primevo descobriu que estava literalmente em suas mãos melhorar a sua sorte na Terra através do

trabalho, não lhe pode ter sido indiferente que outro homem trabalhasse com ele ou contra ele” (FREUD, 1976, p.23), ou seja, “esse outro homem adquiriu para ele o valor de um companheiro de trabalho, com quem era útil conviver” (p.23).

Quando questionados sobre o que estava em seu crachá e qual era sua função do JBPOA, o Agente Operacional Jardineiro reconhece-se como “Jardineiro”.

SD 29- só funcionário ta escrito no meu... Não sei por quê... Vou reclamar, quero jardineiro no meu crachá (J2);

SD 30- a gente tem um crachá, ta escrito, tem a minha foto, meu nome, tem meu numero de identidade funcional de funcionária pública, ããããhmm... e a minha função, jardineira (J4);

SD 31- Sou jardineira (J5);

Um jardineiro trabalha ao ar livre, exposto às variações de condições climáticas, ao frio e ao calor, manuseia máquinas de corte, o que pode ocasionar riscos de lesões físicas. Trabalha diariamente com substâncias químicas (pesticidas, adubos, etc) e variedade de plantas, o que pode trazer problemas à saúde física. Além do fato de trabalharem em posições incômodas agachados, fazendo força física. É através da realização do trabalho, de acordo com Antunes (2011), traduzindo e citando a obra de Lukács (1976) é que “têm lugar uma dupla transformação. Por um lado, o próprio homem que trabalha é transformado pelo seu trabalho; ele atua sobre a natureza; desenvolve as potências nela ocultas e subordina as forças da natureza ao seu próprio poder”(ANTUNES, 2011, p.144). E por outro lado “o homem que trabalha utiliza as propriedades mecânicas, físicas e químicas das coisas, a fim de fazê-las atuar como meios para poder exercer seu poder sobre outras coisas, de acordo com sua finalidade” (ANTUNES, 2011, p.144).

O Jardineiro não trabalha com um produto qualquer, as plantas são seu “produto de trabalho”, ele interfere para ajudá-las a desenvolver, o cenário que ele estará criando, com finalidade de preservação, será posteriormente visitado, apreciado transmitindo sentimentos aos visitantes. Pode partir daí o reconhecimento de que as tarefas reais não são possíveis a todos e que a simplificação do trabalho do jardineiro, é um sentido do trabalho realizado pelo jardineiro. Assim como não corresponde à realidade do trabalhador do turismo, que se prepara para o bem receber, além de todas as demais tarefas que precisa executar em sua função.

6 O CONCEITO DE FORMAÇÃO DISCURSIVA PARA ANALISAR O TRABALHO NO JARDIM BOTÂNICO

Figura 18 - Dia de trabalho no Jardim Botânico de Porto Alegre



Fonte: FZB (2009).

Os jardineiros entrevistados colocaram à disposição dessa pesquisa, por meio de suas falas, a possibilidade de um maior entendimento sobre outros olhares de um mesmo espaço, que é o Jardim Botânico. Assim se apontou-se alguns dos sentidos, a partir de análises. Neste capítulo os sentidos giram em torno dos conceitos: formações discursivas, do interdiscurso, das formações ideológicas, memória, esquecimento e contradições de formações que resultam destes aspectos, apesar de serem conceitos diferentes, relacionam-se entre si e por isso foram mobilizados para que se pudesse realizar análise.

As posições ideológicas determinam o sentido no contexto sócio-histórico das palavras ditas. E os sentidos são distintos dependendo de quem está a dizer as palavras. As formações discursivas são aquelas determinantes do que, perante certa formação ideológica e determinado contexto sócio-histórico, definem o que pode ser dito e deve ser dito (ORLANDI, 2001). “As coisas ditas, portanto, são radicalmente amarradas às dinâmicas de poder e saber de seu tempo” (FISCHER, 2001, p. 204). As formações discursivas correspondem “a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1988, p. 160).

O sujeito se constitui por uma interpelação – que se dá ideologicamente pela sua inscrição em uma formação discursiva – que em uma sociedade como a nossa, o produz sob a forma de sujeito de direito (jurídico). Esta

forma-sujeito corresponde, historicamente, ao sujeito do capitalismo, ao mesmo tempo determinado por condições externas e autônomo (responsável pelo que diz), um sujeito com seus direitos e deveres (ORLANDI, 2001, p.45).

A forma-sujeito é a maneira que o sujeito se identifica com a formação discursiva quando retoma os elementos do interdiscurso sendo a responsável pela ilusão de unidade do sujeito (Ferreira, 2001). A formação discursiva que transmite a forma-sujeito é aquela formação discursiva dominante (PÉCHEUX, 1996). “Forma-sujeito e formação discursiva (FD) encontram-se fortemente entrelaçadas, tanto em sua formulação teórica inicial como em sua evolução, [...] a heterogeneidade da FD é decorrência do desdobramento da forma-sujeito” (INDURSKI, 2008, p.16). “Os sentidos não estão assim pré-determinados por propriedades da língua, dependem de relações constituídas na/pelas formações discursivas” (ORLANDI, 2001, p.44).

Vale dizer, pois, que, se a ideologia não é idêntica a si mesma, a FD, por razões similares, também é ao mesmo tempo, idêntica e dividida. Ou seja: as fronteiras de uma FD, são suficientemente porosas para permitirem que saberes oriundos de outras FDs, aí se façam presentes. Em consequência disso, se domínio de saber é frequentemente atravessado/invadido por saberes provenientes de outras FDs, de outra forma-sujeito, de outras posições-sujeito, comportando por conseguinte, igualdade, mas também diferença e divergência, sendo, pois, a contradição o que se instaura aí em lugar de igualdade de sentidos e unicidade do sujeito. Como é possível constatar, a fragmentação da forma-sujeito determina a heterogeneidade da FD que é por ela organizada (INDURSKI, 2008, p. 17).

Pode-se com isso admitir que o que dizemos não são palavras livres e escolhidas sem sentidos anteriormente à fala. Entretanto, quando o sujeito limita-se ao dizer através das formações discursivas de sua posição, podem surgir conflitos a partir daquilo que sua posição, seu contexto sócio-histórico permite que ele diga e aquilo que ele realmente diria dada a sua formação ideológica. Ao “conjunto complexo de atitudes e de representações não individuais, nem universais em que se relacionam as posições de classes em conflito umas com as outras”, dá se o nome de formações ideológicas (FERREIRA, 2001, p.15).

Nas análises realizadas com o que foi dito pelos jardineiros do JBPOA, através das entrevistas, está à contradição por conta das formações discursivas entre o saber do jardineiro, (do profissional jardineiro) e do saber acadêmico, tanto entre os próprios jardineiros, quanto com suas chefias imediatas. O saber do jardineiro aponta para o senso comum, associado à prática. O saber do campo está associado ao senso comum por não ser um saber acadêmico, é o saber que está

presente nos cargos de chefia, que são também os trabalhadores há mais tempo atuando no local. É um saber resultante de conhecimentos adquiridos na realização do trabalho diário durante muitos anos, é o histórico que está presente na memória. Já estão habituados a uma rotina estabelecida e com suas próprias definições sobre o que significa fazer um bom trabalho, de acordo com as falas dos jardineiros. Já o sujeito que toma a posição em uma formação discursiva (FD) do saber acadêmico, saber científico, é o que manifesta outras formações ideológicas, outras profissões de ensino superior e atividades teóricas. Sujeitos que chegam ao trabalho com necessidades e anseios de realizar o trabalho de maneira industrial, como determinava o taylorismo, características de um saber acadêmico que para a execução das tarefas de jardineiro, não era demandado, nem esperado por quem já estava em trabalho no JBPOA.

De Masi (2000) explica que Taylor, o engenheiro, trabalhava com operários analfabetos como subalternos, e hoje o subalterno de um engenheiro, é outro engenheiro que às vezes será mais atualizado, minando assim as antigas concepções de relação chefia e trabalhador, criando conflitos. Na sociedade Pós Industrial, os equipamentos foram substituindo os operários com certa rapidez, “e nas empresas surgiam novas figuras, todas de tipo intelectual” (DE MASI, 2000, p. 186). O período entre as décadas de 1910 até 1970 é chamado de fordista-taylorista. Foi um período marcado pelo capital industrial e caracterizado pela rigidez nos controles dos processos de trabalho e das relações nas instituições. A produção ocorria em escala, havia divisão e parcelamento de tarefas por etapas e controle rígido de determinados grupos de trabalhadores por chefias imediatas onde o ritmo era ditado pela máquina (HARVEY, 1993).

Este modelo de organização objetivava “racionalizar a organização do trabalho através da adoção de normas, procedimentos sistemáticos e uniformes, utilizando-se da observação, descrição e medição como subsídios para simplificar operações” (CARRASQUEIRA E BARBARINI, 2010, p.6). Dessa forma, eliminando “movimentos desnecessários, lentos e ineficientes e encontrar "o modo melhor", o movimento certo e mais rápido em todos os ofícios” (CARRASQUEIRA E BARBARINI, 2010, p.6).

Nessa instituição Pós-Industrial, composta em uma maioria de trabalhadores intelectuais, “a ênfase se desloca do processo executivo ao ideativo, da substância à

forma, do duradouro ao efêmero, da prática à estética. Ou seja, da precisão à aproximação, do pré-científico ao pós-científico” (DE MASI, 2000, p.190). Por isso, hoje os trabalhadores desejam contribuir com ideias próprias sem limitações a tarefas prescritas, seu conhecimento acadêmico o permite esse modo de relação com o trabalho.

Esse histórico da sociedade no trabalho será aqui retratado, trazendo ao espaço do JBPOA duas formações discursivas porosas e contraditórias. Porosas, pois o sujeito está entrando e saindo de uma formação discursiva, se desidentificando e reidentificando com ela, contraditória, pois acaba porque traz consigo as contradições de estar em uma formação discursiva, mas ser permeado por outra. O que ficou muito evidente antes mesmo das entrevistas, como se pode ver no trecho abaixo retirado de anotação de Diário de Campo, em conversa informal com um dos encarregados de outro setor do JBPOA.

RD- Nós temos um problema aqui no jardim, os jardineiros não sabem que são só jardineiros e querem fazer outras coisas (DIÁRIO DE CAMPO, 10 DE MARÇO, 2015).

O RD acima aponta para uma limitação das potencialidades dos trabalhadores Jardineiros, anulando, possivelmente, as condições do trabalhador de criar e transformar a Organização do Trabalho. Dejours (2011) discute o sofrimento daqueles que temem não satisfazer, não estar à altura das imposições da organização do trabalho. Imposições que podem ser de horário ou de ritmo, de formação profissional, de informação, de aprendizagem, de instrução. Mesmo que no caso dos jardineiros exista em grande parte a presença do diploma, do saber acadêmico, e também determinada experiência, ainda há o sofrimento por temer rapidez de aquisição de conhecimentos, adaptação à instituição. E acrescento aqui a desconsideração com o que querem fazer no trabalho, o que consideram parte do trabalho de jardineiro, que difere do que os jardineiros antigos e demais encarregados acreditam ser o trabalho real do jardineiro.

O que nos leva a reflexão do que Indurski (2008) distingue como “mau sujeito” que acontece “quando o sujeito do discurso se identifica com determinada formação discursiva, através dos saberes produzidos a partir de uma posição-sujeito diferente da posição-sujeito dominante, ele se constitui como mau sujeito” (INDURSKY, 2008,

p.19). O trabalhador quer ser jardineiro, mas não se identifica com a forma de trabalho atual do jardineiro. “Os questionamentos do sujeito não o permitem e, em função deles, vão surgindo as diferenças no interior da formação discursiva” (INDURSKY, 2008, p.19). “A diferença e a contradição tomam espaço e afetam não apenas a formação discursiva, mas a sua forma-sujeito” (CAMPOS, 2010, p.76). A heterogeneidade dos saberes constitui a contradição das formações discursivas, onde a formação ideológica dos jardineiros se manifesta inconscientemente quando os jardineiros demandam o planejamento do trabalho. As FDs são porosas, os jardineiros transitam de uma para outra.

Nas sequências discursivas, a presença do saber acadêmico é descrita pelos trabalhadores, inclusive citando os conhecimentos dos demais colegas de trabalho. Assim como citam a demanda por adquirir mais conhecimento acadêmico na realização de suas funções.

SD 32 – eu fazia Arquitetura antes e me interessava muito pela parte do paisagismo, daí eu trabalhei num estágio de paisagismo com o Takeda, que é quem fez até o projeto do Horto do Seu Pedro (J1);

A porosidade das formações discursivas do saber acadêmico com o saber de senso comum surge na SD 32, quando a empresa de paisagismo, com conhecimentos científicos e saberes da Arquitetura, responsável pela elaboração dos projetos paisagísticos aparece como aliança no trabalho de “Seu Pedro”, que é o responsável por plantar no Horto do Jardim Botânico de Porto Alegre. O saber daquele que planta, que não teve acesso aos bens simbólicos da Universidade, mas que é o realizador da tarefa, “do plantar” e fazer o Horto tomar a forma planejada. Na SD seguinte, a formação discursiva do saber acadêmico é reforçada na fala, como uma dominação, mas que também torna a expor a aliança:

SD 33- às vezes eu tento dar um pouco mais de mim porque eu sei que eu to ocupando um lugar que deveria ser pra um... Por exemplo, todo mundo que entrou aqui tem curso superior, ou já cursaram, ou ta desenvolvendo, tem colega nossa que é Mestre em Biologia, outro que é Engenheiro Florestal, todo mundo já estudou e tem bastante conhecimento (J1);

O conhecimento citado na SD 33 é o saber acadêmico. A vaga disponibilizada no edital para contratação de jardineiro exigia o conhecimento de ensino fundamental e todos os jardineiros contratados possuem escolaridade superior ao que era solicitado. No caso foi solicitada pela Instituição a contratação de Jardineiros, mas

chegaram para a função Arquitetos estudantes, Biólogos, Engenheiros, etc. Qual o sentido de esses profissionais se candidatarem a vagas que exigiam “somente” o saber operacional do jardineiro, sem a exigência de conhecimentos científicos de ensino superior? Porque ocorre este equívoco? A explicação está na Ideologia, no furo de Ideologia, na impossibilidade de suportar o trabalho nos modelos do taylorismo, que está institucionalizado na Organização do Trabalho. Percebe-se uma resistência à competição profissional, uma fuga ao capitalismo que dita regras implícitas de que devemos buscar empregos que paguem melhores salários, buscar cada vez mais formações acadêmicas e possíveis carreiras profissionais promissoras, etc. Encontrando a alternativa de um trabalho ao ar livre, manual, que fuja aos modelos do taylorismo.

A heterogeneidade discursiva está presente na SD 33 quando o entrevistado diz em sua fala tentar dar um pouco mais de si, por considerar estar ocupando um lugar que seria de outro, que não possui o mesmo grau de instrução acadêmica. Neste momento J1 está sendo atravessado por diferentes discursos do outro. “Todo discurso é atravessado pelo discurso do outro ou por outros discursos. Estes diferentes discursos mantêm entre si relações de contradição, de dominação, de confronto, de aliança e/ou de complementação” (Ferreira, 2001, p.16). Esta heterogeneidade mostrada divide-se em “a heterogeneidade marcada, da ordem da enunciação e visível na materialidade linguística; e a não marcada, da ordem do discurso e não provida de visibilidade” (p.16). “A forma-sujeito abriga a diferença e a ambigüidade em seu interior. Só assim é possível pensar em uma FD, heterogênea que continua comportando um sujeito histórico para ordena-lá/organiza-lá” (Indurski, 2008, p.17). É possível com isso pensar esse “sujeito histórico como um sujeito dividido entre as diferentes posições-sujeito que a interpelação ideológica lhe faculta” (p.17).

As referências nas falas sobre o interesse pelo saber acadêmico estão presentes nas SDs seguintes. Os Jardineiros pedem por atividades que contemplem o conhecimento científico. Mas fazem isso sem desconsiderar o conhecimento do saber do Jardineiro, que estão conseguindo adquirir no dia-a-dia de trabalho, na convivência com os Jardineiros que já atuavam no JBPOA. Demonstrando a presença das duas matrizes de sentido, a do saber acadêmico que vem do urbano e

a do saber do Jardineiro que vem do trabalho braçal, da prática e da observação e aprendizagem:

SD 34- nos disseram também que nós iríamos fazer alguns cursos, vamos aproveitar os dias de chuva e fazer alguns cursos, pra vocês internos, com pessoal da casa mesmo, mas isso não aconteceu ainda (J5);

SD 35- leio livros também a gente ganha desses eventos que tem de plantas bioativas, pessoal que viaja ai nessas palestras trazem (J3);

SD 36- eu já estudava as medicinais e as condimentares, de um tempo pra cá eu venho estudando as alimentícias não convencionais (J5);

Recorrendo a memória, pela ação do interdiscurso, que é o conjunto das formações discursivas que se inscrevem na constituição do discurso, os jardineiros mostram o já-dito, resultado da articulação do sujeito resignificando o que já foi dito (INDURSKY; MITTMANN, FERREIRA, 2011). “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2001, p. 31), as experiências passadas convocam sentidos formulados pela memória, “formulações feitas, já esquecidas, que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2001, p.33). A memória referida aqui não é acessível ao sujeito: “é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular, se apague na memória para que, passando para o anonimato possa fazer sentido em “minhas” palavras (ORLANDI, 2001, p.34). A ideologia atua como efeito da relação entre sujeito e linguagem de forma inconsciente, permitindo ao sujeito a identificação com a formação discursiva que o domina e a ilusão de que domina o que diz e que o sentido já é dado quando discursiva (FERREIRA, 2001).

A importância do saber do jardineiro também surge nas falas dos trabalhadores quando afirmam e salientam a importância do trabalho prático, do trabalho manual. Pois o aprendizado sobre manuseio das ferramentas não pode ser adquirido somente através do saber acadêmico, mostrando novamente uma aliança entre as duas formações discursivas. Matrizes de sentido do saber do campo, o saber de quem trabalha sem ter tido conhecimento científico sobre o assunto:

SD 37- quando eu entrei aqui, não tinha noção nenhuma, cortar grama ah cortava grama em casa, mas com aquelas máquinas de quatro rodas, mas aquela costal que a gente usa nunca tinha usado na minha vida, aprendi na prática... na prática (J5);

SD 38- na necessidade a gente vai fazendo, pegando prática e fazendo (J3);

SD 39- a gente aprende na prática porque eu não sabia nada quando eu entrei aqui (J4);

SD 40- sempre tive muito interesse assim e gosto do trabalho braçal (J1);

SD 41- então eu sempre trabalhei na área administrativa, mas eu também tenho vivencia em casa porque vivia no meio rural desde criança, não foi difícil pra mim o trabalho aqui (J5);

Além disso, também estão nas falas dos Jardineiros mais uma das características da matriz de sentido do senso comum, na observação do trabalho prático de seu colega para aprendizado das atividades:

SD 42- era importante que alguém tivesse essa relação com ele (colega de trabalho), acompanhamento das atividades pra poder assumir no lugar dele e não vai ter ninguém (J5);

SD 43- tem o responsável pelo horto-medicinal e ele precisa de alguém pra trabalhar com ele porque o horto vem crescendo e ele fica sobrecarregado e também porque ele vai se aposentar daqui alguns anos e não vai ter ninguém formado em cultivo (J1);

Quando o trabalhador diz que um de seus colegas, experiente no trabalho prático devido ao tempo de trabalho no Jardim Botânico, deve ser acompanhado para que alguém possa assumir seu lugar quando o mesmo se aposentar, evidencia a necessidade do aprendizado do saber prático, do trabalho não institucionalizado de senso comum, para os jardineiros novos. O que confronta com a situação do trabalhador mais antigo, que já possui a prática, pois sua formação ideológica é diferente do jardineiro que entrou recentemente no JBPOA, os motivos que o levaram a buscar esse trabalho foram a experiência nos trabalhos de campo, na área rural:

SD 44- É aqui eu fiquei sabendo do Jardim Botânico através de um tio meu que trabalhava aqui já. Como eu era agricultor e ele também era agricultor a gente viu uma oportunidade aqui de trabalhar no serviço do estado, que o serviço do estado era melhor garante mais a previdência social que a gente tinha, trabalhava no interior não tinha isso, não dependia de muita coisa, daí tinha mais futuro de aposentadoria, daí já me chamou atenção por isso que eu vim trabalhar, *pelos causa* sociais que a gente teria mais garantia (J3);

Na realização de seu trabalho, J3 demonstra o que se constitui pelo acesso à memória, na qual fala “uma voz sem nome”, “onde algo fala antes, em outro lugar, independentemente, produzindo o efeito do já-dito, palavras que trazem nelas outras

palavras” (ORLANDI, 2006, p. 5). A memória, trazida para a relação com o discurso, que denomina-se interdiscurso (ORLANDI, 2006).

O ‘interdiscurso’ disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. A observação do ‘interdiscurso’ nos permite remeter a uma filiação de dizeres, a uma memória, e a identificá-lo em sua historicidade, mostrando seus compromissos políticos e ideológicos. (CAMPOS, 2012, p. 604)

Seu saber prático já o acompanha desde antes de seu trabalho, na atividade de agricultor, de colono, manifestando formações ideológicas do trabalho do peão, que também é citado por J1:

SD 45- eu só acredito que daqui um tempo talvez eu não tenha o fôlego que eu tenho hoje pra trabalhar porque o trabalho é pesado, mas eu to estudando pra isso, pra não ter que ser peão a vida inteira (J1);

Quando J1 diz que “mas eu estou estudando para isso” separa o saber prático do trabalho do peão, do saber acadêmico, retomando o conceito de esquecimento nº2 na teoria de Pêcheux (1996), que é o esquecimento da ordem da enunciação, onde o discurso pode ser dito somente desta forma, e não de outra forma (PÊCHEUX, 1996). Este esquecimento produz em nós a impressão da realidade do pensamento, [...] “denominada ilusão referencial” (ORLANDI, 2001, p. 35). Portanto, os trabalhadores apresentam seu saber acadêmico, mas evidenciam a importância da prática para a boa realização do trabalho, demandam aspectos do saber acadêmico, através dos pedidos de planejamento, mas demandam também os aspectos do saber prático, demonstrando admiração e respeito pelos trabalhadores mais antigos do JBPOA. “O lugar do qual o sujeito fala, é falado ou cria, determina as relações de força no discurso, enquanto as relações de sentido pressupõem que não existe discurso que não se relacione com outros” (CAMPOS, 2012, p.601). “O elemento determinante do sentido no discurso é a ideologia. A ideologia está materialmente relacionada ao inconsciente. O sujeito discursivo é atravessado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia” (CAMPOS, 2012, p.601).

SD 46- eu acho que a gente não é muito ouv... ãhmm ah o conhecimento assim que a gente tem, tipo Seu Pedro e Seu Clécio pra mim são duas pessoas que eu ouço muito, pergunto muito porque são as pessoas que mais me dão respostas (J1);

Quando inicia dizendo “eu acho que a gente não é muito ouv...” e depois redireciona sua fala para essas duas pessoas, J1 mostra a porosidade entre as

formações discursivas demonstrando a importância dos sujeitos que já atuam há mais de 30 anos no trabalho de jardineiros, que seriam os detentores de maior conhecimento sobre a realização de seu trabalho. Fischer (2001), citando a obra de Maingueneau, afirma que “as formações discursivas devem ser vistas sempre dentro de um espaço discursivo ou de um campo discursivo, ou seja, elas estão sempre em relação como determinados campos de saber” (FISCHER, 2001, p.203). Assim, quando falamos em discurso com a presença do saber acadêmico e do saber prático, estamos afirmando que cada um deles “compreende um conjunto de enunciados, apoiados num determinado sistema de formação discursiva de determinado saber com a presença ideológica” (FISCHER, 2001, p.203). A porosidade acontece quando há identificação com outra formação discursiva. Mittmann (2005) questiona qual é o limite de uma Formação Discursiva e ressalta o surgimento dos conflitos, afirmando será determinado pelo histórico, “pelos conflitos com outras FDs e da relação com a Formação Ideológica, pelo conjunto de saberes, pelo que pode, não pode, deve, não deve ser dito” (MITTMANN, 2005, p.2). O que mostra que são “das relações de aliança, oposição, apagamento, sobreposição entre saberes e enunciados que surgem as formulações, os ditos e os não ditos” (MITTMANN, 2005, p.2).

A contradição pode ser percebida quando o jardineiro que possui curso superior, ou seja o saber acadêmico, acredita que não está podendo contribuir com seu saber, para a execução do trabalho manual do jardineiro, porque este não inclui o pensar e somente o executar. Quando estes jardineiros pedem pelo planejamento do trabalho, pela organização do trabalho, refletem conhecimentos de seu saber acadêmico, mas também mostram que o modelo de trabalho do taylorismo, o qual buscavam se distanciar, ainda está atravessando suas falas. O que os Jardineiros efetivamente reclamam, é das formações ideológicas presentes retratarem o trabalho como um trabalho de “peão”, não considerando que precisa de planejamento.

SD 47- a gente fala, já foi falado isso em reunião, mas não é muito bem aceito assim, pra eles é indiferente, eles acham que realmente eles tão aqui pra pensar nisso e a gente ta aqui pra executar o que eles pensam, isso pra mim é uma realidade, tenho isso muito claro (J1);

A posição de chefias “pensantes” e trabalhadores que “executam” remete ao discurso anterior de J1, que aponta ao trabalhador falando de sua posição na matriz de sentido. Orlandi (2001) exemplifica como a mãe falando de sua posição de mãe: “O que digo deriva de seu sentido em relação à formação discursiva em que estou inscrevendo minhas palavras, de modo equivalente a outras falas que também o fazem dessa mesma posição” (ORLANDI, 2001, p.49). Quando a mãe abre a porta de casa para o filho, durante a madrugada, depois de horas aguardando sua chegada, ela questiona se “Isso são horas?”, ou seja, está falando de sua posição de mãe, falando como as mães falam, na matriz de sentido que indica uma posição-sujeito. “Podemos até dizer que não é a mãe falando, é sua posição. Ela está aí sendo dita. E isso a significa. Isso lhe dá identidade. Identidade relativa a outras: por exemplo, na posição de professora ou atriz, etc” (p.49). J1 falando de sua posição de trabalhadora, diz que eles, os outros, acham que o trabalhador está ali para executar. Se J1 estivesse na posição contrária, em outra posição-sujeito, seu discurso derivaria de outra matriz de sentido.

O assujeitamento, presente nas sequencias discursivas abaixo, também em forma de um discurso “politicamente correto”, vem da forma-sujeito histórica que corresponde a da sociedade atual representando a contradição, quando o sujeito é livre e também simultaneamente submisso: “capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas, pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la” (ORLANDI, 2001, p.50). Apresentando assim um sujeito livre e responsável, expondo o discurso como instrumento do pensamento e reflexo da realidade, uma submissão que não é tão visível e que possibilita uma ideia de liberdade individual, “sujeito que determina o que diz, mas, no entanto é determinado pela exterioridade na sua relação com os sentidos” (ORLANDI, 2001, p.51).

SD 48-desde que a gente entrou aqui eles falaram, pra gente ter iniciativa pra gente dar opiniões, sobre todo trabalho que a gente for fazer. Pra gente dar nossa opinião quando tiver, se a gente achar que de outro jeito vai ser melhor, de outro jeito vai ser mais prático da gente fazer, eles sempre falaram pra gente dar a nossa opinião (J2);

SD 49- a gente não faz com autonomia, a gente diz: ah olha só, eu acho que se fizer assim, a gente entra num consenso, nada que seja: ah eu vou lá e vou fazer assim, é uma coisa que consegue conversar (J2);

No espaço “simbólico-linguístico-histórico regido por dizeres opressivos, hegemônicos, clamados “politicamente corretos” que observamos um sujeito interpelado pela ideologia reinante” (SIMON *et al*, 2014, p. 11). Sujeito que também é contornado “pelos dizeres do real da história e da língua, muitas vezes desvinculado de seu desejo” (SIMON *et al*, 2014, p.11), já que não se pode dizer que o desejo do sujeito em um dia de sol quente é realizar a tarefa da roçada, ou ficar exposto ao sol forte para outra atividade.

SD 50- o encarregado é bem atencioso, acessível, quando tem muito sol ele fala pra gente roçar na sombra (J2);

SD 51- quando ta muito forte o sol, a gente da um tempo aqui, espera, uso bastante bom senso, quando eu vejo que o trabalho é realmente necessário e to disposta, vou lá e faço, quando eu não to muito bem, eu não rendo tanto (J1);

SD 52-quando eu vejo assim, que a colega ta meio mal, eu dou um ligeirão, outro dia ela me ajuda (J1);

Vê-se a relação de forças presente quando fala sobre a chefia, segundo essa noção, podemos dizer que “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar de aluno” (ORLANDI, 2001, p.39). São relações de força que são sustentadas desses diferentes lugares, ou posições, onde a fala do professor significa mais do que a fala do aluno, chegando a uma relação discursiva (ORLANDI, 2001).

“O ser incansável” da SD abaixo, assim como o “lutar pelo fortalecimento da equipe”, “ser junto e forte para ser reconhecido” remete ao sujeito que ao dizer “significa em condições determinadas, impelido de um lado, pela língua e, de outro lado, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos e também por sua memória discursiva” (ORLANDI, 2001, p.53). Portanto por um “saber /poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções⁴ ideológicas” (ORLANDI, 2001, p.53).

SD 53- tem todo papo de servidor público que ah não muda se tu fizer ou não fizer, eu acho que não que tem que fazer sim, ser incansável assim uma luta que é todo minuto (J1);

⁴Exigências, imposições;

SD 54- é uma coisa que eu luto bastante assim pelo fortalecimento da equipe do operacional, eu acredito que a gente precisa ser junto e forte pra ser reconhecido e ser ouvido (J1);

Nas entrevistas, os jardineiros também abordam o relacionamento entre os trabalhadores antigos e os recentes, ou seja, os que possuem o saber prático e os que possuem o saber acadêmico, essa divisão de matrizes de sentido em formações discursivas conflitantes podem ser consideradas herança da divisão do trabalho retratada por Marx (1996), quando descreveu a divisão do trabalho entre trabalho manual e trabalho intelectual citando obra de Adam Smith, na realidade das manufaturas do século XVIII:

A manufatura origina-se de modo duplo. Em um modo, trabalhadores de diversos ofícios autônomos, por cujas mãos têm de passar um produto até o acabamento final, são reunidos em uma oficina sob o comando de um mesmo capitalista. Por exemplo, uma carruagem era o produto global do trabalho de grande número de artífices independentes, tais como, seleiro, costureiro, serralheiro, torneiro, vidraceiro, pintor, envernizador, dourador etc. Em outro modo, artífices que fazem o mesmo ou algo da mesma espécie, por exemplo, papel ou tipos de imprensa ou agulhas, são ocupados pelo mesmo capital simultaneamente na mesma oficina. Cada um desses artífices (talvez com um ou dois ajudantes) produz por inteiro a mercadoria e leva a cabo, portanto sucessivamente as diferentes operações exigidas para a sua fabricação. Ele continua a trabalhar de acordo com o seu antigo modo artesanal. Contudo, circunstâncias externas levam logo a utilizar-se de outra maneira a concentração dos trabalhadores no mesmo local e a simultaneidade de seus trabalhos (MARX, 1996, p. 454).

A partir da divisão do trabalho que ainda está presente na atualidade, Marx (1996) concluiu que “a inteligência da maior parte dos homens desenvolve-se necessariamente a partir e por meio de suas ocupações diárias” (MARX, 1996, p.476). “Um homem que despense toda a sua vida na execução de algumas operações simples” (...) não tem nenhuma oportunidade de exercitar sua inteligência” (MARX, 1996, p.476). Como exigir portanto que o saber de senso comum, que realiza as mesmas atividades durante muitos anos de uma determinada forma, consiga de um momento para outro executar outras operações, por ter agora, a oportunidade de fazê-las, como exigir a transformação do trabalho por estes trabalhadores? Simon *et al* (2014) relacionam essa ideologia com o capitalismo, quando colocam que somos marcados pela “severidade e selvageria do capital”, destacando que “ele é escarificado, calejado – bem como seus sujeitos - em função do constante embate de forças tanto opressoras e reguladoras quanto as de cunho criativo” (SIMON *et al*, 2014, p.4). Estas forças “são oriundas da permanente

memória da ideologia vigente em todos os aspectos da vivência cotidiana” (SIMON *et al*, 2014, p.4).

SD 55- não sei se é por estarem juntos há muito tempo sozinhos e entrou um pessoal novo e eles têm uma relação mais pessoal mais íntima, a parte mais profissional meio que ficou... Não sei não entendo muito bem (J1);

Aqui ficam evidentes as formações imaginárias que são aquelas “que se manifestam, no processo discursivo, através da antecipação, das relações de força e sentido” (FERREIRA, 2001, p.16). Na antecipação, “o emissor projeta uma representação imaginária do receptor e, a partir dela, estabelece suas estratégias discursivas” (FERREIRA, 2001, p.16). O que ocorre então é um jogo de imagens “dos sujeitos entre si, dos sujeitos com os lugares que ocupam na formação social e dos discursos já-ditos com os possíveis imaginados” (FERREIRA, 2001, p.16).

Nas sequências discursivas abaixo, no pedido por reuniões, fica evidente a necessidade de voz aos discursos de outras formações discursivas:

SD 56- só tem reunião quando há um ponto muito divergente, entre chefia e funcionário, tipo junta todo mundo pra dar uma bronca, mas não no sentido de planejamento coletivo ou discussão de trabalho (J5);

SD57- nós gostaríamos inclusive de poder fazer algumas reuniões periódicas (J6);

Sobre a construção dos sentidos, pode-se afirmar que “os sentidos não estão pré-determinados por propriedades da língua, dependem de relações constituídas nas/pelas formações discursivas” (ORLANDI, 2001, p.44).

O discurso se constitui em seus sentidos, porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não em outra para ter um sentido e não outro. Por ai podemos perceber que as palavras não tem um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem (ORLANDI, 2001, p.43).

Marx (1982) complementa quando descreve que os trabalhadores unidos podem parar as máquinas e obrigar o patrão a negociar. “Há nessa realidade discursiva, exploração, mas pode haver negociação, o gozo libidinal não está excluído e está do lado do trabalhador” (BORGES E RIBEIRO, 2013, p.22). Bouyer (2010), abordando a Psicodinâmica do Trabalho de Dejours, traz um aspecto importante sobre o pedido de diálogo entre trabalhadores e chefias:

Não havendo a comunhão na intersubjetividade, na comunicação, no diálogo, estão vedadas as possibilidades de amenizar e de enfrentar o

sofrimento de forma coletiva, com o anteparo do grupo, com o seu apoio para a criação de mecanismos e estratégias coletivas de defesa. O sofrimento é, assim, vivenciado na solidão, no interior do mundo singular que cada um mantém em sua subjetividade (BOUYER, 2010, p. 255).

As formações ideológicas podem ser interligadas ao que Dejours (1987), denomina “ideologias defensivas” assimilamos aqui a ideologia da vergonha, observada em trechos das falas, de uma forma bastante destacada, mostrando heranças do trabalho operário, do subproletariado, citando aqui o exemplo da doença física, como representante de todas as ideologias defensivas dos trabalhadores:

SD 58- é bastante pesado, bastante pesado. Tanto é que vários de nós já desenvolvemos várias lesões de ombro de pulso, cervical, coluna lombar, joelho (J5);

SD 59- logo no início a gente tava em período probatório ainda, os três primeiros meses foram de contrato de experiência e meu chefe chegou a assinar um documento dizendo que eu não deveria continuar após o período por conta de eu não conseguir usar aquela máquina, desenvolvi lesão (J5);

SD 60- todas as outras funções que tavam no edital quando nós fizemos o concurso não foram levadas em consideração, somente a roçada (J5);

Dejours relaciona essa ideologia defensiva, da vergonha, como característica advinda do subproletariado, quando o fato de estar doente devia ser escondido dos outros, da família e dos vizinhos. A doença justificada como se fosse preciso desculpar-se por ela, “não se trata da culpa no sentido próprio que refletiria uma vivência individual e sim de um sentimento coletivo de vergonha” (DEJOURS, 1987, p. 29). O pensamento dominado pela acusação de que a doença seria voluntária, ato de preguiça suscetível de julgamento alheio, tornando-se um consenso social de condenar ao doente, principalmente para a mulher que não pode ficar doente por conta dos filhos, “para a mulher, a doença não pode autorizar a paralisação do trabalho” (DEJOURS, 1987, p.32). A ideologia da vergonha coloca que a doença deve ser recoberta de silêncio, o corpo só pode ser aceito no silêncio, pois somente o corpo que trabalha, o corpo trabalhador da mulher, que é aceito, quanto menos se falar dele. Não existe palavra, nem linguagem para falar do corpo na ideologia da vergonha (DEJOURS, 1987, p. 35).

A ideologia defensiva tem por objetivo mascarar, conter, ocultar uma ansiedade particularmente grave e “todas as características da ideologia da

vergonha, podem ser encontradas em outras ideologias defensivas profissionais” (DEJOURS, 1987, p. 36). “Quem não se enquadra nos padrões ditados pelo discurso dominante é acusado a partir da perspectiva patológica da exclusão” (SIMON *et al*, 2014, p. 7). Com isso, “o sujeito fica amarrado, barrado no seu desejo, obrigado a produzir, formatado dentro da cena capitalista” (SIMON *et al*, 2014, p. 7). A doença de J5 barrou seu desejo de atuar em outras tarefas em nome da exigência de produção, característica de uma formação discursiva que reflete o capitalismo, do corpo sendo ignorado. Nota-se a reprodução das diferenças de classe, presente nos Aparelhos Ideológicos do Estado, que Althusser exemplifica com a “escola”, refletindo aqui no trabalho.

A reprodução da força de trabalho exige não só uma reprodução da qualificação desta, mas, ao mesmo tempo, uma reprodução da submissão desta às regras da ordem estabelecida, isto é, uma reprodução da submissão desta à ideologia dominante para os operários e uma reprodução da capacidade (para manejar bem a ideologia dominante) para os agentes da exploração e da repressão, a fim de que possam assegurar também, «pela palavra», a dominação da classe dominante (ALTHUSSER, 1996, p.22).

É a demanda pelo planejamento, tensionando os dois lados da realização do trabalho no Jardim Botânico de Porto Alegre, conflitando a identificação das regras implícitas e explícitas, partindo do fato de que “tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos” (ORLANDI, 2001, p.43). O que os trabalhadores chamam de planejamento, seria na verdade a organização do trabalho. Pois até o presente momento, existe uma divisão do trabalho, “divisão de tarefas entre operadores, repartição, cadencia, enfim o modo operatório prescrito; e por outro lado a divisão de homens: a repartição das responsabilidades, hierarquia, comando, controle” (DEJOURS, 2012, p. 125).

O que está sendo solicitado é a possibilidade de organização do trabalho em nome da solução das causas do sofrimento. Esta “organização real do trabalho é resultante de negociações entre sujeitos” (DEJOURS, 2012, p.116). Se o trabalhador seguir à risca o que determina a organização prescrita do trabalho, “difícilmente conseguirá alcançar os resultados e os objetivos definidos pela própria organização” (BOUYER, 2010, p.257). Daí a diferença de se entender que a demanda por planejamento do trabalho, não é a demanda pela tarefa prescrita ou pela organização do trabalho (como conceito dejouriano). “O que é necessário fazer,

principalmente cognitivamente, para manter a produção dentro dos parâmetros esperados de normalidade não pode ser prescrito, porque este “fazer” (BOUYER, 2010, p. 257), envolve o agir que vai além do que dizem as normas, é um fazer do sujeito e não do coletivo de forma a uma regra significar o mesmo para todos.

A contradição das formações discursivas, também pode ser relacionado com a demanda de um planejamento do trabalho. A formação ideológica dos jardineiros se manifesta inconscientemente quando eles demandam o planejamento do trabalho. Eles se candidataram a um trabalho manual, ao ar livre, que não oferecesse as mesmas características do trabalho industrial, taylorista, mas solicitam ainda, por conta da memória e da reprodução da formação ideológica, a mesma burocracia do trabalho industrial.

SD 61- então a planta ta submetida a um stress por falta de organização, de comunicação, porque como cada um tem a sua irrigação no seu lugar e daí um ta irrigando aqui, falta água lá, daí lá fica esquecido não irriga, isso acontece muito assim (J1);

SD 62- a promessa da planilha de trabalho não se concretiza, a gente perde a noção do todo, porque daí eu fico só ali na função que eu to executando hoje, amanhã eu não sei o que vou fazer, nenhum de nós sabe (J5);

SD 63- existe uma dificuldade na organização do trabalho, em termos de, tu faz um trabalho pesado agora e no turno seguinte tu faz um trabalho leve pra descansar, ou hoje tu faz um trabalho pesado e amanhã tu te alivia fazendo uma coisa mais leve (J5);

SD 64- isso é uma coisa que a gente tentou fazer, tentou organizar antes pra dia que tem roçada chegar antes, pra eu ter mais tempo de roçada sem sol, mas não sei, é o primeiro verão que a gente ta aqui né, a gente entrou em julho (J4);

SD 65- a gente chega aqui de manhã sem saber pra onde vai (J5);

O conflito entre as formações discursivas faz com que esses trabalhadores, que querem planejar sua forma de executar tarefas, tentem arranjos para manipular a organização de trabalho atual no JBPOA. Althusser (2001) explica que é como uma reprodução de suas habilidades, além da reprodução da força de trabalho, ou seja, é preciso por parte do trabalhador reproduzir sua submissão a ideologia dominante e também reproduzir a habilidade de manipular a ideologia dominante corretamente por parte dos agentes de exploração e repressão “de modo que eles também venham a prover a preponderância da classe dominante “nas e por meio” das palavras” (ALTHUSSER, 2001, p.132).

O sujeito tem uma carga psíquica que é resultado das situações de trabalho aos quais é submetido diariamente por conta da organização do trabalho, que torna o trabalho fatigante por não oferecer via de descarga necessária, acumulando energia por não conseguir lugar para seu desejo. Essa tensão psíquica acumulada precisa de vias de descarga que o jardineiro precisa encontrar na própria organização de seu trabalho para que ele se torne equilibrante. Assim estará reduzindo a tensão psíquica, o que diminui a carga psíquica (DEJOURS, 2011).

O trabalhador regido pela organização do trabalho se encontra em uma realidade de sofrimentos por situações que padronizam as atividades sem levar em conta o sujeito, através da realização de tarefas que não requerem uso da imaginação e inteligência, desqualificadas. (DEJOURS, 2011). Quando a organização do trabalho é rigorosa, o trabalhador não consegue se adaptar a realização do trabalho, pois suas competências não são compatíveis com sua qualificação. Dessa impossibilidade surge a frustração, a insatisfação e o sofrimento, que são controlados por um sistema de defesas. O jardineiro se sente impotente quando, ao usar seus mecanismos de defesa, constata que é incapaz de transformar a organização do trabalho ou de encontrar uma forma significativa de realizá-la.

Os mecanismos de defesa que são as estratégias defensivas têm como principal objetivo camuflar o sofrimento existente. Explicando com isso o fato de trabalhadores não apresentarem aparentemente, mesmo estando em processo de sofrimento psíquico (DEJOURS, 1987). Para camuflar o sofrimento, os trabalhadores usam as ideologias defensivas que conseguem. Deixam de tomar iniciativas e assumir responsabilidades, se fecham para os colegas e no caso do jardim, conseqüentemente para os visitantes. Deixam de se comunicar com os outros e passam a se preocupar somente consigo. O que causa o problema descrito nas falas dos jardineiros como “um problema de comunicação”, mas que na verdade, reflete o problema na organização do trabalho (DEJOURS, 1987).

A rigurosidade na Organização do Trabalho não é padrão para todos os jardineiros, pois existe a diferenciação daquele que atua a mais tempo no JBPOA. No trabalho do entrevistado J3, que é um trabalho baseado nos anos de prática, já que o mesmo atua no local há 39 anos, há organização do trabalho de uma maneira mais individual, que funciona, devido à possibilidade de rearranjo de suas atividades.

SD 66- eu sei o que eu vou fazer hoje, já venho no banco do ônibus lembrando do que eu tenho que fazer, sempre naquela parte mais principal, capina, regação, verão eu já largo os outros serviços já pra tratar da regação (J3);

SD 67-tem ferramentas que tem que esperar pelo outro, daí eu transiro serviço, vou fazer esse outro até liberar ferramenta, quando liberar daí eu continuo (J3);

SD 68-cheguei hoje de férias e ta uma bagunça, botaram um não deu certo, botaram outro não deu certo, as pessoas tem confiança na gente ali (J3);

A presença da ferramenta de trabalho que surge no discurso remete ao que Hegel (1993) cita sobre instrumento de trabalho afirmando que ele “se conserva, enquanto as satisfações imediatas perecem e são esquecidas. Em seus utensílios o homem possui seu poder sobre a natureza exterior, ainda que permaneça submetido a ela para os seus objetivos” (HEGEL, 1993, p.461). Cabe aqui também uma análise se o “outro” ao qual J3 se referiu tinha as mesmas possibilidades de transformar a organização do trabalho, se este “outro” foi considerado como apto no saber prático, exigido para o cumprimento das tarefas por aqueles que determinam o que será feito.

O que se percebe nas análises é que de um lado estão os jardineiros que não são os sujeitos que os trabalhadores antigos esperavam receber. Pois a imagem é que viriam “peões” e foram contratados sujeitos com formações discursivas diferentes das presentes no JBPOA, que reivindicam atualizações na forma de execução do trabalho. De outro lado estão os trabalhadores experientes na prática, com conhecimentos amplos e rotinas de trabalho que lhes fornecem uma liberdade para organizar seu modo de atuar.

O conflito de formações discursivas traz por consequência o sofrimento, por não estarem satisfazendo as necessidades de reconhecimento, comprometendo a ligação de sofrimento e defesas e dificultando a identidade do sujeito de poder se consolidar (DEJOURS; ABDOUCHELI E JAYET, 1994). “O que se verifica, na prática, é que o reconhecimento pelos pares, e até mesmo pela hierarquia, é difícil (mas não impossível) visto que poucos têm como avaliar ou julgar o produto de trabalho” (BOUYER, 2010, p. 253). Não nos cabe aqui solucionar esse conflito de formações discursivas, mas espera-se que a partir do entendimento dos sentidos do trabalho por ambas as partes, possa-se refletir sobre como lidar com o conflito em

busca do prazer no trabalho para os jardineiros e seus encarregados, talvez a partir de um acontecimento discursivo.

Para, entendimento do conceito de acontecimento discursivo, faço uso do exemplo de Indurski (2008), que relata o surgimento da Formação Discursiva dos Sem Terra, no Brasil, para reflexão sobre o conflito de formações discursivas descrito nas páginas anteriores. Esta FD, dos sem-terra, refere-se aos que lutam pela redistribuição de terra, é um domínio do saber que surgiu em uma demanda de contrapor a FD dos latifundiários, que são dois domínios de saber opostos, com duas formas-sujeito igualmente opostas, que determinam sentidos opostos sobre a terra, sentidos estes que constroem por exclusão, sentidos que se rejeitam e criam conflitos de FDs, o embate sobre o direito a terra, cada qual com seus lados de defesa, criou um acontecimento histórico que deu origem a um acontecimento discursivo (INDURSKY, 2008).

O acontecimento discursivo deu origem a um novo domínio de saber, o saber do trabalhador rural, que não tinha terras próprias, mas que trabalhava na terra de seus patrões, “se inscrevendo como posição-sujeito no interior de uma FD que afetava latifundiários e a ela se submetia, reconhecendo o direito a propriedade, conferido aos proprietários rurais” (INDURSKY, 2008, p.22), mesmo que os saberes sobre a terra fossem heterogêneos, nesse momento estavam em uma mesma formação discursiva.

No entanto, a partir de determinado momento histórico do Brasil⁵, o trabalhador rural se desidentificou com a FD que estava anteriormente e na qual estavam os saberes de direito a propriedade, a partir daí surgiram novos sentidos sobre o domínio da terra, que conflitaram com os sentidos da FD dos proprietários rurais. “O trabalhador rural já não reconhece mais o sentido instituído, proveniente do discurso jurídico- direito de propriedade- o qual coloca o proprietário rural como sujeito de direito, dele excluindo os trabalhadores rurais” (INDURSKY, 2008, p.23). A partir daí o trabalhador rural se desidentifica por completo dos sentidos que circulam essa FD e nessa deriva, surge um novo domínio do saber. “O enunciado direito de propriedade se ressignifica, dando surgimento a um novo sentido – o direito à terra-

⁵Não cabe a esta reflexão expor o contexto histórico do momento da criação da formação discursiva descrita, pois o exemplo é citado somente para fins de elucidar um conceito da Análise do Discurso.

até então impensável” (INDURSKY, 2008, p.23). “Este novo sentido traz outro espaço do dizer e abriga outros sentidos sobre o assunto em evidência “a terra”, nos quais se inscrevem no novo domínio do saber como “sem-terra”, organizado por uma nova forma-sujeito” (INDURSKY, 2008, p.23). Essa mudança provoca “movimentação e reordenamento dos sentidos no espaço de memória sobre os saberes que se organizam em torno da questão da terra e neste trabalho do sentidos sobre os sentidos, o sentido direito de propriedade dá lugar ao direito à terra” (INDURSKY, 2008, p.23). O que pode ser preciso que se aplique as formações discursivas do JBPOA, aos jardineiros e suas chefias, ao saber acadêmico e ao saber prático: a movimentação e reordenamento dos sentidos.

7 O TRABALHADOR DO JARDIM BOTÂNICO E SUA ABERTURA AO OUTRO: PREPARAÇÃO PARA VISITAÇÃO

Figura 19 - Domingo de visitação durante evento no JBPOA



Fonte: FZB (2014).

Neste capítulo estão demonstradas as análises relacionando o Turismo e o Trabalho no espaço do JBPOA, a relação visitante e trabalhador, pelo olhar do trabalhador. Além disso, foi analisada a contradição entre a imagem de Parque para alguns trabalhadores e para os visitantes, e a imagem de espaço de preservação para outros. Sempre através das falas dos jardineiros sobre as situações de seu trabalho em que há a relação com o visitante. Assim como a preparação do jardineiro, para o recebimento do outro.

Alguns conceitos da Psicodinâmica do Trabalho são trazidos, mas também os de visitação, paisagem e hospitalidade. Não os aprofundando, visto que possuem diferentes perspectivas em diferentes áreas, pois não cabem aqui referidas discussões, eles entram na trama da relação Sujeito Trabalho e Turismo para contribuir e elucidar a relação do visitante com o jardineiro, expondo sentidos do trabalho no JBPOA. Em anotação realizada em Diário de Campo, em 17 de outubro de 2014, está a fala de um dos jardineiros, que acaba por demonstrar a relação do Turismo com o jardim botânico:

RD- Jardineiro questionou o que eu iria pesquisar, respondi que o jardim é um local de possibilidade turística e eu gostaria de ouvir os trabalhadores sobre seu trabalho ali, então perguntou se alguém duvidava disso para eu ter que mostrar “aqui é lugar de turismo, é óbvio que é” (Diário de Campo, 17 de outubro de 2014).

Em relação à Psicodinâmica do Trabalho de Dejours, há um ponto de conversa da teoria com o Turismo, abordando os serviços, quando coloca que “ao contrário da produção de bens materiais, com produtos palpáveis para serem utilizados, os serviços são intangíveis, dificultando a avaliação dos resultados de trabalho, prejudicando a construção da identidade do sujeito” (BOUYER, 2010, p.25). O Turismo é formado pela prestação de serviços, os jardineiros são trabalhadores de uma instituição, mas, não prestam serviço somente a instituição pública ao qual fazem parte, também prestam um serviço de manutenção e criação de um espaço de preservação e lazer. A avaliação do trabalho do jardineiro, se dará pela fala do outro, do visitante, daquilo que o outro permite que o jardineiro perceba durante a realização do seu trabalho, por isso a reportagem da TVBANDEIRANTES, trazida anteriormente (p.50) torna-se tão relevante. Inclusive sendo citada pelos jardineiros em suas falas, pois a forma de reconhecimento de seu trabalho vem pela fala do outro. Existem diferentes tipos de visitas no Jardim Botânico, como os próprios trabalhadores descreveram:

SD 69- O que mais nós vemos são pessoas que vem fotografar, ou pais que vem trazer crianças, pra passear, as vezes tem pessoas que marcam encontros...encontros de amigos, encontros de família, eu acho tão bonito (J5);

SD 70-a maioria vem aqui achando que é um parque mesmo, pra lazer, pra tirar foto com florzinha, pra tirar foto de modelo, esses dias tinha uma modelo tirando foto de biquíni dentro do lago, dentro do lago! Daí o vigilante teve que ir lá e dizer pra sair (J4);

SD 71- pessoas se encontrando, gente fazendo piquenique, têm turistas, turistas estrangeiros, ou a gente aqui da volta (J2);

SD 72- gosto de ver os velhinhos passeando (J5);

SD 73- vejo muita gente bah todos os tipos, gente caminhando pra fazer exercício, gente fazendo piquenique, gente que vem namorar, gente que vem com seus filhos, gente que vem pra almoçar, de tudo (J1);

Tipos diferentes de visitantes, que buscam no espaço de contemplação da natureza seu lazer, corroborando com o histórico de turismo nos jardins e com a utilização da natureza como produto. “Hoje, a natureza é mais um produto culturalizado e dilatado como mercadoria” (GASTAL, 2013, p.126) Que pode ocorrer “na forma de ecoturismo, de jardins botânicos e zoológicos, de produtos organicamente corretos, de objeto de estudos acadêmicos, de paisagismos ou mesmo na forma de paisagem” (GASTAL, 2013, p.126).

O reconhecimento do trabalho do jardineiro algumas vezes virá por meio de elogios à paisagem do jardim, ou talvez por meio da contemplação do trabalho do jardineiro enquanto ele o executa. Pelo olhar do visitante que percebe o espaço como visualmente atrativo para fotografias, encontros, descanso da mente, ou para uma fuga dos meios tradicionais de lazer, fuga dos lugares massificados.

Pelo turismo de massa representar uma opção padronizada, “as buscas por experiências personalizadas permitiram aos lugares e paisagens uma centralidade turística, à custa do que representam para o sujeito” (SILVA; CARVALHO E TOMÁS, 2013, p.632), proporcionando a possibilidade de experiências em “termos lúdicos, de bem-estar, sociais e sensoriais, mas também muito por causa das suas narrativas e simbologias intrínsecas e que constituem muitas vezes a causa do efeito” (SILVA; CARVALHO E TOMÁS, 2013, p.632). Os jardins botânicos permitem a vivência dessas experiências ao visitante, “o turista moderno redescobre, assim, aquilo que o artista sempre soube; é que as cores da natureza foram sempre para o homem aquelas que melhor se harmonizam com as profundidades da sua vida mental” (CASTEL-BRANCO, 2002, p. 9).

Nos documentos oficiais da criação do JBPOA, estão descritos os objetivos da criação do espaço: o Plano Diretor do Jardim Botânico (FZB, 2014, p.9), é o documento que “fixa as diretrizes para a gestão e estabelece os objetivos a serem atingidos para o desenvolvimento da instituição”. No documento, consta que os principais objetivos do jardim são: “garantir a manutenção e ampliação do acervo das coleções, com enfoque nas plantas nativas do Rio Grande do Sul; gerar conhecimento sobre a flora do Rio Grande do Sul; socializar o conhecimento através da educação, interpretação ambiental e divulgação científica; subsidiar políticas públicas para a conservação e uso sustentável da biodiversidade; participar de redes e parcerias, visando o fortalecimento institucional e o desenvolvimento de ações integradas para a conservação da biodiversidade” (FZB, 2014, p.15). Todos estes objetivos estão em torno das pessoas, pois gerar conhecimento depende de pessoas e socializar também. Logo, para que ocorra manutenção e ampliação de acervos, precisa-se de trabalhadores. As políticas públicas para a conservação são direcionadas para pessoas. Portanto é preciso haver a relação entre visitantes e

visitados para que os objetivos do plano diretor sejam reais e possíveis de serem cumpridos.

Existe uma relação de contradição entre os próprios jardineiros, que descrevem o local como um parque de lazer e entre os que descrevem o local como espaço de preservação. O incomodo fica evidente, com o que caracteriza J4 na SD 74, como “falta de noção do visitante sobre o espaço de preservação em que está”. A contradição não é um acidente do discurso e sim o princípio da historicidade do discurso (ORLANDI, 2000), é a presença histórica ideológica, reproduzindo-se, naquele que não consegue visualizar o local como um espaço de preservação e como espaço de lazer. As contradições são constituídas em um momento histórico dado, e para uma formação social dada, pelo conjunto complexo de ideologias que a formação social comporta (PÊCHEUX, 1988). “Toda prática discursiva, está inscrita no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das formações discursivas, o que vem a caracterizar a materialidade da instância ideológica, da ideologia, por condições históricas reflexas nas práticas discursivas” (PÊCHEUX, 1988, p.213). Como as evidências nas falas:

SD 74- ah tem visitante de todos os tipos neh, tem o pessoal que vem aqui só pra tirar foto, tem o pessoal que vem aqui e eles querem ver flor – ah onde é quem flor a gente quer tirar foto de flor, eles não tem noção de todo jardim botânico, do que é do que significa, sabe eles só querem tirar foto de florzinha, só querem –ah sabe só quero dar comida pra tartaruga sabe, eles acham que isso aqui é um parque neh (J4);

SD 75- já tem as pessoas que são mais instruídas, já sabe qual é o intuito de ter esse jardim botânico, do porque neh, que é preservação, que não é pra ser um parque, tem gente que pergunta se tem churrasqueira aqui – ah tem churrasqueira aqui sabe, é porque lá no zoológico tem daí eles acham que aqui tem, mas tem de todos os tipos assim (J4);

O que falta ao JBPOA é o mesmo que falta a maior parte das Unidades de Conservação abertas para visitação, praças e parques: todos os lugares de lazer precisam ser vistos como locais para preservação também. Uma das possibilidades de transformar essa contradição seria através da educação patrimonial e da educação ambiental para os visitantes, que objetive a reprodução de um novo olhar sobre o espaço. Em anotação realizada no Diário de Campo, o trabalhador do setor de venda de mudas, descreve essa união do produto natureza, que é visitado, com a preocupação com a preservação:

RD- Trabalhador do Setor de Venda de Mudas relatou que no inverno vende mais plantas, que costuma sugerir as mudas de acordo com a descrição, a pessoa diz que tem uma área determinada e então ele sugere, normalmente as que estão ameaçadas e as pessoas acabam levando por estarem ameaçadas (extinção) (DIÁRIO DE CAMPO, 15 DE OUTUBRO DE 2014).

Pode-se também pensar nos jardins botânicos como Museus, com “a delicada tarefa de serem intermediários entre o passado, o presente e o futuro das sociedades” (FLÓREZ *et al*, 2012, p.5). Justifica-se essa linha de pensamento como uma alternativa para trabalhar a contradição entre parque de lazer ou espaço de preservação, pois no JBPOA os espécimes estão em um ambiente diferente do seu ambiente de origem através da preservação *ex situ*; mas também a musealização no mesmo lugar de origem através da preservação *in situ*. As coleções estão dispostas de uma forma tradicional, com espécimes dispostos no espaço através de sua classificação científica e da escolha técnica dos diferentes pesquisadores e Biólogos responsáveis na instituição (FLÓREZ *et al*, 2012). Ao pensar no jardins como museus, talvez a contradição possa vir a se tornar aliança em um futuro, uma aliança entre o espaço de lazer e preservação.

Os documentos dessa história nova não são outras palavras, textos ou arquivos, mas espaços claros onde as coisas se justapõem: herbários, coleções, jardins; o lugar dessa historia é um retângulo intemporal, onde, despojados de todo comentário, de toda linguagem circundante, os seres se apresentam uns ao lado dos outros. Com suas superfícies visíveis, aproximados segundo seus traços comuns e, com isso, já virtualmente analisados e portadores apenas de seu nome (Foucault, 2007, p.145).

Espaço onde o trabalhador jardineiro consiga inserir-se no contexto daquele que recebe visitantes, que mais do que simplesmente realizar tarefa de corte de grama e podas, possa ser visto como aquele que também é responsável pela preservação das coleções e pelo incentivo para que o visitante faça o mesmo, o que já ocorre no JBPOA:

SD 76- a gente só não receita remédio, não tem poder pra isso, isso é coisa pra fitoterápico, a gente sabe o benefício e o malefício que ela pode causar também, a gente sabe os uso, vê na TV, vê no jornal, eu to sempre lendo e isso me chama atenção, a planta é boa pra tal coisa, a gente passa essa mensagem dizendo que é bom também, mas nunca indicando que é pra tomar (J3);

SD 77-tem de todos os tipos assim, já teve criança que pediu pra me ajudar a trabalhar (J1);

SD 78- às vezes eles vêm pedir alguma coisa, uma informação onde que é fica isso aqui, conversar mesmo, perguntar de alguma planta (J4);

SD 79-enxergam principalmente quando a gente ta fazendo algum trabalho muito pesado eles param pra olhar, o lago é uma coisa que eles param pra olhar a gente limpando o lago, perguntam o que é que a gente vai fazer com aquelas plantinhas que a gente ta tirando do lago, a gente diz que vai pro composto orgânico, ai eles acham muito legal e assim vai mas eles param pra ver nosso trabalho (J4);

SD 80- agora tem a plaquinha, tão botando plaquinha ali, quase todas elas com placa então vai ficar mais fácil ainda a pessoa entrou na horta ali e já ta vendo –oh aquela ali é a plaquinha tal, nem precisa perguntar muito (J3);

Nas SDs, surge a aliança entre parque de lazer e local de preservação, quando os visitantes observam o trabalho do jardineiro e preocupam-se em saber o que vai acontecer com as plantas retiradas, acabam por já se envolver com os dois aspectos em sua visita. A simplificação do trabalho de um jardineiro cria essa contradição entre o local de lazer e de preservação, onde poderia haver relação de aliança. Já que os objetivos de criação do espaço contemplam os dois aspectos.

A fotografia é descrita pelos jardineiros, como um dos motivos pelos quais o JBPOA recebe visitantes. Seu local de trabalho sendo colocado como atrativo pela imagem, não somente pela natureza, mas pela natureza traduzida em paisagem montada, cenários que eles mesmos criam ou desenvolvem perante o pensamento de um outro, que determinou e planejou o que devia ser feito. A natureza como atrativo aos olhares humanos é nem sempre ocorreu dessa forma. Olhar a natureza, a paisagem, é algo que ganhou evidencia, a partir do Renascimento, com os estudos sobre o conceito de Paisagem (GASTAL, 2008). “Antes, o indivíduo e a Natureza seriam uma coisa só; nela inseridas, as pessoas não poderiam lançar o olhar sobre, caracterizando o distanciamento que permitisse olhá-la como um objeto, ou seja, um outro separado de mim” (GASTAL, 2008, p.3).

Durante a Idade Média haveria dois tipos de olhar sobre a Natureza. Num primeiro momento há o olhar religioso, no qual a Natureza, se transformada em fonte de prazer sensorial, poderia desviar o cristão da Verdade Divina. A natureza é vista como fonte de pecado e engano d’alma. No outro extremo, há o entendimento de quem trabalha a e na natureza, o camponês. Para ele, ela não seria fonte de prazer, mas de trabalho. Ou, pior, seria a origem de males tenebrosos: do mar viriam os piratas, as florestas seriam habitadas por seres hostis humanos e não humanos (a bruxa má, o lobo mau...), as tempestades seriam fonte de destruição. A passagem desta Natureza hostil para a idéia de Natureza como paraíso, dar-se-ia no bojo das idéias de S. Francisco de Assis (1181-1226), que pregara a harmonia entre as pessoas, as plantas e os animais (GASTAL, 2008,p.3).

A autora também descreve a invasão das imagens na vida das pessoas, perante as possibilidades que a tecnologia as oferece: “a fotografia torna-se uma forma

importante de registro visual, ou seja de memória” (GASTAL, 2008, p.23). Essa valorização da “dimensão estética” (GASTAL, 2008, p.26) com todos os contextos gerou demandas estéticas que afetam o Turismo, “com exigências para além das pertinentes ao seu uso e desfrute, pois a eles deve ser agregado um padrão estético de qualidade: eles devem ser belos ao gosto contemporâneo” (GASTAL, 2008, p.29).

Os jardineiros sentem o peso de trabalhar para criar e manter o belo, o padrão estético demandado pelo visitante está presente como uma regra na execução de suas tarefas (Imagens disponíveis em ANEXO B). Mas o “belo” será marcado no trabalho de diferentes maneiras pelos sujeitos, acionando a memória, os sentidos em torno do que é belo ou não no JBPOA, trazendo discursos opostos das diferentes formações ideológicas no espaço. “A cada filme que se assiste, a cada exposição de arte que se percorre, a cada viagem que se faz, vamos acumulando experiências visuais e outros conhecimentos” (GASTAL, 2008, p.30). As manifestações do inconsciente não nos permitem ter acesso a um padrão do que consideramos belo, essas imagens do que consideramos belo, serão diferentes ao longo da realização do trabalho dos sujeitos jardineiros e dos sujeitos visitantes. A intersubjetividade influencia no que transformamos em belo, que Gastal (2005) define como “museu de imaginário pessoal”. Muito do que consideramos belo hoje é fruto da tecnologia, com suas lentes, filmes, novelas: ou seja, pela presença da ideologia interpelando o sujeito para que ele acredite que sabe o que é “belo”.

Maffesoli (2001) se assemelha a ideia anterior quando afirma que não é a imagem que produz o imaginário e sim a existência de um imaginário é que determina a existência de um conjunto de imagens. Mesmo que para o autor, a ideologia fosse vista como algo racional em contraste com o conceito de ideologia da Análise do Discurso, onde o sujeito é interpelado pela ideologia de forma inconsciente, pode-se dizer que os visitantes que chegam ao jardim com seu imaginário, é que irão determinar o conjunto de imagens que estão vendo. Para estes sujeitos o lugar será belo, será local de reflexão, de tristeza ou de lazer (MAFFESOLI, 2001). Por trabalhar em um espaço com imagem relacionada ao “tempo livre”, lazer, entretenimento, aqueles que ali freqüentam podem ser levados a acreditar que trabalhar nesse local é uma forma de lazer (TOMAZZINI E MACÊDO,

2010), o que na verdade foge da realidade dos jardineiros, que sofrem com a organização do trabalho como qualquer outro trabalhador do turismo.

Conforme os registros da Seção de Educação Ambiental, “o parque foi visitado em 2013 por 70.913 pessoas, sendo dessas 17.403 estudantes e 1.896 professores” (FZB, 2014, p. 24), evidenciando assim o cumprimento de um dos objetivos do Plano Diretor, de proporcionar acesso ao conhecimento sobre a biodiversidade do Rio Grande do Sul. Mas o próprio plano, refere-se ao local como PARQUE e se pensarmos que o restante dos visitantes esteve no jardim botânico por outros motivos de visita e considerando o que os trabalhadores relataram sobre o tipo de visitante do jardim⁶, pode-se dar o destaque para a presença do turista cidadão. Aquele turista que cria vínculos com sua cidade em seu tempo de lazer, que foge aos modelos da sociedade industrial que ainda prevalecem, bem como das experiências do turismo massificado.

Diferentes setores da sociedade brasileira têm discutido a questão da cidadania; para os teóricos, a formação da cidadania suporia a consolidação das instituições democráticas, mas também o avanço das áreas da educação e da cultura, entre outras. Nestes termos, supondo-se o turismo como um fenômeno essencialmente humano, que coloca as pessoas em deslocamento para além de suas rotinas espaciais e temporais, ele também tem sua contribuição a dar nessa área, o que tem sido feito na figura do *turista cidadão* (GASTAL, 2006, p.1).

Aquele que compreende os fixos e se apropria dos fluxos, que assume a subjetividade em suas vivências (GASTAL E MOESCH, 2007). O percurso do espaço deixa de ser o maior significante nessas vivências, o que importa são os percursos por tempo-espaço, onde as experiências sejam diferentes de sua rotina na cidade onde mora (GASTAL E MOESCH, 2007). Uma possibilidade para o visitante se colocar como “o outro” para vivenciar as experiências enquanto turista cidadão, que enxerga o trabalho do jardineiro, jardineiro este que enxerga o visitante. O turista, percorrendo outras regiões ou países, tem nesta vivência de semelhanças e diferenças, uma das razões primeiras das suas práticas (GASTAL, 2006, p.8). A autora, citando Canclini (2003) complementa que o outro seria aquele que não compartilha constantemente esse território, que não o habita e portanto, não tem os mesmos objetos e símbolos, rituais e costumes, sendo “os outros”, os diferentes (GASTAL, 2006).

⁶Pesquisa exposta no Plano Diretor do JBPOA, demonstra que 71% dos visitantes reside em Porto Alegre ou Região Metropolitana e sua motivação de visita e o lazer, seguido pelo contato com a natureza (FZB, 2014).

Para que ocorra visitação é preciso que o trabalho do jardineiro seja executado diariamente, não se resumindo a simplesmente manter a grama cortada para que as pessoas possam caminhar e sim manter o cenário como um espaço de possibilidade turística, que foge da urbanização das grandes cidades e que permite vivências turísticas qualificadas.

Quando questionados sobre a importância de seu trabalho para o JBPOA, as falas dos jardineiros trazem a visitação como a maior relevância para seu trabalho. Nas SDs colocam que o local “seria um caos” sem seu trabalho:

SD 81- se não existissem jardineiros aqui isso aqui seria o caos, ia ser muito complicado fazer uma visitação aqui com a grama cobrindo na altura da cabeça, qualquer tipo de limpeza assim o trabalho mais básico, que seria o trabalho da limpeza, já é fundamental, porque se abandonar isso aqui enche de grama, enche de mato nas vias, fica tudo alto fica sem condições (J2);

SD 82- eu acho realmente que um jardim botânico não pode ficar sem jardineiro, é fundamental, precisa de um atendente, mas pra um parque que recebe visita, tem que ter (J2);

SD 83- la ficar como quando a gente chegou que tava bem largado, teve até uma reportagem, na BAND, que tava em estado de abandono (J1);

SD 84- muita gente, principalmente do Museu, mas logo quando a gente começou a conseguir botar o parque em dia, dizia bah que diferença vocês aqui, ta bom, ta bem mais bonito aqui o parque (J4);

A Psicodinâmica do Trabalho expressa este reconhecimento como a necessidade da validação social, como as condições sociais elaboradas no espaço psíquico privado que devem deixar de ser confidenciais para a validação: “o reconhecimento pela hierarquia e o reconhecimento pelos pares. Esses dois modos de reconhecimento não são equivalentes” (DEJOURS ABDOUCHELI E JAYET, 1994, p.134). O primeiro é um reconhecimento da utilidade do trabalho e o segundo é um “reconhecimento de habilidade, de inteligência, de talento pessoal, de originalidade, até mesmo de beleza” (DEJOURS ABDOUCHELI E JAYET, 1994, p.134). “O reconhecimento traz também um benefício no registro da identidade, isto é, naquilo que torna este trabalhador um sujeito único, sem igual. [...]” DEJOURS ABDOUCHELI E JAYET, 1994, p.135).

Outras falas também podem ser traçadas como marcas da busca pelo reconhecimento do trabalho dos jardineiros, quando descrevem a interação, a informação que o visitante traz para o JBPOA, a admiração, o prazer no trabalho. Ferreira e Mendes (2001) afirmam que o sujeito vivencia o prazer pela sensação de

bem-estar, pela satisfação no trabalho quando é permitida a expressão da sua subjetividade e criatividade. Alguns aspectos desses sentimentos são descritos nas falas:

SD 85- tem pessoas idosas também que muitas vezes ensina a gente, acaba passando uma informação que às vezes a gente não sabe, dá aquele incentivo, oh ta bem, ta legal, ta bem organizado,- o Sr tem tal coisa ali, tenho, vou ali e mostro (J3);

SD 86- admiram bastante o trabalho, isso ai deixa a gente com vontade de trabalhar mais, fico feliz (J3);

SD 87– elas (crianças) ficam muito encantadas quando me vê trabalhando assim em canteiro, eu não posso deixar ela me ajudar, neh porque é o trabalho, a gente ganha insalubridade, pode ser que aconteça algum acidente (J1);

SD 88- é um dos prazeres do trabalho, o trabalho que é bom de fazer e ainda tem um premio, ponto positivo assim, no final tu vê um trabalho bem feito que vai ser visitado, pessoal vai usufruir, isso é legal, é uma coisa que dá um prazer (J4);

SD 89- principalmente criança assim, pedem pra tirar foto com a gente, com a ferramenta, eu acho muito legal, reconhecem muito assim (J1);

A abordagem do visitante ao jardineiro expõe aspectos da hospitalidade, pois de acordo com Grinover (2002), “oferecer e receber uma informação é um mecanismo de hospitalidade” (GRINOVER, 2002, p.34). Camargo (2007) reflexiona sobre o desejo de que o sujeito seja hospitaleiro, que pode diferir do real sentido da hospitalidade, quando afirma que “há uma diferença entre entender a hospitalidade como algo desejável que aconteça num encontro (noção adjetiva) e entendê-la como um conjunto de peripécias que sempre acontecem (noção substantiva)” (CAMARGO, 2007, p.3). O autor complementa que “no primeiro caso, confunde-se um juízo de realidade, o fato (o que é) e um juízo de valor (o que deve ser)” (CAMARGO, 2007, p.3).

Será que o jardineiro deseja ser hospitaleiro? O que determina sua tarefa prescrita, cita a relação entre o trabalhador e visitante, mas os jardineiros reconhecem o significado de sua presença no JBPOA? O sentido de seu trabalho para a visitaçao no jardim? Os questionamentos retomam o que foi descrito anteriormente no capítulo, sobre a necessidade da contradição entre parque de lazer e espaço de preservação tornar-se uma aliança. Para que os trabalhadores possam ver seu trabalho como um trabalho para o Turismo. Reconheçam sua importância

que está muito além da manutenção do espaço, é preciso considerar os fluxos, a partir do Turismo, ou seja, “não só aprofundar laços com a cultura do lugar onde se vive, vê-lo como espaço qualificado inclusive, para auto-expressão, na qual se somam identidade e identificação” (GASTAL 2006 p.12).

O Prazer no trabalho, também presente nas SDs anteriores, estimula a criatividade, apesar de o JBPOA ter um setor de paisagismo responsável por “criar cenários educativos e atrativos para apreciação e lazer, utilizando-se de plantas representantes da flora nativa e exótica” (FZB, 2014, p.63). Quem executa o que deve ser realizado são os Jardineiros. Por conta da escassez atual de recursos financeiros, nem sempre o que está planejado tem meios para ser executado, o que incita o trabalhador jardineiro a criar, assumindo características do trabalho artesanal. Trabalho artesanal como aquele que pode “assumir as facetas de um saber-fazer, uma prática, um trabalho, um produto, uma produção, uma criação, uma obra, um espaço onde o sujeito pode implicar seu desejo” (SIMON *et al*, 2014). “Para haver criatividade é preciso um trabalho que ponha em conflito o já produzido e o que vai-se instituir (ORLANDI, 2001, p. 38), passagem do irrealizado ao possível, do não sentido ao sentido.

SD 90- eles têm um projeto, da horta também, alguma coisa a gente tá fazendo e alguma coisa é do próprio projeto, os canteiros aqui fui eu (J3);

SD 91- precisa de pilas⁷ e não vem então à gente vai fazendo com aquilo que a gente tem que é pedras, madeira, aproveita que tem e vai improvisando (J3);

Mas além da execução do projeto, o trabalho do jardineiro é que irá manter esse cenário atrativo para apreciação, essa preocupação fica evidente nos discursos dos trabalhadores:

SD 92- vai lá e faz uma poda nelas quando avançam muito, da liberdade pra passeio ali que tem no meio também pra gente circular (J3);

SD 93- quem sabe a gente bota essa planta aqui e bota essa mais pra frente, vai aparecer mais e eles ah beleza assim (J1);

SD94- você chega num canteiro ali onde tem muito inço, a pessoa não sabe o que é inço e o que é medicinal ali, é minhas ideias pra melhorar a informação também, a pessoa ver que é planta que tem ali; agora tem a plaquinha, tão botando plaquinha ali, quase todas elas com placa então vai

⁷ Regionalismo Gaúcho;

ficar mais fácil ainda a pessoa entrou na horta ali e já ta vendo –oh aquela ali é a plaquinha tal, nem precisa perguntar muito (J1);

SD 95- ah é uma satisfação tu ver o trabalho terminado, o trabalho bem feito, principalmente a grama, tu vê logo que a gente chegou aqui tava crítica a situação então tudo que a gente fazia aparecia, a gente cortava uma grama aparecia, a gente varria uma calçada aparecia e começou a ficar mais bonito, mais bonito, mais bonito (J4);

O trabalho dos jardineiros não os faz utilizarem uma máquina para criar algo, assim como o trabalho operário em indústrias, ou o trabalho em um escritório onde os computadores possuem os domínios das informações. O que Marx também explicita de uma forma semelhante, pois vemos o trabalho como algo humano, no entanto, o autor cita que a aranha realiza operações semelhantes às do tecelão, e a abelha pode sair-se melhor devido suas construções na colméia, do que um arquiteto com seu saber acadêmico. Mas o que os distingue, “o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto idealmente” (MARX, 1996, p.298).

O trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 1996, p.297).

O ser humano não somente transforma a matéria, ele realiza nela aquilo que planejou, o jardineiro através de seu trabalho manual, braçal, artesanal, realiza na matéria natural, as plantas, o cenário pensado que irá se tornar atrativo a visitação.

Dentre as análises expostas no capítulo, o principal destaque seria a necessidade de formações discursivas que apresentem aliança para que se possa visualizar o JBPOA como local de lazer e de preservação, cumprindo, portanto seus objetivos de criação e proporcionando uma maior possibilidade para que o jardineiro e o visitante estejam em comunicação. Com isso, o saber do jardineiro carregará mais um aspecto importante: o da hospitalidade, em benefício próprio e dos visitantes.

8 CONCLUSÃO

A partir dos levantamento teórico realizado para confrontação com as falas que resultaram nas análises expostas, pode-se afirmar que à primeira conclusão de grande relevância para este estudo foi a união da Análise do Discurso com a Psicodinâmica do Trabalho aliada aos aspectos do Turismo e Lazer. Buscar na fala do trabalhador Jardineiro, na sua tarefa prescrita e nas anotações de Diário de Campo, resultaram em análises que demonstram a situação do sofrimento do trabalhador e a realidade do trabalho.

A identificação da tarefa prescrita do Agente Operacional Jardineiro, servidor público, como um texto que os trabalhadores não conheciam ou não compreendiam demonstrou a distância entre a tarefa real que os Jardineiros vinham realizando naquele momento, no espaço do JBPOA. O trabalho prescrito dos Jardineiros nesta análise disasociou-se da realidade das tarefas diárias, o que justifica-se pelo fato do objetivo da prescrição de tarefas ser a satisfação dos interesses da organização para orientar e fiscalizar o trabalho, sendo a grande responsável por sua burocratização (DEJOURS, 2004b).

A Psicodinâmica do Trabalho mostra que “trabalhar é preencher o espaço entre o prescrito e o efetivo” (DEJOURS, 2008, p.39). Então o principal fator entre estes aspectos é o que o sujeito deve acrescentar a tarefa prescrita para que possa alcançar os objetivos que lhe foram atribuídos através dela. Ou ainda: “o que ele deve acrescentar por decisão própria para enfrentar o que não funciona quando ele se limita escrupulosamente à execução das prescrições” (DEJOURS, 2008, p. 39). É nesta perspectiva que entra a possibilidade do Jardineiro reconhecer a importância de seu trabalho no jardim, para a conservação de espécies e para a criação dos cenários de beleza, que são o atrativo do local. Já que seu trabalho real que é o próprio momento de execução das atividades, envolve a relação visitante e visitado, a conservação de espécies e a criação de cenários que serão atrativos ao visitante.

Pôde-se transparecer o prazer e o sofrimento no trabalho, na realização das atividades e também no contato com o visitante do jardim, que observa o trabalho do Jardineiro, muitas vezes o questionando e usando o espaço de trabalho (o espaço

das coleções, dos canteiros de plantas), como locais para apreciação da natureza, espaço de lazer para estar com os amigos, fazer piqueniques, tirar fotos. Através das falas foi possível analisar o desconforto que, muitas vezes, afeta o Jardineiro na relação com este outro que não tem o mesmo cuidado que ele tem com o espaço do jardim mas também analisar as falas onde o Jardineiro sente-se gratificado em ver que o local é apreciado pelos outros, evidenciando a necessidade do reconhecimento do trabalho como um dos aspectos para o prazer. Nas falas ficaram expostas as alianças e as contradições que vão se tramando no decorrer da realização do trabalho do Jardineiro no JBPOA.

O conceito de formação discursiva e de ideologia contribuíram para explicar as alianças e as contradições. Na análise das sequências discursivas estão os rearranjos na organização do trabalho por parte dos jardineiros. A existência de duas formações discursivas permeiam as alianças e as contradições apresentadas perante o saber do Jardineiro (do profissional Jardineiro) é aquela que está associada a prática e aos saberes de senso comum, e a formação discursiva do saber acadêmico, que está associada aos Jardineiros que atuam a menos tempo no JBPOA e que adquiriram seus conhecimentos previamente a realização do trabalho.

Observou-se heranças ideológicas do Taylorismo em conflito com suas escolhas por trabalharem em um local sem padrões e regras de tarefas diárias, um lugar ao ar livre, afastado de escritórios fechados. Seus desconfortos com a ausência de tarefas em dias de chuva, a importância da experiência prática dos trabalhadores mais antigos contrapondo com a presença do saber acadêmico dos trabalhadores em atuação em tempo menor no jardim, os conflitos entre subordinado e chefia assim como as alianças entre os trabalhadores. Com o reconhecimento dos aspectos citados, pode-se pensar o trabalho real no jardim, conseqüentemente o Trabalho no Turismo, contribuindo para estudos que busquem retratar o trabalhador das instituições.

Pesquisas que envolvem a subjetividade possuem inúmeras possibilidades para acontecer, pois o sujeito possui uma mesma identidade, mas será eternamente sujeito da ideologia e do inconsciente, o que significa que o sujeito estará em transformação, o que exige, por parte do pesquisador, um envolvimento um tanto pessoal com seu entrevistado. Por conta disso não foram realizadas neste estudo

entrevistas padronizadas com os jardineiros e sim entrevistas abertas, onde houve interação e foi preciso que o trabalhador quisesse expor sua real situação no trabalho. Falar sobre seu trabalho para uma pessoa estranha ao seu meio não é uma tarefa fácil. Analisar o que foi dito, também não é uma tarefa fácil, pois é impossível fazer isso sem que a própria presença ideológica e do inconsciente no pesquisador não acabe por conflitar com as formações discursivas presentes nos entrevistados, ou ainda que não se estabeleça alianças e contradições com os fatos visualizados.

Na realização desta pesquisa, não existiram respostas prontas ou sentidos dados. Como refere-se Ferreira (2001, p.21) “o sentido nunca é dado, ele não existe como produto acabado, resultado de uma possível transparência da língua, mas está sempre em curso, é movente”. Ou seja, se hoje fossem realizadas novas entrevistas, com os mesmos sujeitos, certamente apareceriam outros sentidos no trabalho a partir de suas falas.

Uma limitação encontrada no início da pesquisa, foi à ausência de estudos nos periódicos científicos do Turismo, que abordassem ou discutissem os interesses dos trabalhadores. Que viessem a contribuir sobre o dia-a-dia de trabalho dos profissionais do turismo, suas tarefas, seu sofrimento e sua forma de atribuir sentido ao seu trabalho. Estudos que tivessem por objetivo, compreender a situação do trabalho, sem intenções de lucratividade para as organizações ou criação de processos de gestão, que obviamente são estudos de grande relevância, mas que, no entanto, desconsideram os interesses diretos dos trabalhadores e seu sofrimento. Perante a limitação descrita, foi necessário buscar suportes teóricos em estudos de outras áreas onde foram encontrados periódicos com pesquisas referentes aos interesses dos trabalhadores, periódicos nas áreas da Sociologia e a Psicodinâmica do Trabalho.

Foram décadas de luta pelos interesses dos trabalhadores em diversos setores de trabalho, mas atualmente os direitos parecem estar perdendo peso perante o cenário capitalista, com cada vez mais foco nos interesses das instituições e organizações, em busca de maior produtividade e lucratividade. As ideias que prevalecem ainda são as ideias da classe dominante, estamos, portanto, em uma eterna luta de classes (MARX, 1982), e é preciso à sociedade, estar atenta a

reprodução de modelos de trabalho ultrapassados e principalmente abrir os olhos para o trabalho como atividade importante na vida do sujeito e não unicamente como objetivo de se obter mais dinheiro, mais capital.

Devido à quantidade de possibilidades que surgiram através das entrevistas com os jardineiros, alguns aspectos ficaram de fora da presente pesquisa e ficam aqui como uma sugestão de temas a serem aprofundados em outros estudos sobre o sentido do trabalho, como por exemplo: a relevância da divisão sexual do trabalho, as tarefas femininas e masculinas, as oportunidades de rearranjo na organização do trabalho para os homens e para as mulheres, a punição que se aplica no trabalho e causa sofrimento e desgaste para quem sofre e para os demais trabalhadores à sua volta que o assistem passando por isso, a distância entre a tarefa prescrita e a tarefa real em outras Instituições que envolvem o Turismo, as formas que os trabalhadores do Turismo encontram para realizar uma descarga de sua carga psíquica, as relações entre as doenças físicas do trabalhador e a carga psíquica. São estes alguns dos sentidos que também poderiam ser aprofundados em uma nova pesquisa com os jardineiros, ou então com trabalhadores de outros Parques, de outros Museus, Hotéis e demais locais de possibilidade turística.

Evidencia-se também o uso da Análise do Discurso como dispositivo teórico analítico em pesquisas qualitativas no Turismo, como uma importante maneira de conhecer o que é dito e o não dito, e os sentidos disso também com os demais envolvidos na atividade turística, turistas, administradores dos atrativos, textos que comercializam os locais de possibilidade turística no Brasil (programas de marketing e divulgação turística), pois certamente surgiriam sentidos de muitos discursos que são reproduzidos em prejuízo da sociedade.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, J.I; TORRES, C.C. Entre a organização do trabalho e o sofrimento: o papel de mediação da atividade. **Revista Produção**, Santa Catarina, v.14, n.3, p.67-76, 2004.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

_____. **Lenin and Philosophy, and other essays**. New York: Monthly Review Press, 2001.

ANSARAH, M.G.R. Educação e Formação do Bacharel em Turismo. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v.6, n.1, p.45-64, 1995.

ANTUNES, R. **Adeus ao Trabalho? Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho**. 15.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL. **Lei 14.187, de 31 de dezembro de 2012**. Institui o plano de empregos, funções e salários e cria empregos permanentes e os empregos e funções em comissão da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul e dá outras providências. Assembléia Legislativa, Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/14.187.pdf>>. Acesso em: 10 set 2014.

_____. **Lei 6.497, de 20 de dezembro de 1972**. Autoriza a instituição de Fundação e dá outras providências, atualizada pela Lei 14.187. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repLegisComp/Lei%20n%C2%BA%2006.497.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2014.

ASSIS, D. T. F. **O trabalho em uma banda de blues: uma abordagem psicodinâmica**. 2008. 121f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=473>. Acesso em: 06 jan.2015.

BALLANTYNE, R; HUGHES, K. Environmental awareness, interests and motives of botanic gardens visitors: implications for interpretative practice. **Tourism Management**, v. 29, n. 3, p. 439-444, 2008.

BAND RS- GRUPO BANDEIRANTES DE COMUNICAÇÃO. **Jardim Botânico mostra sinais de abandono**. Vídeo. 11 abr 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ovqOosZxVY0>>. Acesso em: 02 mai 2015.

_____. **Reportagem Band Não Esquece volta para conferir condições do Jardim Botânico**. Vídeo. 22 ago 2014. Disponível em: <<http://noticias.band.uol.com.br/bandcidade/rs/video/2014/08/22/15171185/band->

nao-esquece-volta-para-conferir-condicoes-do-jardim-botanico.html>. Acesso em 01 mai 2015.

BAZOTTI, L. **Atividade turística de Rafting e os sentidos da segurança para seus condutores: Rios Paranhana e Antas em Três Coroas e Nova Roma do Sul/RS**. 2014. 148f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós Graduação em Turismo e Hospitalidade, Caxias do Sul, 2014.

BEDIAGA, B. Conciliar o útil ao agradável e fazer ciência: Jardim Botânico do Rio de Janeiro – 1808 a 1860. **Revista História,Ciências, Saúde**. Rio de Janeiro, v.14, n.4, p.1131-1157, out.-dez. 2007.

BENI, M. **Análise estrutural do Turismo**. 13. ed. São Paulo: Senac, 2008.

BITTENCOURT, A.R.T. **Gestão Estratégica de Pessoas: relação entre turnover e o grau de comprometimento dos funcionários na hotelaria gramadense (RS)**. 2013. 107f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós Graduação em Turismo e Hospitalidade, Caxias do Sul, 2013. Disponível em: <http://biblioteca.ucs.br/Ana_Roberta_Trentin_de_Bittencourt.pdf> Acesso em 20 out.2014.

BITTENCOURT, R. S. **Indicadores de desempenho na Gestão Estratégica Hoteleira Familiar com base no estudo de quatro organizações da região turística da Serra Gaúcha**. 2011. 112f. Dissertação (Mestrado em Turismo) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós Graduação em Turismo e Hospitalidade, Caxias do Sul, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/jspui/bitstream/11338/626/1/Dissertacao%20Rafael%20Sotica%20de%20Bittencourt.pdf>>. Acesso em: 01 mai.2015.

BOCK, I.A.A. **Grupo Gestor do Turismo Rural do Rio Grande do Sul: um estudo sob a ótica de redes colaborativas e do capital social**. 2011. 155f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós Graduação em Turismo e Hospitalidade, Caxias do Sul, 2011. Disponível em:<<https://repositorio.ucs.br/jspui/bitstream/11338/734/1/Dissertacao%20Isabel%20Angélica%20de%20Andrade%20Bock.pdf>>. Acesso em: 15 nov 2014.

BORGES, C.S.L; RIBEIRO, M.A.C. A Psicanálise, o Trabalho e o Laço Social. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 19-25, 2013.

BOUYER, G.C. Contribuição da Psicodinâmica do Trabalho para o debate: “o mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador”. **Revista Brasileira Saúde Ocupacional**. Ministério do Trabalho e Emprego – FUNDACENTRO. São Paulo, v. 35, n.122 p. 249-259, 2010.

BOYER, M. **História do Turismo de Massa**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BRASIL. **Resolução Conama nº 266 de 03 de agosto de 2000**. Estabelece diretrizes para a criação de jardins botânicos. Disponível em:

<<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res00/res26600.html>>. Acesso em: 09 dez.2013.

BRASILEIRO, J. E. **A Vida no circo: relações e sentidos do trabalho**. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008. Disponível em: <http://www.cpgss.pucgoias.edu.br/home/secao.asp?id_secao=102&id_unidade=1>. Acesso em: 10 dez.2014.

BRIDI, G. **Formação e atuação do turismólogo no cenário das agências de turismo: contrapondo competências**. 2010. 150f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós Graduação em Turismo e Hospitalidade, Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/jspui/bitstream/11338/729/1/Dissertacao%20Guilherme%20Bridi.pdf>>. Acesso em 01 mai. 2015.

CAMARGO, L.O.L. **A pesquisa em Hospitalidade**. In: Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal, p.1-24, 2007.

CAMPOS, L.J. O museu é o Mundo: intervenção na Cidade e Estranhamento no cotidiano nos Fluxos Urbanos. **Revista Rosa dos Ventos**. Caxias do Sul, Programa de Pós Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, v.4, n.4, p. 599-608, 2012.

CAMPOS, L.J. **Artesanato e Turismo: Transformações nos saberes e nas trocas**. Proposta de Projeto de Pesquisa – (Mestrado em Turismo) Universidade de Caxias do Sul, 2011.

CAMPOS, L.J. **Imagens à deriva: interlocuções entre a Arte, a Psicanálise e a Análise do Discurso**. 156f. Tese (Doutorado em Teorias da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/27958?locale=pt_BR>. Acesso em: 10 jan. 2015.

CARRASQUEIRA, F.A; BARBARINI, N. Psicodinâmica do Trabalho: Uma reflexão acerca do sofrimento mental nas organizações. **Jornada de Saúde Mental e Psicanálise da PUCPR**, Curitiba, v. 5, n. 1, nov. 2010.

CARVALHO, W.L; REJOWSKI, M. Tecnologia em eventos da Faculdade Hotec, São Paulo: proposta de formação *versus* atuação profissional de egressos. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, v.9, n.1, p. 82-104, 2012.

CAPES—COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. Programas de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2014. Disponível em: <www.capes.gov.br>. Acesso em: 01 dez. 2014.

CASTEL BRANCO, C. *et al.* **Jardins Históricos, Poesia atrás dos Muros**. Coleção Símbolos e Testemunhos Portugueses. Lisboa: Edições Inapa, 2002.

CONNELL, J. The purest of human pleasures: the characteristics and motivations of garden visitors in Great Britain. **Tourism Management**, v. 19, n.25, p. 229–247, 2004.

DEJOURS, C. **Trabalho, trabalho e emancipação**. Brasília: Paralelo 15, 2012.

_____. **A banalização da injustiça social**. 7 ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2011.

_____. Um suicídio no trabalho é uma mensagem brutal. **Revista Público**. Lisboa, 2010. Disponível em: <<http://www.publico.pt/sociedade/noticia/um-suicidio-no-trabalho-e-uma-mensagem-brutal-1420732>>. Acesso em: 01 mai 2015.

_____. Avaliação do trabalho submetida à prova do real – Crítica aos fundamentos da avaliação. In: Sznelwar, L. I.; Mascia, F. L. **Trabalho, Tecnologia e Organização**. São Paulo: Editora Blucher, 2008.

_____. Subjetividade, Trabalho e Ação. **Revista Produção**, Santa Catarina, v. 14, n. 3, p. 027-034, 2004.

_____. Psicodinâmica do Trabalho na pós-modernidade. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L.I.; (orgs.). **Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Brasília: Editora Paralelo 15, 2004b.

_____. Para uma clínica da mediação entre psicanálise e política: A psicodinâmica do trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L.I.; (orgs.). **Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Brasília: Paralelo 15, 2004c.

_____. **A loucura do trabalho**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1987.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

DE MASI, D. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sexante, 2000. Tradução de: Lea Manzi; DE MASI, D. **Ozeo Criativo**, 1938.

DIAS, F. R. **As Vivências dos Trabalhadores de uma Organização de Entretenimento: uma abordagem psicossociológica e Psicodinâmica**. 125f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2007. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=313>. Acesso em 10 jan.2014.

ENRIQUEZ, E. Interioridade e Organizações. In: DAVE, E; VERGARA, S.C. (org.). **Gestão com Pessoas e Subjetividade**. São Paulo: Atlas, 2010.

FERREIRA, M.C.L. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil. **Revista Letras**, Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, n.27, p.27-37, dez.2003.

FERREIRA, M. C.; BARROS, P. C. R. (In) Compatibilidade trabalho prescrito - Trabalho real e vivências de prazer- Sofrimento dos trabalhadores: Um diálogo entre a ergonomia da atividade e a psicodinâmica do trabalho. **Revista Alethéia**. Canoas, Universidade Luterana do Brasil, 2003. Número e volume indisponíveis. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/75687858/In-Compatibilidade-Trabalho-Prescrito-Trabalho-Real-e-Vivencias-de-Prazer-Sofrimento-dos-Trabalhadores#scribd>. Acesso em: 10 jan. 2015.

FERREIRA, M. C. L. (org.). Glossário de Termos do Discurso: Projeto de Pesquisa. In: **A aventura do texto na perspectiva da Teoria do Discurso: a posição do leitor-autor (1997-2001)**. Porto Alegre: Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2001.

FERREIRA, M. C.; MENDES, A. M. “Só de pensar em vir trabalhar, já fico de mau humor”: atividade de atendimento ao público e prazer-sofrimento no trabalho. **Revista Estudos de Psicologia**, Natal, v.6, n. 1, p. 97-108, 2001.

FLÓREZ, L.C. *et al.* Qual o discurso privilegiado nos jardins botânicos? Tensões e aproximações entre linguagem científica e linguagem leiga. **Revista Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – Unirio, v. 5, n.1, 2012.

FISCHER, R.M.B. Foucault e Análise do Discurso em Educação. **Revista Cadernos de Pesquisa**. São Luís, Universidade Federal do Maranhão, n.114, p.197-223, 2001.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas. uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins fontes, 2007.

FRANCO, T. A Centralidade do Trabalho na Visão da Psicodinâmica de Dejours. **Caderno CRH**, Salvador, v.17, n.41, p. 309-321, mai-ago. 2004.

FREUD, S. Mal-Estar na civilização (1930[1929]). In: **Obras Psicológicas Completas**, V. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA DO RIO GRANDE DO SUL. Jardim Botânico de Porto Alegre. **Jardim Botânico de Porto Alegre: 50 anos conservando a flora gaúcha**. Porto Alegre: 2009. 72p. (Publicações avulsas da FZB, n.15). Disponível em: <http://www.fzb.rs.gov.br/publicacoes/exemplares.htm>. Acesso em: 09 dez. 2013.

_____. Jardim Botânico de Porto Alegre. **Guia do visitante Jardim**. Porto Alegre: 2008. 100p. (Publicações avulsas da FZB, n.13) Disponível em: <http://www.fzb.rs.gov.br/publicacoes/exemplares.htm>. Acesso em: 09 dez. 2013.

GASTAL, S. Imagem, Paisagem e Turismo: a construção do olhar romântico. **Revista Pasos**. Espanha, v.11, n.3, p.123-133, 2013.

_____. Da Paisagem Natural à Paisagem Cultural. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008, Natal, Anais, 2 a 6 de set, p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0873-1.pdf>. Acesso em: 5 de jan. 2015.

_____. **Turista Cidadão: uma contribuição ao estudo da Cidadania no Brasil.** In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília, Anais, 6 a 9 de set, p.1-15. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/153045190808854777108231357126206582002.pdf>>. Acesso em: 30 abr 2015.

_____. **Turismo, Imagens e Imaginários.** São Paulo: Aleph, 2005.

GASTAL, S; MOESCH, M. **Turismo, políticas públicas e cidadania.** São Paulo: Aleph, 2007.

GRINOVER, L. Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: Dias, C. M. M. (Org.). **Hospitalidade: reflexões e perspectivas.** Barueri: Manole, 2002.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** São Paulo: Loyola, 1993.

HEGEL, G.F.W. **Ciência de la Lógica;** Traduzido do Wissenschaftt der Logik, III, 2, 3, por MONDOLFO, A.R.; 1993. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=hegel+Ciencia+de+la+L%C3%B3gica%3B&rlz=1C1AVNE_enBR648BR648&oq=hegel+Ciencia+de+la+L%C3%B3gica%3B&aqs=chrome..69i57j0l5.1568j0j4&sourceid=chrome&es_sm=122&ie=UTF-8>. Acesso em: 10 jan.2015.

HERBAL FIRE BOTANICALS. **Mentha Piperita.** Imagem.2014. Disponível em: <<https://www.herbalfire.com/peppermint-mentha-piperita.html>>. Acesso em: 02 abr 2015.

HORTAS.INFO. Como plantar Beldroega. Imagem. Blog, autoria desconhecida. Disponível em: < <http://hortas.info/como-plantar-beldroega>>. Acesso em: 02 abr 2015.

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTTMANN, S. *et al* (org.). **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua.** Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

INDURSKI, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M.C.L. Memória e história na/da Análise do Discurso (orgs.). Campinas: Mercado das Letras, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Cidade de Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=431490&search=rio-grande-do-sul%7Cporto-alegre>>. Acesso em 31 mar. 2014.

INSTITUTO DE PESQUISA JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO -Jardim Botânico do Rio de Janeiro: 1808-2008. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.jbrj.gov.br/publicações>>. Acesso em: 01 dez. 2013.

LACAZ, F.A.V.; SATO, L. Humanização e qualidade do processo de Trabalho em Saúde. In: DESLANDES, S. (org.). **Humanização dos cuidados em saúde: conceitos, dilemas e práticas**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

LAPIS, N.L.; MERLO, Á.R.C. A saúde e os processos de trabalho no capitalismo: reflexões na interface da psicodinâmica do trabalho e da sociologia do trabalho. **Revista Psicologia Social**, Porto Alegre, v.19 n.1, p.61-68, Jan-Apr. 2007.

LARA JUNIOR, N. Estudo da Ideologia: perspectivas metodológicas. In: VI Seminário de Estudos em Análise do Discurso – 1983-2013. 2013, Porto Alegre, Anais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, s/p. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/6SEAD/SIMPOSIOS/EstudoDaldeologia.pdf>>. Acesso em: 05 jan.2015.

MACÊDO, K. B. (org.). **O trabalho de quem faz arte e diverte os outros**. Goiânia: Editora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2010.

MAFFESOLI, M. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº15, 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/285/217>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

MARX, K. **O Capital**. Traduzido por: BARBOSA, R. KOTHE, F. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

_____. **Trabalho Assalariado e Capital**. Lisboa: Editorial Avante, 1982. Disponível em: <<http://www.intersindical.inf.br/livros/trabalho%20assalariado%20e%20capital.pdf>> Acesso em: 02 abr.2015.

MATOS, F.J.A. **Farmácias vivas: sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades**. 3ed. Fortaleza: EUFC, 1998.

MAYA, P.V.R. Trabalho e tempo livre: uma abordagem crítica. In: JACQUES, M.G.C., et al.(org.). **Relações sociais e ética**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 31- 47. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/6j3gx/pdf/jacques-9788599662892-07.pdf>>. Acesso em: 01 mai 2015.

MENDES, A.M.B. Aspectos Psicodinâmicos da Relação Homem- Trabalho: as contribuições de C. Dejours. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v.15, n.1-3, p.34-38,1995.

MENDES, A.M.; LINHARES, N.J.R. A defesa como uma estratégia frente ao sofrimento no trabalho: um estudo com enfermeiros de UTI, **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, v. 2, n. 49, p. 267-280, 1996.

MENDES, A.M.; MORRONE, C.F. Prazer e sofrimento psíquico no trabalho: trajetória conceitual e empírica. In: MENDES, A.M.; BORGES, I.; FERREIRA, M.C. (orgs.). **Trabalho em transição, saúde em risco**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

MITTMANN, S. **Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise**. In: II Seminário de estudos em Análise do Discurso - SEAD. 2005, Porto Alegre, Anais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul s/p. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/sead2_simposios.html>. Acesso em: 15 jan. 2015.

MOLINIER, P. Psicodinâmica do trabalho e relações sociais de sexo. Um itinerário interdisciplinar: 1988-2002. **Revista Produção**, Santa Catarina, v. 14, n.3, p.14-26, 2004.

NASCIMENTO, J.M; COSTA, N.F; BISPO, M.S. Âncoras de Carreira para Agentes de Viagens: Um Estudo Exploratório com Base no Modelo de Edgard Schein. **Revista Turismo e Sociedade**. Curitiba, Mestrado em Turismo da Universidade Federal do Paraná, v. 6, n. 1, p. 163-183, 2013.

NASCIMENTO, A.O; SILVA, L; GRECHI, D.C. A atuação do guia de turismo em Mato Grosso do Sul: diagnóstico, aspectos conceituais e perspectivas para o segmento. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembí Morumbi, v.6,n.1, p.23-44, 2014.

OLIVEIRA, C. J. ARAUJO, T.L. Plantas medicinais: usos e crenças de idosos portadores de hipertensão arterial. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiás, v. 09, n. 01, p. 93 - 105, 2007.

ORLANDI, E.P. Análise do Discurso: conversas com Eni Orlandi. In: BARRETO, R. G. **Revista Teias**. Rio de Janeiro, v.7, n.13, 2006.

_____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes: 2001.

_____. **Discurso e Leitura**. 5 ed. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

_____. Exterioridade e Ideologia. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, n.30, p.27-33, jan-jun, 1996.

ORTEGA, S. Rede social de Compartilhamento de Imagens, Pinterest. **Paineira**, 2014. Disponível em: <<https://www.pinterest.com/pin/432627107927030011/>>. Acesso em: 02 abr 2015.

PATRO, R. Portal Jardineiro.net. Conteúdo sob licença da Creative Commons (Portal de compartilhamento de imagens). **Jasmin Manga**, 2014. Disponível em: <<http://www.jardineiro.net/plantas/jasmim-manga-plumeria-rubra.html>>. Acesso em: 02 abr 2015.

PATTERSON, A. Processes, relationships, settings, products and consumers: the case for qualitative diary research. **Qualitative Market Research: an International Journal**, v. 8, n. 2, p. 142-156, 2005.

PÊCHEUX, M. O mecanismo do (des)conhecimento ideológico. p. 143-152. In: ADORNO, T.W et al. **Um mapa da ideologia**. Tradução Vera Ribeiro – Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. 337p.

_____. **Semântica e Discurso – uma crítica a afirmação do óbvio**. Traduzido por Eni Orlandi *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PORTAL TUA SAÚDE. Erva Cidreira. Imagem, 2015, Disponível em: <<http://www.tuasaude.com/erva-cidreira/>>. Acesso em: 02 abr 2015.

RODRIGUES, M. **Jasmim-Manga**. 2011. Disponível em: <<http://algarve-saibamais.blogspot.com.br/2011/06/jasmim-manga-plumeria-rubra.html>>. Acesso em: 02 abr 2015.

SAINT- HILARIE, A. F. C. Prouvençal de Plantes Usuelles des Brasiiliens, p. 63, 1828. In: Tropicos.org, Missouri Botanical Garden, 2015. Disponível em: <<http://www.tropicos.org/Name/3900203>>. Acesso em: 02 abr 2014.

SANTOS, A.P.L.; GALERY, A.D. Controle sobre o Trabalho e a Saúde Mental: resgatando conceitos, pesquisas e possíveis relações. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. São Paulo, v.14, n.1, p.31-41, 2011.

SANTOS, E.A. **O trabalho dos bailarinos profissionais de uma companhia de dança contemporânea: uma perspectiva psicodinâmica**. 129f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Goiás (UCG), Goiania, 2008. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_arquivos/11/TDE-2008-07-18T074728Z-473/Publico/Elise%20Alves%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2015.

SATO, L; BERNARDO, M.H. Saúde mental e Trabalho: os problemas que persistem. **Ciência e Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v.10, n.4, p.869-878, 2005.

SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO DE PORTO ALEGRE. Porto Alegre Travel. Porto Alegre:2014. Disponível em: <<http://www.portoalegre.travel/site/home.php>>. Acesso em: 01 abr. 2014.

SILVA, M. Prefácio. In: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro (Org). **Jardim Botânico do Rio de Janeiro: 1808-2008**. Rio de Janeiro: IPJBRJ, 2008. Disponível em: <<http://www.jbrj.gov.br/sites/all/themes/corporateclean/content/publicacoes/200anos.pdf>>. Acesso em: 2 dez. 2013.

SILVA, R.; BIONDI, D. Fatores motivacionais à visitação de áreas verdes – Estudo de Caso: Jardim Botânico de Curitiba, Paraná, Brasil. **Revista Geografar**. Curitiba Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia UFPR, v.7, n.2, p.26-42, dez. 2012.

SILVA, S.; CARVALHO, P.; TOMÁS, P.M.C. Os jardins no contexto do turismo pós-moderno: o caso de Portugal. **Revista Pasos**, Espanha, v.11, n.4, p.631-647, 2013.

SILVA, L.M.T.; COSTA, B.C.; MEDEIROS, C.A.F. Cultura Organizacional e Qualidade dos Serviços Turísticos: um estudo em restaurantes de Natal/ RN. **Revista Turismo Visão e Ação**, Balneário Camboriú, Mestrado e Doutorado em Turismo da Universidade do Vale do Itajaí, v.12, n.2, 2010.

SILVA, F.F.; LUCIO, E.M.M.; BARRETO, L.M.T. **Treinamento, desenvolvimento e educação de pessoas em turismo: case Disney** **Revista Hospitalidade**. São Paulo, Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, v. 10, n. 2, p. 275-295, 2013.

SIMON *et al.* **As Tramas do Rendar na Subversão do Rendar**. In: V Encontro do Semintur Jr-Caxias do Sul, Anais, 2014. Mestrado em Turismo, Universidade de Caxias do Sul.

SOUTO, C.M.R.; OLIVEIRA, L.M.B. Análise da Satisfação dos Funcionários com as Políticas e Práticas de Recursos Humanos Utilizadas pelas Agências de Viagem e Turismo da Cidade do Recife-PE, Brasil. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v.18, n.1, p.109-124, 2007.

STEFANAN, A.A.; FALLER, L.P.; COSTA, V.M.F. Estruturação de Processos na Área de Eventos: um estudo de caso em uma empresa em Santa Maria – RS. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v.24, n.2, 2013.

TOMAZZINI, T.; MACÊDO, K.B. As vivências dos trabalhadores de um Shopping Center em relação ao seu trabalho: uma abordagem Psicodinâmica. **RGO- Revista Gestão Organizacional**, Chapecó, v.3, n.2, p.210-224, 2010.

TOMAZZONI, E. Educação Profissional em Turismo. Cria-se Mercado pela Formação? **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v.18, n.2, p. 197-219, 2007.

VIDAL, M.P.; SIMONETTI, V.M.M. Comprometimento Organizacional: um estudo de caso no setor de governança hoteleira. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, Universidade Anhembi Morumbi, v.7, n.2, p.111-137, dez. 2010.

YAZIGI, E. Por um novo horizonte profissional do Turismólogo. **Revista Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, v.3.n.3, 2011.

WIKIMEDIA COMMONS. Rede social de compartilhamento de imagens, **Imagem Beldroega**. 2007. Disponível em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Semizotu.JPG>>. Acesso em 02 abr 2015.

ANEXO A – FUNÇÕES DE CONTRATAÇÃO DOS JARDINEIROS DO JARDIM BOTÂNICO DE PORTO ALEGRE

A função de “Agente de Apoio Operacional Jardineiro” têm as seguintes atividades descritas como atribuição: participar das expedições de coleta e exploração botânica; coletar e preparar sementes e material para propagação vegetativa; executar todas as atividades hortícolas necessárias à produção e ao cultivo de plantas; produzir composto orgânico, bem como preparar substratos para cultivo de plantas envasadas; executar podas sanitárias, inclusive dendrocirurgias, podas de formação e condução, além de remoção e/ou transplante de vegetais; executar atividades de manejo de relvados, forrações e gramados; observar os aspectos fitossanitários das mudas e plantas bem como executar as medidas sanitárias e profiláticas indicadas; auxiliar o monitoramento fenológico e dendrométrico das coleções; manusear máquinas e equipamentos necessários ao desenvolvimento das atividades hortícolas e auxiliar na manutenção que se fizer necessária; apoiar e participar das atividades educativas e de divulgação relacionadas à sua atividade; zelar pela boa ordem dos locais de trabalho, observando as normas de segurança e outras vigentes na Fundação; executar outras atividades correlatas ou que lhe venham a ser atribuídas pela Direção, compatíveis com a sua atividade profissional (ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA, 2012).

ANEXO B – Os cenários do Jardim Botânico de Porto Alegre

Fonte: Fundação Zoobotânica, 2009.



Fonte: Fundação Zoobotânica, 2009.

APÊNDICE A – Roteiro para entrevista com os Jardineiros

Passo 1 – Explicar sobre o Termo de Consentimento e tema da pesquisa.

Passo 2 - Perguntas:

1) Como você veio trabalhar no Jardim Botânico?

Abrir com o “como chegou até o JB”?

2) Como é seu dia-a-dia aqui no trabalho desde que você chega?

*Abrir com pergunta sobre o recebimento das tarefas diárias

3) Como é a organização das tuas tarefas?

*Abrir sobre as ferramentas

4) Você conhece as tarefas pelas quais foi contratada?

*Mostrar a tarefa e abrir pergunta sobre a realidade do trabalho

5) As ações educativas do JBPOA, conhece, participa?

*Abrir com o “por quê”

6) Qual é a relação com o visitante que vem no JBPOA, eles te vêem trabalhando? Existe relação?

9) Você costuma opinar em como se deve fazer as tarefas?

10) Como é trabalhar aqui?

11) Como seria o Jardim sem os jardineiros?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e esclarecido

Prezado Entrevistado (a),

Considerando a importância dos trabalhadores que atuam em locais de possibilidade turística, estou elaborando pesquisa sobre a construção dos sentidos do trabalho, no Jardim Botânico de Porto Alegre, onde objetivo compreender os significados das atividades realizadas pelos trabalhadores e as relações com visitantes e colegas. Diante de tal premissa, gostaria de convidá-lo a responder brevemente algumas questões e de sua autorização para usá-las na dissertação que será apresentada no Mestrado em Turismo e Hospitalidade, da Universidade de Caxias do Sul. As informações serão utilizadas somente para fins acadêmicos, não havendo identificação de nomes ou qualquer informação pessoal além das respostas concedidas. Agradeço a atenção e saliento sua contribuição no entendimento da relação trabalho-turismo e hospitalidade.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa:

Nome do Pesquisador Principal: Denise de Souza

Nome do Orientador: Profa. Dra. Luciene Jung de Campos.

1. Através da assinatura do presente termo, ficam cientes os participantes de que foram informados que o estudo será publicado e utilizado em meios online e impresso.
2. Ficam cientes que possuem garantia de receber respostas ou esclarecimentos a respeito de assuntos relacionados à pesquisa.
3. Ficam cientes que têm liberdade para retirar seu consentimento e deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, estando às pesquisadoras cientes.
4. Esta pesquisa não requer esforço ou atividade física, sendo assim não apresenta nenhum tipo de risco à saúde do entrevistado. Será realizada somente com indivíduos maiores de idade e socialmente considerados capazes.

Eu _____, aceito participar desta pesquisa e fui informado dos objetivos acima, de maneira clara e detalhada, recebi as informações sobre a mesma. Estou ciente que poderei solicitar novas informações e desistir da participação se desejar.

() Autorizo a gravação de entrevista realizada no dia _____ de _____ de _____.

Se desejar entrar em contato com as pesquisadoras:

Mestranda Denise de Souza – E-MAIL: des1301@gmail.com e TELEFONE: 51 9924-6548

Dra. Luciene J. de Campos – EMAIL: ljungdecampos@gmail.com

Obrigada por sua participação.

